


---

LETÍCIA BOTTI DE SOUZA



**HOSPITALIDADE E ESPIRITUALIDADE:  
Um estudo de caso em “Mariópolis Ginetta”,  
município de Vargem Grande Paulista – SP**

UNOPAR

**LETÍCIA BOTTI DE SOUZA**

**HOSPITALIDADE E ESPIRITUALIDADE:  
Um estudo de caso em “Mariápolis Gineta”,  
município de Vargem Grande Paulista - SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Norte do Paraná – UNOPAR – como  
requisito parcial para obtenção do grau de bacharel  
em Turismo e Hotelaria.

Curso de Turismo e Hotelaria.

Prof. Orientador – Márcio Saviani

Londrina  
2004

LETÍCIA BOTTI DE SOUZA

**HOSPITALIDADE E ESPIRITUALIDADE:  
Um estudo de caso em “Mariápolis Gineta”,  
município de Vargem Grande Paulista - SP**

COMISSÃO EXAMINADORA

---

---

---

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2004.

## RESUMO

O presente estudo de caso direciona suas pesquisas a uma comunidade cristã, chamada: Mariápolis Ginetta, situada no município de Vargem Grande Paulista (SP). As mariápolis são expressões típicas do Movimento dos Focolares, que está difundido no mundo inteiro, entre várias culturas e religiões. Baseando seus princípios na fraternidade universal, o local recebe muitos visitantes anualmente. A finalidade da pesquisa é detectar seus aspectos atrativos e quais as possíveis motivações de seus visitantes. Objetiva também relatar suas origens, além de relacionar algumas características da sociedade atual e dos modelos turísticos correntes, como possíveis causa da busca por locais como este, que ofereçam oportunidades de vivências espirituais comunitárias. Através de revisão bibliográfica e pesquisa de campo com entrevistas, constatou-se grande interesse por motivos de estudo e pesquisa (relacionados ao projeto “Economia de Comunhão”) e experiências concretas dos valores propostos: amizade, solidariedade, harmonia, etc. As entrevistas revelaram que a Mariápolis Ginetta é modelo em hospitalidade, pois citam a “acolhida”, “os sorrisos”, o “amor desinteressado” e os relacionamentos verdadeiros como elementos marcantes das visitas.

Palavras-chave: hospitalidade, turismo, fraternidade.

## ABSTRACT

The present case study directs its researches to a Christian community, named: Mariápolis Ginetta, located in the city of Vargem Grande Paulista (SP). These towns, the “mariapolis”, are typical expressions of the Focolare Movement, which is spread out in the entire world, including different cultures and religions. Basing its principles in the universal fraternity, the place receives many visitors annually. The finality of this investigation is to identify its attractive aspects and what the probable motivations of its visitors are. Its other objective is to report the origins of the town, besides relating the present society and modern tourism models as possible causes for the search for such places, which offer opportunities to live spiritual communitarian experiences. Through this bibliographic review and field research with interviews, it has been evidenced the great interest for motives of studies and research (related to the Economy of Communion project) and concrete experiences with the suggested principles: friendship, solidarity, harmony, etc. The survey reveals that the “Mariápolis Ginetta” is a model in hospitality, because it mentions the town’s warm reception, the “smiles”, the uninterested love and the true relationships as lasting elements of the visits.

Key Words: hospitality, tourism, fraternity.

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>TEMA E DESCRIÇÃO DO PROBLEMA</b>	<b>8</b>
2.1	JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA	8
2.2	OBJETIVOS	9
2.2.1	Objetivo Geral	9
2.2.2	Objetivos Específicos	9
<b>3</b>	<b>ANÁLISE DA LITERATURA</b>	<b>10</b>
3.1	TURISMO E CONCEITOS	11
3.2	HOSPITALIDADE	16
3.3	O MOVIMENTO DOS FOCOLARES	21
3.4	AS MARIÁPOLIS	23
3.5	A MARIÁPOLIS GINETTA	25
3.6	SEUS VISITANTES	39
3.7	AS MOTIVAÇÕES	42
3.8	TURISMO RELIGIOSO	47
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO</b>	<b>50</b>
<b>5</b>	<b>DESCRIÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>511</b>
<b>6</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS</b>	<b>533</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>58</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os grandes movimentos turísticos surgiram à medida que o capitalismo se desenvolveu e por isso carregam o peso de uma cultura caracterizada pela concorrência, individualismo, sensação de vazio, ausência de valores coerentes, de idealismos. Todas as relações são marcadas pela busca do lucro, desprezando o fator humano.

Entretanto, o homem é um ser social e por essência, realiza-se somente à medida que está em contato com outros que possam dar-lhe afeto, acolhida e preocupação verdadeira com seus interesses, até a medida deste poder retribuir da mesma maneira. Estes são os princípios da hospitalidade, um tema antigo e ao mesmo tempo atual, abordado neste estudo de caso como atrativo de um local peculiar: a Mariápolis Ginetta, situada a 47 km de São Paulo, capital. É uma comunidade cristã que, em poucas palavras, procura vivenciar na prática os ensinamentos recebidos. Sua convivência fraterna atrai muitos visitantes anualmente, que vão a busca de valores espirituais mais profundos e de conhecer as atividades que se desenvolvem no local.

Os objetivos principais do trabalho têm a pretensão de descobrir quais são os fatores atrativos e motivadores das visitas e o que experimentam estes visitantes.

A pesquisa de campo, feita através de entrevistas, comprova impressões positivas sobre o local.

É, pois, uma abordagem não convencional sobre o turismo, porque enfatiza que, da forma como este vem sendo desenvolvido, muitas vezes de maneira

exploratória das belezas naturais, das culturas e do ser humano, promove sua autodestruição. É uma abordagem que está voltada para a valorização de relacionamentos verdadeiros, a solidariedade e a construção de um mundo melhor, sob o exemplo da comunidade pesquisada



## 2 TEMA E DESCRIÇÃO DO PROBLEMA

O tema deste trabalho é: “Hospitalidade e Espiritualidade: um estudo de caso em Mariápolis Ginetta – município de Vargem Grande Paulista – SP”. Pretende entender quais os motivos que levam pessoas a visitarem um local, como Mariápolis Ginetta, que é conhecido pela forte vivência espiritual dos habitantes e pela sua grande capacidade acolhedora, baseada em princípios cristãos.

### 2.1 JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO TEMA

Três fatores determinaram a escolha deste assunto:

Em primeiro lugar, a idéia de realizar um estudo sobre este local, partiu de uma experiência vivenciada pela pesquisadora em uma das comunidades do Movimento dos Focolares, que também recebia um grande número de visitantes.

Um outro aspecto importante está relacionado ao curso de Turismo e Hotelaria, que freqüentemente ressalta mais os interesses comerciais das relações turísticas, que seu aspecto humanitário, expressando a mentalidade corrente da sociedade.

E por fim, é como uma confirmação, vivida em primeira pessoa, de que existem outras propostas de uso do tempo livre, pela reflexão e a “caminhada” espiritual, que podem contribuir para restabelecer o equilíbrio emocional, para dar

sentido às atividades desenvolvidas no dia-a-dia e ajudar a enfrentar as pressões sofridas.

## 2.2 OBJETIVOS

### 2.2.1 Objetivo Geral

- Analisar o fenômeno de atração de visitantes da comunidade Mariápolis Ginetta, localizada no município de Vargem Grande Paulista, Estado de São Paulo.

### 2.2.2 Objetivos Específicos

- Conceituar turismo e hospitalidade com uma abordagem focada na valorização do ser humano.
- Estudar algumas características da sociedade atual, que podem influenciar os comportamentos e a busca por destinos espiritualizados, como Mariápolis Ginetta.
- Descrever as origens do local e sua organização.
- Relatar seus aspectos atrativos e a sua estrutura receptiva.
- Tentar classificar a atividade em um segmento turístico.
- Analisar a demanda existente no local com enfoque sobre suas motivações.

- Pesquisar sobre os interesses e impressões dos visitantes com relação a Mariápolis Ginetta.

### 3 ANÁLISE DA LITERATURA

Mariápolis Ginetta é o nome de uma comunidade cristã, mantida pelo Movimento dos Focolares<sup>1</sup> e reconhecida pelo seu modo característico de vida, que recebeu, só no ano passado, mais de 14.800 visitantes. Situa-se no município de Vargem Grande Paulista, no Estado de São Paulo, precisamente localizada na Rodovia Raposo Tavares e distante 47 quilômetros da capital. É reconhecida oficialmente pelo município como bairro, mas tem suas características próprias.

As Mariápolis são expressões características do Movimento dos Focolares, hoje conhecido mundialmente. Nasceram como parte de um grande objetivo: o mundo unido e por isso, alimentam um projeto societário em que a fraternidade é a base de todas as relações.

As visitas ao local têm os mais variados objetivos, sendo realizadas individualmente ou em grupo, por pessoas de várias procedências, que permanecem ali por tempo determinado ou indeterminado. Seguem-se algumas definições, que são como premissas para o entendimento da relação do turismo e da hospitalidade com a Mariápolis Ginetta, objeto de estudo deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Movimento de renovação espiritual, nascido em Trento (Itália) em 1943, dentro da Igreja Católica e hoje difundido no mundo todo, inclusive entre outras religiões e culturas.

### 3.1 TURISMO E CONCEITOS

A Organização Mundial de Turismo (OMT), definiu turismo como:

O fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se trasladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital dos locais visitados. (OLIVEIRA, 2001, p. 35).

Este conceito simplificado evidencia a condição essencial para a existência do turismo: a viagem. Porém, o termo *turismo* adquiriu uma conotação mais carregada de significados. Falar em turismo, hoje, pressupõe também elementos essenciais: como planejamento da viagem, transporte, alimentação e hospedagem, sem citar as formas de entretenimento e a segurança de que o turista necessita quando sai de casa.

McIntosh e Gupta (1990, p. 39), confirmam esta questão acrescentando que “o turismo é uma ciência, arte e atividade capaz de atrair, transportar e alojar visitantes, com o objetivo de satisfazer a suas necessidades e a seus desejos”.

E Andrade (2000, p. 38) complementa: “turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais”.

Sendo assim, dizer que viajar é sinônimo de turismo, não condiz mais com a realidade. Andrade (2000, p.18) tem uma visão específica sobre o assunto e retoma o conceito original de turismo:

Nem toda viagem é turística, pois, em virtude de convenção internacionalmente aceita, o turismo responde a determinantes de natureza cambial e econômica ao nível de importação e de exportação, com a mesma mensuração adotada para os demais bens e serviços de qualquer natureza. Por isso, embora todas as viagens importem em deslocamento

físico e espacial e revertam em gastos e lucros, o fenômeno turismo, em sua concepção ideal pura, é um deslocamento realizado por prazer a locais que despertem algum tipo de interesse objetivo ou subjetivo.

Está claro, portanto, que a própria palavra *turismo* é normalmente vinculada à idéia de um segmento de mercado, que por definição é voltado para o lucro – elemento essencial da sociedade capitalista.

Segundo as idéias de Zamagni (2002), o turismo é um fenômeno típico da modernidade. A viagem sempre existiu, enquanto necessidade do homem, principalmente dos povos nômades, porém o turismo tornou-se atividade intensa no tempo atual e a diferença é que neste caso, os viajantes percorrem experiências já consumadas por outros anteriormente e são reféns da indústria do turismo. De fato, com o advento do sistema de fábrica, iniciado pelo fordismo<sup>2</sup>, houve a separação da produção e do consumo, entre os que devem obediência ao ritmo da fábrica e os que têm o tempo livre. A natureza do trabalho foi transformada e as pessoas foram submetidas ao ritmo da produção de massa, que os faz serem tratados como objeto. No mercado de trabalho, já encontram as funções pré-determinadas e para não ficarem desempregados devem adaptar suas personalidades a estas. Nem o socialismo poderia abolir a subordinação do trabalhador à mecanização, que o aliena e o faz consumista por compensação.

Vera Araújo (1997, p. 3) explica o que é consumismo:

[...] O consumismo é um modelo de vida, uma forma de ver o mundo, as pessoas e as coisas. [...] O consumista estabelece para si um estilo de vida e uma escala de valores determinados pela quantificação, pela eficiência e pelo êxito; e com o mesmo 'metro' mede também as suas relações

---

<sup>2</sup> Denomina-se Fordismo o tipo de produção iniciada nas fábricas de automóveis de Henry Ford no fim do século 19, início do século 20. A novidade desse método era que ele permitia a produção em massa. Não se fazia mais um automóvel por vez, mas as peças eram trazidas em correias até os operários e montadas em setores diferentes da linha de produção. (COMPTON'S..., 1995, cd-room).

humanas. [...] Não consiste somente no uso errado das coisas, mas também faz com que as pessoas se tratem como coisas.

E Zamagni (2002) continua sua crítica dizendo, porém, que hoje existe uma escassez do tempo para consumo. Até mesmo os eletrodomésticos são feitos para facilitar neste sentido. A satisfação do consumo de um produto deve ser imediata para dar lugar a uma nova necessidade e conseqüentemente novo consumo de bens e serviços. O trabalho, ao contrário do que se teorizava, preenche sempre mais o tempo das pessoas.

Dr. Marvin Cetron (2003, p. 24) completa este pensamento quando conta que “os analistas uma vez imaginaram que os computadores tornariam possível reduzir a jornada semanal de trabalho, permitindo que tivéssemos mais tempo para o lazer<sup>3</sup>”. Mas ocorreu o contrário. As organizações diminuíram o número de funcionários, provocando acúmulo de trabalho a ser executado por menos gente. “Os custos elevados e os salários estagnados levaram algumas pessoas, que antes preferiam ficar em casa, a se juntarem à força de trabalho”. Os empresários têm jornada de trabalho mais longa do que o restante da população, com preocupações constantes. O tempo livre é, agora, gasto nos escritórios e fábricas e o lazer está se tornando cada vez mais esporádico.

A discussão sobre tempo e trabalho é antiga e vários autores discordam sobre a diminuição do tempo livre. O fato é que ocorreu uma grande mudança nos valores e no comportamento da sociedade atual, caracterizada pela velocidade dos acontecimentos e a concorrência excessiva. Isso faz com que as pessoas estejam sempre preocupadas com suas próprias necessidades, elegendo

---

<sup>3</sup> Ócio, descanso, folga, vagar; senso do prazer e da volúpia. (FERREIRA, 1975, p. 825).

suas prioridades. Com o turismo não é diferente, pois sofre influências diretas do consumismo. Rodrigues (2001, p. 26), usa uma expressão forte para referir-se a este problema:

Esse tempo é expropriado pela sociedade de consumo de massa que cria novas necessidades. A necessidade imperiosa de viajar é fabricada, sendo incorporada mercadologicamente ao rol das necessidades básicas do homem.

E Haulot (2002, p. 79 – 80), citando uma publicação da “Revue de L’Académie Internationale du Tourisme”, complementa:

Os sobressaltos cada vez mais violentos que marcam uma sociedade francamente orientada somente pelo conceito de produção – consumo – ganância estão presentes para atestar que nossa inquietação e nosso combate não estão dirigidos por certos mandantes aleijados das massas. É nas próprias massas de onde nasce e se propaga esta rejeição a serem tratadas essencial e exclusivamente como “feras para adquirir”. Por virtude (rara palavra...) da amplitude dos interesses financeiros que suscita, o turismo se converte em um novo elemento desta exploração.

Aprofundando-se sobre este assunto, a autora Ana Fani Alessandri Carlos (1999, p. 25) considera que o turismo e o lazer na sociedade moderna perdem sua espontaneidade, “busca do original como parte do cotidiano”, e passam a ser elementos de desenvolvimento da sociedade de consumo, que transforma tudo em mercadoria. E continua:

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o ‘espetáculo’ para uma *multidão amorfa* mediante a criação de uma série de atividades que conduzem para a passividade, produzindo apenas a ilusão de evasão, e desse modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação e a dos outros (CARLOS, 1999, p. 26).

Na opinião de Maria Genny Caturegli, no prefácio do livro “O comportamento do consumidor no turismo”: “A indústria do turismo tornou-se refinada na arte de atrair e persuadir os consumidores para comprar seus produtos, valendo-se de descrições plenas de magia para seduzi-los”. Entretanto – enfatizam

seus autores: Swarbrooke e Horner (2002, p. 19) –, “ela (a indústria do turismo) deveria deixar de pensar no volume de vendas, voltando-se para a qualidade das experiências que os turistas trazem ao regressar de suas viagens”.

O foco das relações turísticas, portanto, deixa de ser o ser humano, para significar *status* para quem consome e lucro para quem vende. Todas as relações tornam-se comerciais.

Entretanto, o turismo não se resume a isso. Existem várias qualidades que a atividade propõe que precisam ser resgatadas e colocadas em relevo. A comunidade estudada neste trabalho dá o exemplo de como inverter os padrões de comportamento citados, colocando em primeiro lugar o próprio homem e incentivando relacionamentos verdadeiros entre as pessoas.

Por ocasião da abertura, em Madrid, da Primeira Assembléia Geral da Organização Mundial de Turismo, o senhor José López Henares, na época subsecretário de Turismo e presidente da Comissão Nacional de Coordenação confirmava a vocação espiritual e humanista do turismo nos seguintes termos:

Estamos convencidos de que o turismo, enquanto fenômeno social amplamente difundido no mundo inteiro, será indicado na história da humanidade como um dos acontecimentos que determinam a conformação da vida e do pensamento dos homens. Como as invenções da imprensa, do motor de explosão e da eletricidade provocaram uma conduta diferente do homem e orientaram o curso da história para novos horizontes, o turismo de grandes multidões, a invasão pacífica dos países receptores por milhões de visitantes, gera um intercâmbio de experiências, um conhecimento recíproco entre culturas e povos, um enriquecimento espiritual pela observação direta de outras formas de vida, de outros costumes, um descobrimento dos valores ocultos das raízes comuns a toda a humanidade. Tudo isto servirá para que desapareçam as xenofobias instintivas e irracionais e contribuirá a esta peregrinação insistente, às vezes difícil, às vezes dramática, para o objetivo dourado da paz, a concórdia e o entendimento entre os povos. (HAULOT, 2002, p. 20).



A proposta da Mariópolis Ginetta é, pois, uma novidade, no sentido de que pretende realizar esta categoria de turismo, que enriquece e unifica, que vai contra as tendências do mercado e da sociedade contemporânea.

A ligação do turismo à abordagem feita anteriormente, diz respeito à sua característica conceitual de atividade que requer o tempo livre. Para Zamagni (2002) ainda, o turismo se propõe hoje a um grande desafio, aquele de equilibrar trabalho, consumo e tempo livre. Trata-se de pensar o novo turismo como uma atividade capaz de gerar bens relacionais, aqueles que fazem parte do capital social de uma determinada área geográfica. É necessário valorizar as diversidades culturais e a variedade dos estilos de vida das pessoas.

A viagem deve ser, então, uma ocasião de crescimento recíproco, de encontro com o ambiente (a natureza, a cidade) e com as pessoas. Deve gerar um conhecimento maior sobre si mesmo, no confronto com os outros e conhecimento dos outros, sem qualquer intenção egoísta, que é possível somente com uma postura de respeito e de responsabilidade. Como afirma Rodrigues (2001, p. 28), “o importante não é o percurso, mas são as experiências vivenciadas no percurso (...)”.

### 3.2 HOSPITALIDADE

Quando se trata de valorização do ser humano no turismo, é oportuno utilizar-se de um conceito ainda recente, porém muito adequado ao tema: a hospitalidade.

Collin *apud* Camargo (2004, p. 52) define a hospitalidade como “cuidar bem de seus convidados” e por isso leva uma conotação abrangente, da qual o turismo é apenas uma das suas áreas de atuação. O termo tem-se difundido muito devido à busca de qualidade em todas as empresas prestadoras de serviço e por isso, a palavra hospitalidade não se refere somente a turismo. Ela pode abranger pessoas que saem para beber alguma coisa ou até uma cidade que planeja a recepção dos visitantes com sinalização adequada de trânsito.

Nas palavras de Camargo (2004, p. 52), um dos primeiros a escrever sobre hospitalidade no Brasil, “hospitalidade pode ser definida como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural”.

Camargo (2004) explica que a hospitalidade existe desde a pré-história, quando a população do planeta era relativamente pequena e encontrar outros grupos de seres humanos requeria um ritual de acolhida especial. Distingue, pois, dois tipos de hospitalidade: o tradicional, que tem seu fundamento nas grandes religiões e na tradição comportamental dos povos, a sua maneira; e a hospitalidade moderna, que tem uma visão mais comercial, voltada para a qualidade, que pretende usá-la como ferramenta para atrair e fidelizar clientes.

A hospitalidade foi e ainda é princípio básico de um grande número de ordens religiosas católicas, desde os primeiros beneditinos cistercienses, cujos mosteiros até hoje cultuam as regras originais da hospitalidade e muitos deles vêm mesmo se transformando em hotéis e pousadas, até as mais recentes ordens e congregações religiosas. De resto, a noção de hospitalidade coaduna-se com os princípios básicos de todas as religiões e todas elas, sem exceção, têm um lugar de destaque para a idéia de hospitalidade. (CAMARGO, 2002, p. 5 e 6).

É sobre a “hospitalidade tradicional”, citada anteriormente, o enfoque deste estudo de caso; não por estar ligada à idéia de religião, mas por ser, acima de tudo, a essência do ser humano, algo que é intrínseco a si mesmo, porque é próprio de sua espécie viver em sociedade. É de senso comum que nenhuma pessoa é feliz sozinha, mas sente-se bem quando proporciona o bem ao outro, quando acolhe o outro. É uma lei natural.

Luis Fernando Medeiros de Carvalho *apud* Camargo (2002, p. 6 e 7) comprova estes princípios quando fala de “um espaço de compaixão” criado pela hospitalidade, “paixão pelo outro, num jogo que tem conflitos, mas que, pouco a pouco, eles possam ser transformados numa experiência de abertura.”

Na presença de outro ser humano, estamos em face de um outro mundo interior, povoado de segredos, de memórias, de temores e de sonhos. [...] Só com uma relação de proximidade é possível abraçar verdadeiramente a aventura da descoberta, da realização e da superação de nós mesmos. A hospitalidade então se apresenta como experiência fundamental, constitutiva da própria subjetividade, devendo como tal ser potenciada em todas as suas modalidades e em todos os contextos de vida. (BAPTISTA, 2002, p. 158).

É, pois, um preceito que vale para as relações interpessoais de um modo geral e que no turismo tem papel fundamental, pois quem viaja para um local que não conhece, quer sentir-se bem ali, não como um intruso. Grinover (2002, p. 28), reconhece que “a troca de determinados valores entre visitado e visitante proporciona uma enorme riqueza de conhecimentos, modificando sua visão de mundo e acrescentando valores inconfundíveis ao relacionamento humano”. Essas mudanças permitem “novas configurações sociais e culturais”.

E abrange todos os ambientes:

Constituindo, pois, um modo privilegiado de relação com o outro, condição de urbanidade e de civilidade, as práticas de hospitalidade deverão marcar todas as situações da vida, ou seja, a hospitalidade não deverá ficar

circunscrita à disponibilidade para receber o turista, o visitante que chega de fora e está provisoriamente na cidade. Pelas razões de ordem ética enunciadas anteriormente, é necessário alargar a atitude de acolhimento e de cortesia a todo o próximo, seja ele o vizinho, o colega de trabalho ou qualquer outro que no dia-a-dia cruza o nosso caminho. (BAPTISTA, 2002, p. 162).

Esta é também a proposta da comunidade animada pelo Movimento dos Focolares, a Mariápolis Ginetta: um local, onde a hospitalidade é natural, não porque “fideliza clientes” ou “porque dá lucro”, mas porque é a “lei” do local. Esta “lei” se baseia no amor ao próximo, que é a essência do cristianismo, mas também da hospitalidade, enquanto expressão do homem na forma de relacionar-se com os outros. Em contato com o cotidiano e com a vida encontrada no local, os visitantes sentem-se tão bem vindos e tão bem “acolhidos” que a consequência disto é a reciprocidade e o reflexo no seu comportamento também fora dali, como disse Valentina Vasseti, uma jovem italiana, entrevistada durante a pesquisa:

(Encontrei) uma acolhida muito boa, com os braços abertos, porque são muito bons, e se vê que te dão mesmo muita solidariedade, amor, também nas coisas. [...] me transmitiram alguma coisa, que me tocou, que me fez sorrir, que me fez pensar e refletir sobre certas coisas. [...] Porque agora digo: se tivesse que ir embora agora, levo uma boa bagagem da Mariápolis Ginetta, [...] mesmo se é totalmente diferente da vida italiana, porém me transmitiu muito amor. Mesmo se é muito, digamos, católica, e eu não acredito em nenhum deus, nenhum ideal, entretanto creio no amor que eles podem dar. Isso eu respeito, mas não compartilho; mas compartilho tantas outras coisas que são também boas. (VALENTINA VASSETI. Entrevistada em 23/10/2004).

A existência de locais como este, que proporcionem a prática da fraternidade, é um imperativo para os dias de hoje:

Ao tentar sublinhar a dimensão ética da hospitalidade procura-se evidenciar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade onde, do nosso ponto de vista, surgem a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária. Sem a capacidade de sermos tocados, física e espiritualmente, pelos acontecimentos que expõem a vulnerabilidade do outro, qualquer esforço racional será inútil. As tragédias humanas que continuam a marcar o nosso tempo lembram-nos exatamente isso. E a hospitalidade, por ser experiência de contato e de relação, permite que essa sensibilidade se torne possível. (BAPTISTA, 2002, p. 158 e 159).

Percebe-se ainda, na leitura de Isabel Baptista (2002, p. 160 e 161) que a hospitalidade rompe com o egoísmo e com o individualismo e continua seu discurso com uma crítica à sociedade contemporânea que faz da vida “uma procura desenfreada pela felicidade”; uma felicidade, porém, “inspirada nos princípios do utilitarismo<sup>4</sup>, exalta a procura pelo máximo de felicidade com o menor custo para o maior número de pessoas. Não admira, pois, que o preço a pagar seja a permanente insatisfação dos indivíduos”.

A autora enfatiza seu pensamento concluindo que:

A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana. Portanto, é urgente transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade. Não uma hospitalidade convencional ou artificial, reduzida a um ritual de comércio e falsa cortesia, mas uma hospitalidade ancorada no carinho e na sensibilidade que só podem ser dados por outra pessoa. (BAPTISTA, 2002, p. 162).

Entretanto, como é possível, nos dias de hoje, “transformar os espaços urbanos em lugares de hospitalidade”? Como é possível criar espaços “que proporcionem a prática da fraternidade” de modo concreto?

O Movimento dos Focolares, com suas “cidadezinhas”, tenta dar resposta a estas perguntas, sendo como um modelo de convivência e de hospitalidade para o mundo contemporâneo.

---

<sup>4</sup> Doutrina moral cujos principais representantes são os ingleses Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) e que põe como fundamento das ações humanas a busca egoística do prazer individual, do que deverá resultar maior felicidade para maior número de pessoas, pois se admite a possibilidade de um equilíbrio racional entre os interesses individuais. (FERREIRA, 1975, P. 1434).

### 3.3 O MOVIMENTO DOS FOCOLARES

O Movimento dos Focolares está difundido em 198 países e seus aderentes superam a casa dos cinco milhões de pessoas, de raças, culturas e línguas diferentes. São pessoas das mais diversas profissões e condições sociais, tradições cristãs, religiões e crenças, que se empenham em trabalhar e viver por um mundo mais solidário, um mundo unido<sup>5</sup>.

Surgiu em Trento, uma cidade ao norte da Itália, no ano de 1943, quando a Segunda Guerra Mundial parecia destruir tudo. Uma jovem chamada Chiara Lubich<sup>6</sup> e suas companheiras, descobrem em Deus<sup>7</sup> uma esperança nova, uma força maior que nenhuma bomba poderia destruir. Uma idéia comunicada e logo partilhada por muitos. O Evangelho<sup>8</sup> então, é redescoberto como uma revolução pessoal e coletiva que cura divisões, conflitos e diferenças sociais. Baseado-se nos ensinamentos ali contidos, Chiara intuiu um projeto de unidade universal pelo qual valia a pena dar a vida.

Nasce, assim, um movimento de renovação espiritual e social.

Desde o início as pessoas o chamaram de *Focolares*<sup>9</sup> pelo "fogo" do amor cristão.

---

<sup>5</sup> Movimento dos Focolares. Disponível em <<http://www.focolare.org/br/>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

<sup>6</sup> Italiana, da região de Trento, é fundadora e atual presidente do Movimento dos Focolares. Hoje é reconhecida como líder e personalidade de grande importância não só no âmbito do Movimento dos Focolares, mas também por Estados, instituições não governamentais, Igrejas não-católicas e organizações de religiões não-cristãs, além de universidades de vários países. Ver premiações concedidas a Chiara em <<http://www.focolare.org/br/>> .

<sup>7</sup> Na doutrina católica (Apostólica Romana), acredita-se que "há um só verdadeiro Deus eterno, imenso e imutável, incompreensível, todo-poderoso e inefável", porém são "Pai, Filho e Espírito Santo: Três Pessoas" diferentes, "mas uma Essência, uma Substancia ou Natureza absolutamente simples" (Catecismo da Igreja Católica, 1993, pág 64), que segundo o Evangelho de João, é "Amor". (*João* 1, 4-8).

<sup>8</sup> Do grego, "Boa Nova". Doutrina de Cristo; cada um dos quatro principais livros do Novo Testamento. (FERREIRA, 1975, P. 593).

<sup>9</sup> Em italiano quer dizer lareira, fogo no lar.

Sua espiritualidade, quando vivida, derruba o ódio, o rancor, destrói o egoísmo do próprio eu para abrir-se ao outro, fazendo circular bens materiais e espirituais. A reciprocidade do amor até o ponto de construir a unidade é, portanto, seu objetivo principal, um instrumento para transformar a sociedade, com influência positiva no mundo da economia e do trabalho, da política, da justiça, da saúde, da cultura, da comunicação social e em todas as áreas do conhecimento.

Segundo Chiara Lubich<sup>10</sup>, fundadora e presidente, “(...) esta espiritualidade comunitária não está necessariamente ligada ao Movimento dos Focolares. É universal e pode ser vivida por muitos”. Além dos católicos, muitos cristãos de diversas igrejas; fiéis de outras religiões e pessoas de convicções diferentes se interessam.

Em ocasião da entrega do prêmio UNESCO de Educação para a Paz (1996), Chiara Lubich, em seu discurso, disse:

Ele (o Movimento dos Focolares) se situa em uma nova linha de vida, um estilo novo abraçado por milhões de pessoas que, inspirando-se fundamentalmente em princípios cristãos – não descuidando e, sim, pondo em evidência, valores paralelos presentes em outros credos e diferentes culturas – trouxe a este mundo, carente de encontrar ou de consolidar a paz, justamente a paz, e unidade. Trata-se de uma espiritualidade nova, atual e moderna: a Espiritualidade da Unidade (...). Ela não é vivida apenas individualmente, mas por uma multiplicidade de pessoas juntas. De fato, possui uma nítida dimensão comunitária. (LUBICH. 2003, p. 51 e 52).

---

<sup>10</sup> Movimento dos Focolares. Disponível em <<http://www.focolare.org/br/>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

### 3.4 AS MARIÁPOLIS

Desde os primeiros anos do Movimento dos Focolares, se faziam reuniões para transmitir a outras pessoas a nova espiritualidade que uma pequena comunidade já colocava em prática. As chamadas Mariápolis<sup>11</sup> tornaram-se, então, encontros característicos do Movimento e “nasceram de um modo simples e espontâneo”, conforme narra Leite (1998, p. 24):

Era o mês de julho de 1949, seis anos após o início do Movimento, quando, por sugestão do bispo de Trento (Itália), Chiara Lubich e suas primeiras companheiras foram passar uns dias de férias nos arredores de Trento, sua cidade, nas montanhas de Tonadico (Alpes italianos). Foi um período de restabelecimento físico, mas, sobretudo de uma vivência espiritual profunda que envolveu todo o grupo. No ano seguinte, 1950, pensaram em repetir a experiência, mas desta vez o pequeno grupo não estava só. Ao redor da pequena e rústica casa de montanha onde estavam hospedadas vieram outras pessoas, desejosas de fazer a mesma experiência.

E assim, a cada ano, sempre nos meses de verão na Europa, o número de pessoas ia aumentando gradativamente, continua Leite (1998, p. 24). “Em 1955 essa convivência, essas férias originais receberam o nome de *Mariápolis*, ou seja “cidade de Maria<sup>12</sup>”.

Em 1959 o número de participantes chegou a 12 mil pessoas, de 24 países diferentes e assim nos anos seguintes a experiência se multiplicou em diversos países da Europa com uma duração bem menor, isto é, de uma semana. Em 1961, foi realizada a primeira Mariápolis fora da Europa, justamente no Brasil, em Garanhuns (PE).

---

<sup>11</sup> “Cidade de Maria”.

<sup>12</sup> Mãe de Jesus. (*Lucas 1, 27-31*).



Uma intuição confirmava o desejo de todos os participantes das Mariápolis dos anos anteriores: que, de alguma forma, o espírito de fraternidade ali presente pudesse tornar-se estável, para mostrar ao mundo um esboço de sociedade renovada pela prática do Evangelho. Chiara assim descreve:

Transcorremos as férias no verão de 1962 na Suíça, perto de Einsiedeln, uma cidade construída em torno de um imenso santuário mariano e do mosteiro beneditino anexo. Observando essas construções do alto de uma colina, entendi que, no movimento, deveria surgir uma cidade, formada não por uma abadia ou hotéis, mas por casas, locais de trabalho, escolas e fábricas, como uma cidade comum. Admirando depois os chalés suíços, imaginávamos que as casas dessa cidade seriam feitas mais ou menos daquele modo. (DAL BELLO, 1995, P. 16).

Surgiram então, as **mariápolis permanentes**, que de acordo com Mário Dal Bello (1995), difere das outras cidadezinhas cristãs existentes no mundo, pois ali existe a vida, a concretização das palavras. Por isso é aberta não só às diversas vocações do movimento, nem somente a católicos, mas também a todas as confissões cristãs, a pessoas de outras religiões e aos que não têm uma fé religiosa.

São verdadeiras cidades, com ruas, canteiros de obras, fábricas, escolas onde se trabalha colocando em comum o que se recebe, sem ganância, mas também sem desperdício, “porque cada habitante deve ser como uma flor que absorve da terra a quantidade de água e nutrientes de que necessita para viver, a fim de ser ela mesma”, observa Chiara, apud Dal Bello (1995, p. 17). Procuram também exprimir na arquitetura e na beleza a mesma harmonia dos relacionamentos ali construídos, de modo que os visitantes, só ao verem, já percebiam que ali existe algo de diferente das cidades convencionais.

A primeira mariápolis permanente, Loppiano<sup>13</sup>, começou em 1965. Surgiu – assim como as outras cidadezinhas que vieram depois – por causa da generosidade de pessoas como Vincenzo Folonari<sup>14</sup> (que havia doado uma antiga casa de campo de sua herança), de outros jovens e de famílias inteiras dispostas a construir estradas, casas e a restaurar velhas construções coloniais, porque tinham a certeza que contribuía para algo importante.

Hoje, nos cinco continentes são 33 as cidadelas do Movimento dos Focolares. Cada uma tem suas características próprias, porém continuam semelhantes em seu objetivo: de serem como um “laboratório” de fraternidade, demonstrando ao mundo que é possível um mundo melhor, porque ali ele já é realidade<sup>15</sup>.

### 3.5 A MARIÁPOLIS GINETTA

Difundindo-se, o Movimento encontrou adesão também entre o povo brasileiro. Para seguir de perto as comunidades que iam surgindo, veio morar no Brasil, em 1959, um grupo de pessoas consagradas, chamados de “focolarinos<sup>16</sup>”,

---

<sup>13</sup> Situada nas colinas da região Toscana, próxima a Florença, no município de Incisa Val d'Arno (Itália). (Movimento dos Focolares. Disponível em: <<http://www.focolare.org/br/sif/2004/pt20041029a.html>>. Acesso em: 09 nov. 2004).

<sup>14</sup> (1931-1964). Nasceu na região de Brescia, Itália e tornou-se importante colaborador na fundação do Movimento dos Focolares, principalmente em relação às atividades direcionadas aos jovens, adolescentes e crianças. (Loppiano. Disponível em: <<http://www.loppiano.it/eletto.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2004).

<sup>15</sup> Movimento dos Focolares. Disponível em <<http://www.focolare.org/br/>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

<sup>16</sup> Denominação dada às pessoas leigas que se consagram e escolhem viver segundo a Espiritualidade da Unidade, do Movimento dos Focolares. Existem os focolarinos casados e os não-casados.

que deram sua vida pelo ideal da Unidade. Entre eles estava Ginetta Calliari<sup>17</sup>, que era uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich.

Com o desenvolvimento das comunidades da Região Sudeste, tornou-se necessária a construção de um local para realizar suas reuniões e seus encontros, um Centro de Formação para os membros do Movimento e em 1967 foi fundada uma mariápolis permanente no município de Vargem Grande Paulista (SP), chamada no início de Mariápolis Araceli.

Ginetta Calliari conta como foi:

Iniciou-se num terreno onde existia somente uma casa de pau-a-pique, sem água e sem luz elétrica, longe de tudo. Éramos um pequeno grupo de moças e, mais tarde, de rapazes, com um grande ideal: realizar o sonho de Chiara de concretizar, numa cidade, o projeto de uma sociedade alicerçada na fraternidade e na igualdade. A única lei, o mandamento novo de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (*João* 13, 34). O nosso meio de sustento era o cultivo de verduras, que vendíamos nas redondezas. Apesar das dificuldades que toda fundação comporta, a certeza de que ali deveria surgir esta cidade nos deu a coragem de ir em frente, dia após dia, com a ajuda extraordinária da Providência de Deus, que chegava sempre no momento certo, fazendo-nos experimentar a sua paternidade. (LINS; POMPERMAYER, 2001, p. 22).

A cidade cresceu e muitos fatos extraordinários contribuíram para seu desenvolvimento. Ivone Bortolatto, uma das primeiras habitantes da Mariápolis, conta, em entrevista, alguns destes fatos e destacam quais foram as fontes de recursos utilizadas para sua construção: o trabalho, a comunhão de bens<sup>18</sup> e a Providência Divina<sup>19</sup>:

---

<sup>17</sup> Nasceu em 15 de outubro de 1918 e faleceu em 8 de março de 2001. Foi uma das fundadoras do Movimento dos Focolares no Brasil.

<sup>18</sup> Procura-se imitar, conforme os meios modernos, a prática dos primeiros cristãos em que “ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns [...] Não havia, pois, entre eles, necessitado algum”. (*Atos dos Apóstolos* 4, 32-34).

<sup>19</sup> Os membros do Movimento dos Focolares “confiam na Providência de Deus, que dá o necessário àqueles que procuram o seu reino. Esses se empenham em atuar as palavras de Jesus que afirmam: ‘Olhem os pássaros do céu: não semeiam, nem plantam, nem trituram os grãos, porém o Pai celeste os nutre. Vocês por acaso não são mais importantes que eles?’ (*Mateus* 6, 26). [...] ‘Procurem

Então a primeira fonte de recurso para construir a Mariápolis foi o nosso trabalho. Eu me lembro que naquele tempo, vinham os jovens lá de Ourinhos, das cidades, nos finais de semana e traziam barracas. E dentro das mochilas eles traziam enxadas [...] pra limpar para a construção que ia começar. Foi a contribuição espontânea das pessoas do movimento.

Outras pessoas do movimento davam aquilo que podia dar. Todos tinham esse desejo de ajudar a construir essa casa para os membros do movimento, conforme desejo expresso de Chiara a Ginetta [...] que o movimento aqui no Brasil, aqui em São Paulo havia crescido tanto, que precisaria de uma casa para acolher essas pessoas. Que aqui seria um Centro Mariápolis.

[...] Depois, ainda uma terceira fonte de recursos para construir a Mariápolis foi a Providência de Deus. Essa nunca faltou, nunca faltou. [...] Nós estávamos construindo o refeitório e a um certo ponto o empreiteiro chegou e disse que nós estávamos atrasados com o pagamento e que não iam mais continuar, que iam parar a construção. Aí Ginetta nos chamou e disse: “não pode parar a construção. Como é que nós vamos daqui para São Paulo e encontramos um terreno baldio, ao redor da estrada e no dia seguinte uma construção se levantando. Não é possível que as obras dos homens vão para frente e as obras de Deus parem. Não pode parar”. Ela disse: “Olha, vamos pedir a providencia de Deus”. Precisava pagar trinta mil ou trinta milhões de cruzeiros, porque naquela época era cruzeiro. Ele deu o prazo pra gente pagar até na hora do almoço do dia seguinte para não parar a obra. Então eu me lembro que nós ajoelhamos e como Jesus disse no Evangelho: “se dois de vós, se colocarem de acordo, aqui na terra e pedirem em meu nome, ao meu Pai que está nos céus, Ele vos dará”, né. Então vamos pedir: “Eterno pai, em nome de Jesus, nós te pedimos, trinta milhões de cruzeiros, até amanhã na hora do almoço, porque nós precisamos”. Você imagine a nossa ousadia. Pedir e ainda impor condições. Como eu lhe disse, nós não tínhamos carro, não tínhamos telefone. Porque quando precisávamos ir telefonar para alguém, precisávamos ir até Cotia, no telefone público, ficar na fila esperando a telefonista completar a ligação [...]. Então no dia seguinte, às onze da manhã, chega de São Paulo uma focolarina com um telegrama, que vinha do Rio Grande do Sul e que uma família colocava a disposição da Mariápolis trinta milhões de cruzeiros. A mesma quantia que tínhamos pedido. É assim, a nossa construção nunca parou. Sempre foi para frente [...]. Antes era aquele grupinho pequenininho e hoje estamos aí, são 450 pessoas que moram na Mariápolis. (VONE BORTOLATTO. Entrevistada em 24/10/2004).

Ginetta Calliari, conhecida por sua personalidade forte e por sua generosidade, teve sempre papel determinante nos 30 anos em que viveu na cidadela. Após a sua morte, em 08 de março de 2001, a Mariápolis Araceli mudou de nome em sua homenagem. É notável, entre os moradores, a admiração por Ginetta, pela sua fé inabalável e pela sua capacidade de levar outras pessoas a fazerem o

---

primeiro o reino de Deus e a sua justiça e todas as coisas vos serão dadas por acréscimo”.(Estatutos Gerais da Obra de Maria, 1999, art. 23).

bem. Sandra Ferreira Ribeiro, é uma habitante da Mariápolis desde 1991 e em sua dissertação de mestrado de Sociologia, pesquisou sobre a figura de Ginetta e toda a sua influência para a concretização da cidadela. Ela mesma descreve:

[...] Mas no meu caso, o que chamou a atenção foi como uma ética, que eu denominei, “ética da unidade”, como esse modo de se relacionar com as pessoas, que deriva da espiritualidade do Movimento dos Focolares [...] transforma o social. E eu peguei como foco da minha pesquisa, justamente a Mariápolis Ginetta, em todo seu significado, de “cidade-laboratório”, onde os 450 que somos aqui, que vivemos aqui, laboratório [...] de uma sociedade nova, onde a gente quer realmente fazer impregnar todos os nossos relacionamentos sociais, o nosso [...] estilo de vida, impregnar por este ideal da unidade, por esta espiritualidade de comunhão, que é toda extraída dos valores evangélicos, assim como Chiara e suas primeiras companheiras entenderam no início do Movimento dos Focolares. [...] Eu focalizei isso e cheguei a essa conclusão: que Ginetta era realmente uma figura carismática. Nós, no interior do movimento, usamos esta palavra com um determinado significado, que é um significado mais teológico [...]. Em Sociologia, em Ciências Sociais o próprio Max Weber, fala também de carisma, com outro significado. Não tem nada a ver com a Teologia. Inclusive é um significado que nós diríamos até pejorativo, quase, porque a Sociologia ela não faz julgamento de valores [...]. Então ele estudou grandes fundadores de religiões como o Buda, Jesus, mas para ele, um líder carismático é um Hitler, por exemplo, é o Mussolini, quer dizer, ele não faz distinção, obviamente. O carisma é uma qualidade que uma pessoa possui, mas que é atribuída pelo grupo social que está ao seu redor. [...] Então eu via que, no Movimento, além do significado teológico que nós atribuímos, existia sim, também, uma certa tipologia de relações sociais, baseadas no carisma, também do ponto de vista sociológico. Porque, querendo ou não, damos valor àquilo que Chiara fala, acreditamos e por isso nós seguimos o que ela diz. E eu via que de certa forma isso acontecia também com Ginetta aqui no Brasil. Ginetta tinha um poder, uma capacidade de mobilizar o grupo a realizar certas coisas que você diria, em situações normais ninguém faria. Mas acreditava nela. Ela tinha esse poder de arrastar as pessoas. Então, isso é uma relação carismática, também do ponto de vista sociológico. Só que - e é aí que está a novidade, que eu tentei provar na dissertação - que mesmo existindo essa relação de carisma, e, portanto de um grupo de pessoas que acreditam em um líder e o seguem, ao mesmo tempo essa relação não tira a autonomia dos sujeitos. As pessoas continuam sendo elas mesmas, livres de aderir ou não, pessoas pensantes [...] Eram pessoas que a seguiam no que ela convidava a realizar porque acreditavam no carisma, que era o Ideal. Mas ao mesmo tempo eram pessoas que tomavam sobre si a responsabilidade de suas ações [...]. [...] Era uma pessoa radical, não era uma pessoa de “meias medidas”. Ela tinha um ideal e dava a vida por aquilo. E era uma pessoa assim, que parecia que ela não tinha tempo para ela, não tinha tempo a perder. [...] E ela ajudou muito as pessoas a acreditarem, a perseverarem. [...] Uma coisa bonita em Ginetta era esse sentido da cidadania, esse sentido de que a Mariápolis tinha que ser uma “cidade laboratório” em todos os pontos de vista. Não só dos relacionamentos sociais, mas também, de uma convivência cidadina, harmônica. Limpeza das ruas, harmonia dos ambientes ou, por exemplo, responsabilidade social.

[...] Então ela era um tipo assim que mobilizava todo mundo ao amor. Fazia com que todo mundo acreditasse na possibilidade. Porque se é plano de

Deus, todo milagre é possível. (SANDRA FERREIRA RIBEIRO. Entrevistada em 23/10/2004).

Hoje, a Mariápolis Ginetta é a sede nacional do Movimento dos Focolares. Seus 450 habitantes provêm de todo Brasil e até mesmo de outros países: da Itália, de Portugal, de Taiwan, da China, da Alemanha, da Suíça, da Holanda, do Congo e outros.

Todos os que a conhecem, comentam o fator mais marcante: a acolhida, a hospitalidade do lugar e das pessoas:

Em cada ponto aqui da cidade, da Mariápolis, eu me sinto muito bem. É uma atmosfera alegre, de pessoas que no primeiro contato você já sente como amiga, quase como da mesma família. Todos recebem muito bem, é sempre um cumprimento, um sorriso. Então isso você não encontra [...]. Vamos comparar a um condomínio (como eu pensava que fosse, antes) qualquer da cidade. O “Aras Bela Vista”, por exemplo: ruas lindas, flores bem tratadas, como aqui, casas bem cuidadas, só que você não encontra pessoas para começar. As pessoas são reclusas em suas próprias casas. Tem todo aquele sistema de segurança e tal. Se você encontra alguém, não cumprimenta, porque não conhece [...]. Precisa ter muita amizade para cumprimentar. É um conglomerado de casas, enquanto que aqui, tem um liame diferente entre as casas, que é justamente essa unidade, que a espiritualidade dá, né. É muito diferente! E você se sente acolhida aqui, enquanto que em qualquer outro condomínio não. (NEIDE CÂNDIDO BRAZ DA SILVA. Entrevistada em 21/10/2004).

Em 1998 a Prefeitura Municipal de Vargem Grande Paulista, concedeu, em 1998, o título de Cidadã Honorária a Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares e responsável pela existência desta comunidade. No decreto legislativo 4/98, referente à homenagem lê-se:

A Mariápolis Araceli, com as suas finalidades sociais, de formação integral e religiosa deu e dá um grande impulso ao desenvolvimento da nossa cidade, elevando-a no cenário mundial. Jovens provenientes de todos os Estados do Brasil e também do exterior transcorrem períodos de formação aqui na Mariápolis. [...] A Mariápolis Araceli, com o seu testemunho autêntico de sociedade renovada pela lei evangélica do amor, provoca esperança e determinação nas pessoas que trabalham pela paz e pela unidade das sociedades e dos povos. Por tudo isso e, sobretudo pela coragem de Chiara de anunciar que é possível um mundo mais unido quando hoje muitos têm a coragem de anunciar a guerra, o mal, nós, especialmente pela coragem de Chiara, anunciamos que é possível o mundo unido, a sociedade mais fraterna. (ARAÚJO, 1999, p. 65).

Por outro lado, existe também certa crítica com relação à cidadela, por parte de alguns habitantes do município que ainda não conheceram sua realidade. A Dra. Maria Virgínia de Cellis, diretora municipal de saúde, em entrevista explicou:

Eu ouvi [...] os comentários da população daqui, que vêem muito essa diferença dessa cidadela em relação ao município como um todo. [...] Então isso demonstra que a população não sabe como é que funciona o grupo Mariápolis. [...] Porque existe um padrão de vida muito melhor, isso é uma coisa notória. Dentro de todos os bairros de Vargem Grande Paulista é o bairro que tem melhor estrutura. Aqui você tem um grupo de pessoas com um nível de renda muito baixo. A escolaridade está muito baixa. Então, pra eles isso é a diferença. [...] Eu acredito que o Movimento dos Focolares ele não é bem divulgado e da forma certa, né?! [...] Eu acho um movimento muito lindo, eu gosto muito da Chiara Lubich. Apesar de eu não ser religiosa, não tenho nenhuma religião, eu vejo que tem a proposta de trabalhar não só com as palavras, mas com os atos, nos princípios, sendo parte do teu comportamento. Eu entendo muito bem essa filosofia. [...] Porque a Chiara não discrimina. Mas eu acho que tinha que ser mais bem divulgado [...]. (MARIA VIRGINIA R. DE CELIS. Entrevistada em 22/10/2004).

A Mariápolis representa uma diferença com o município de fato, pois Vargem Grande Paulista, parte da região metropolitana de São Paulo, cresceu rápida e desordenadamente ao longo da rodovia; mas não só, a Mariápolis é diferente também de todas as outras cidades, pois existe no local, nas ruas, nas casas, um cuidado com cada detalhe. É comum as pessoas de fora imaginarem que os moradores são ricos, porém, na verdade, tudo foi construído com muito sacrifício. É ainda Ivone Bortolatto que narra:

Aí você vê: as três fontes de recursos foram: o nosso trabalho, a comunhão de bens e a Providência que nunca faltou, nunca faltou. Agora a gente vê a Mariápolis toda bonita, toda harmoniosa. [...] Para que a Mariápolis pudesse espelhar aquela realidade que Chiara nos disse: que Deus não é somente amor, Deus é beleza. Então através da beleza das nossas casas, pudesse espelhar, mostrar ao mundo a harmonia, a beleza que é Deus. [...] Depois você sabe que a lei da Mariápolis é a lei do amor recíproco, né. Então como todas as cidades tem suas leis, a lei orgânica do município, que regulamenta a vida do cidadão, também a nossa Mariápolis tem uma lei,

que é: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei<sup>20</sup>”. E Chiara diz que nem uma criança pode morar aqui nem uma hora se não estiver dentro dessa lei [...]. Então chegou a um certo tempo atrás, eu estava com um grupo de Campinas. Porque tanta gente vem visitar a Mariápolis [...]. E no final do dia, eu perguntei se alguém queria dizer alguma coisa. E um senhor disse: “olha eu sou médico, de Campinas, e quando cheguei aqui, vi tudo muito limpo, tudo bonito, harmonioso, e eu disse: isso aqui deve ser muito rico. De onde será que vem o dinheiro, quem financia, de onde vêm as verbas e comecei a fazer um questionamento dentro, a respeito de tudo. Mas não disse nada a ninguém. À medida que foi passando o tempo, vocês foram me mostrando a Mariápolis, contando a história e eu fui vivendo com vocês esse dia. Agora antes de sair eu não posso ir embora sem falar isso para vocês. Eu cheguei a conclusão de que tudo é bonito, tudo é harmonioso, mas porquê? Porque é uma obra de Deus, porque Deus não faz coisa mal feita. Só pode ser Deus que fez tudo isso” [...].

Um outro entrevistado, o Sr. Francisco de Sales Oliveira, morador de Vargem Grande Paulista e o funcionário mais antigo da Mariápolis, também dá sua contribuição à argumentação:

Gosto de trabalhar lá, viu? Porque lá a turma me quer muito bem, é um lugar de muito respeito. A gente conversa, conta história, mas sempre dentro do limite, né. Porque eu gosto de respeitar os outros, porque respeitando os outros, os outros também respeitam a gente. E assim trabalhei ali bastante tempo. [...] Porque ali começou do nada. De primeiro era pobre e devagarzinho, devagarzinho, Dona Ginetta lutando, lutando, toda vida, toda vida até que chegou [...] e hoje você vê é uma cidade, né. [...] Para quem viu o começo ali, não dizia que ia ficar do jeito que ficou. (FRANCISCO DE SALES OLIVEIRA. Entrevistado em 21/10/2004).

A Mariápolis é mesmo como uma mini-cidade, pois é formada por ruas, por casas (casas de famílias; casas de formação espiritual temporária para jovens; os focolares<sup>21</sup>; casas para os religiosos, sacerdotes e bispos, e até mesmo uma casa para as crianças, aberta no período de férias e de encontros), locais de trabalho (marcenaria, ateliês de artesanato, reciclagem de papel, malharia, etc), uma escola (a “Escola Aurora”, de ensino fundamental), uma moderna Igreja (católica, que recebe também fiéis não-membros do Movimento e de todo os arredores), uma

---

<sup>20</sup> (*Mateus* 18, 20).



editora (“Editora Cidade Nova”, que, além de livros, CDs e cartões, publica também uma revista mensal “Cidade Nova”, com cerca de 30 mil assinantes), uma policlínica (“Policlínica Ágape”), um centro de audiovisuais (“Centro Vita”), as redações de sete periódicos de circulação nacional, uma padaria (Panificadora e Confeitaria “Espiga Dourada”) e indústrias (funcionam atualmente sete empresas no “Pólo Empresarial Spartaco”, que seguem as diretrizes da “Economia de Comunhão<sup>22</sup>”). Todas essas construções têm uma história para se contar, porque foram resultados da soma de esforços dos moradores e dos membros de todo o Movimento dos Focolares.

Entre as várias construções da Mariápolis Ginetta, está o “Centro Mariápolis”, que fica no interior da cidadela e serve como estrutura de apoio aos visitantes. Nele se realizam congressos de formação espiritual e social, de âmbito nacional, para os membros do Movimento ou não e eventos internacionais. Possui 05 salas para eventos simultâneos; a maior delas tem lugares para 500 pessoas e possui equipamentos audiovisuais para todos os tipos de conferência. No setor de hospedagem, são oferecidos 390 leitos, que incluem 32 suítes e 15 apartamentos duplos ou triplos.

A alimentação é servida no refeitório do Centro Mariápolis, famoso entre os freqüentadores pela qualidade das refeições e pela qualidade de atendimento. Café da manhã, almoço e jantar funcionam em sistema de *buffet* e nos

---

<sup>21</sup> Do italiano, “lar”. Neste sentido, é o nome dado a casa onde moram os focolarinos consagrados. Estas casas não são de propriedade destes focolarinos, mas estão a serviço do Movimento dos Focolares e servem de centros de irradiação deste nas regiões em que se encontram.

<sup>22</sup> Projeto lançado por Chiara Lubich em Mariápolis Ginetta em 1991, que propõe um agir econômico ético para as empresas e a divisão do lucro em três partes: para re-investimentos na empresa, para os necessitados e para a formação de “homens novos”, ou seja, conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais igualitária.

intervalos da manhã e tarde, durante os eventos, são servidos também os *coffee-breaks*<sup>23</sup>.

A administração da Mariápolis é feita de uma forma diferente, sem poderes exclusivos, como é normalmente em uma cidade, com o prefeito. Existe uma comissão, que reunindo-se, tomam as decisões em conjunto. A entrevistada Ivone Bortolatto também faz parte desta comissão e descreve como funciona:

Uma coisa importante na Mariápolis é que nada é feito individualmente. [...] Nem no nosso estatuto está previsto um presidente que tem poder. Mas existe presidente e co-presidente. A nossa administração é feita sempre, com no mínimo duas pessoas. Nós temos um conselho administrativo: que é o presidente e o co-presidente. Nós não temos o vice-presidente, nós temos o co-presidente, com poderes iguais que decidem juntos tudo. Mas ao redor desse presidente e co-presidentes existem os conselheiros, [...] que se reúne para decidir as coisas da Mariápolis. Aí tem o conselheiro do aspecto da economia e do trabalho; depois dos aspectos dos relacionamentos; da parte espiritual, da parte mais íntima que é a união com Deus; a saúde física e espiritual, o esporte [...]; a habitação, a parte externa, a harmonia; depois a sabedoria, o estudo e depois os meios de comunicação, a unidade. Então na reunião, esse conselho [...] - existe sempre de dois conselheiros de cada aspecto da nossa vida - então é sempre um masculino e um feminino. Então a presidente, tanto mundial, como regional, será sempre uma mulher, segundo o estatuto. Uma leiga, nunca um padre, um religioso. E o co-presidente será sempre um homem, leigo também. [...] Porque é uma obra leiga. Então no nosso conselho, são sete aspectos. [...] Então são sete conselheiros da parte masculina e sete da parte feminina. Então são catorze, mais o presidente e o co-presidente, são 16 pessoas. Então esse conselho se reúne e traz os problemas referentes ao seu aspecto. Já visto junto. Esses conselheiros, um homem e uma mulher, daquele aspecto já conversaram antes. E juntos decidimos que atitude tomar, como resolver, o que fazer, como aplicar a comunhão de bens. Aquela família está passando dificuldade [...], como nós podemos ajudar? Ou então como levar pra frente esse plano, aquele outro [...] Então isso nos garante que não tem a idéia de um que comanda e os outros obedecem. Porque o princípio do nosso movimento é aquela frase de Mateus 18, 20: "Onde dois ou mais estiverem reunidos entre nós, eu estou no meio deles", porque nós queremos que seja Jesus entre nós que governe. E como eu disse no início, só se nos amarmos é que podemos dar a possibilidade d'Ele fazer isso. [...] Esse é o segredo da Mariápolis.

Na Mariápolis, o local que recebe o maior número de pessoas é a panificadora Espiga Dourada que faz parte da cidadela, mas situa-se bem à beira da

---

<sup>23</sup> Centro Mariápolis Ginetta. Disponível em: <<http://www.cmginetta.org.br/entrada.htm>>. Acesso em 11 out. 2004.

estrada. É referência gastronômica na região pela qualidade dos produtos e principalmente pelo atendimento carinhoso, expressão do “amor ao próximo” vivenciado na Mariápolis, que desperta a curiosidade de muitos clientes. Também a Espiga Dourada foi fruto de muito trabalho e sacrifício, como conta a gerente, Sra. Adriana:

Você vê agora a Espiga Dourada é uma empresa, uma estrutura. Mas ninguém sonhava, ninguém imaginava hoje que devia ter tudo isso. [...] Mas o que sentia que na Espiga tinha alguma coisa que atraía, que era? As perguntas que os clientes chegavam aqui e faziam. Falam assim: “Agora me desculpe, mas onde é que você faz um treinamento para atender bem assim, com aquele sorriso e tudo?” E a gente dizia: “Olha a gente procura fazer aos outros aquilo que você gostaria que fosse feito a ti. Eu gostaria de ser atendida bem? E porque não poderia fazer pra você, não me custa nada. Porque não posso dar aquele sorriso, é gratuito!” E também no produto. Ninguém me vê fazer o pão. Eu posso colocar todos os químicos que se vende por aí, ter um pão que dura um mês e tudo, mas pensar: “eu comeria aquele pão, que eu sei que faz mal para a saúde?” Então porque eu não poderia fazer isso para os outros? Então nessa procura as pessoas também sentiam uma confiança e uma atratividade. Tem pessoas que chegavam aqui e hoje ainda que diziam: “quando a gente chega aqui tem uma energia, uma energia tão diferente, tem um astral diferente”. Aí outros diziam assim: “A gente passa aquela semana que não agüenta em São Paulo, e só de pensar em parar na Espiga a gente já respira”. Outros chegam aqui e descarregam todos os problemas. Então tudo isso, a gente sentiu forte que na Mariápolis Ginetta, o Centro Mariápolis é um centro de Convenções, Congressos, que vão pessoas que já um pouquinho conhecem a comunidade, vão para crescer neste espírito. Quem pára na Espiga vê que é uma casa comercial, como todo mundo: vende pão, um capuccino, um sorvete. Então a pessoa é atraída pelos produtos. Pessoas de fora, [...] que tem chácara, vamos dizer, a *humanidade* que tem sede de alguma coisa de diferente. E chegam aqui e fazem estas perguntas. [...] Então é ali que a gente conta um pouquinho esta vida que é uma vida assim, que não teria nada de extraordinário, porque deveria ser o relacionamento que teria o ser humano com o ser humano: aquele respeito, aquele atendimento assim, não por interesse. A primeira coisa: você é meu próximo. Eu gostaria de ser atendido assim, porque não posso fazer por você? Então tudo isso, até comercialmente, se tem harmonia, se tem amor, o retorno é muito mais rápido. [...] Então essas coisas para nós são uma coisa assim que te diz de continuar este comércio, que seria uma “janela aberta sobre a humanidade”, que tem uma sede enorme, enorme, enorme de verdadeiros relacionamentos (ADRIANA. Entrevistada em 22/10/2004).

Os próprios clientes, Luíz e Helda, descrevem o atendimento da Espiga Dourada e como o tratamento recebido influenciou no relacionamento familiar:

O que sempre impressionou foi assim: primeiro o ambiente bonito, bem harmonioso, a atenção das meninas. Da segunda vez que eu parei elas já sabiam: “oi, Luiz, tudo bom”. Elas sabiam o nome. Aí depois de muito tempo a gente descobriu o segredo, que elas tinham um caderninho, onde anotavam: “família da parati vermelha: Luiz, Helda e a filha Patrícia”. [...] Então foi daí que a gente foi conhecendo isso aqui, foi sempre chamando atenção. Daí a gente descobriu que as meninas eram do Movimento dos Focolares. (LUIZ CARLOS DURÃES. Entrevistado em 23/10/2004).

Antes de a gente descobrir aconteceu uma coisa muito interessante. A gente tava numa fase bastante difícil como família, como casal. A gente vinha de São Paulo aqui discutindo, discutindo. A gente parava aqui, tomava café, elas com aquele sorriso. Aí quando a gente saía daqui, a gente não estava mais brigando. Era uma coisa que a gente não explicava, porque, nossa, parava na padaria acabava o problema. (HELDA LÚCIA DURÃES. Entrevistada em 23/10/2004).

Adriana continua sua narrativa, enfatizando o papel social da empresa:

Agora a Espiga está ampliada. Vamos dizer o número: nós temos uma passagem de 25 a 30 mil pessoas por mês, no mês, não é? Às vezes são os mesmos clientes, mas que passam. [...] Sempre tudo isso não passa na cabeça por um interesse comercial, mas sempre visando o ser humano, não é?! Como é que ele gostaria de ser amado?

[...] Hoje, na sociedade achada moderna a gente a acha que sempre tem que olhar o marketing, olhar o melhor para que teu cliente encontre uma coisa linda, porque se ele encontra ele te dá o lucro. Ou seja, valorizar o cliente pelo lucro que ele te dá de retorno. No fundo é um amor interessado. Se não tem um retorno, você já descarta este pedaço. Não esta gama de clientela já não serve, só esta daqui. Mas aqui pára o pobre, pára classe média, pára aquele que vem com carro importado, com bicicleta, com carroça, cavalo e burro e aquele que vem de helicóptero. Então para nós é a mesma coisa. O ser humano, Deus o criou do mesmo jeito, não é porque não tem... Então aquele que me compra R\$ 1,00 de pão é tão importante quanto àquele que me compra R\$ 200,00 de pão.

[...] Então você vê, voltando também nesta construção aqui, aconteceu a mesma coisa: providência total de Deus. [...] Quando se tem relacionamentos verdadeiros, não precisa se preocupar com a parte material, da parte econômica. Lógico tem que se preocupar para administrar aquilo que você está fazendo, mas tem este “sócio invisível” (Deus), que Ele pensa, e vai te dar em “cêntuplo”. Eu fiz a minha conclusão desta grande providência que a gente recebe, né. A gente sente forte que para você construir hoje, você tem que pedir um empréstimo, a não ser que tenha herdado muito dinheiro [...]. Então nós recebemos um empréstimo, um grandíssimo empréstimo e com isso não quer dizer que não temos que corresponder com um juro muito alto que é dar a vida para cada pessoa que vem aqui dentro. [...] Então se a gente faz isso, depois Deus se encarrega, manda os clientes.

[...] A Espiga o que é que é? Não fala nada de Deus, não está escrito fora: “pertence ao Movimento dos Focolares” ou “quem trabalha são focolarinas”. Não! Quem entra aqui só diz assim: “Nossa, mas que local lindo, na beira da estrada, mas vocês são simpáticas demais!” [...] Esse amor verdadeiro é um modo, eu acho, de poder transmitir uma vida diferente sem falar de Deus, sem falar de nada, que seria o normal do ser humano. Hoje isso aqui é o

anormal [...] Acho que por isso que chegou toda essa providência e também para que a “janela” ficasse mais aberta.

[...] E depois a gente sente que aqui é uma região turística, porque tem empresa de Ibiúna, tem condomínios, tem Centro Espírita, o maior Templo Budista da América Latina, tem até baseball, treinamento do time brasileiro. Então é uma região do turismo. (ADRIANA. Entrevistada em 22/10/2004).

Outro local atrativo é o Pólo Empresarial Spartaco, situado a 4 Km da Mariápolis Ginetta, que conta com 07 empresas já instaladas. O Pólo atrai muitos visitantes, pois serve de palco para demonstração um projeto ousado que têm chamado a atenção do empresariado e de acadêmicos: é o projeto da Economia de Comunhão na Liberdade. Este projeto nasceu no Brasil em 1991, com a visita da fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich, à Mariápolis Ginetta. Naqueles dias, ela deu as linhas gerais do projeto que deveria fazer com que surgissem empresas, dirigidas por pessoas capazes de fazê-las dar lucro, e depois repartir esses lucros em três partes: uma para os necessitados, uma para a formação de homens novos, com uma mentalidade voltada para o partilhar – “porque sem homens novos não se faz uma sociedade nova”, como disse Vera Araújo apud Motta (2001, p. 17) – e a outra parte é destinada a investimentos na própria empresa, para que ela se desenvolva e se sustente.

O início da Economia de Comunhão faz lembrar aquela intuição de Chiara, em 1962, citada anteriormente, que “deveria surgir uma cidade, formada não por uma abadia ou hotéis, mas por casas, locais de trabalho, escolas e fábricas, como uma cidade comum”.

Um outro motivo que originou a Economia de Comunhão foi que o Movimento dos Focolares nasceu também para os pobres, que eram procurados desde o começo, quando Chiara e suas companheiras decidiram fazer algo pela humanidade que sofre. Surgiram assim inúmeras obras sociais em todo o mundo,

mais de mil <sup>24</sup> inclusive nos arredores da Mariápolis Ginetta. A um certo momento, porém, percebeu-se no Movimento que o número de pessoas que precisavam de ajuda havia crescido muito e o que se arrecadava não era suficiente para todas as necessidades. Para isso, era preciso surgir uma alternativa a fim de contribuir na solução deste problema.

A EdC, como está sendo chamada ultimamente, já está presente em vários países de todo o mundo com cerca de 800 empresas participantes. É uma novidade e um desafio para o mundo empresarial e para a economia atual, já que se tratam de empresas tipicamente capitalistas, no seu modo de produção, mas cujos objetivos vão além do lucro ou do poder de mercado.

Ferruci (1992, p, 181) assim explica:

Em lugar do lucro, ela (a EdC), coloca no centro o homem e a sua felicidade; uma felicidade que não pode divorciar-se da felicidade dos outros seres humanos que o cercam.

Uma economia baseada na participação dos lucros não só entre os trabalham na empresa ou que nela investiram os próprios talentos e poupanças, mas também entre outras pessoas necessitadas: os pobres, os últimos da sociedade. [...] Uma economia que, embora mantendo a propriedade privada de cada um, impede o superpoder do capital sobre o trabalho, pois as empresas devem ser dirigidas por pessoas com gosto e talento para desenvolvê-lo, e não por pessoas que, por razões diversas, são mais do agrado do acionista majoritário. Trata-se de uma economia viável, se posta em marcha no contexto de uma atmosfera dominada por valores humanos, pela amizade entre as pessoas, sociedades e nações que decidem participar juntas, subscrevendo em seu coração, em seus estatutos e em suas constituições um *compromisso de crescimento mútuo*, sem excluir ninguém.

Em 1998, Chiara Lubich retornou ao Brasil e um dos motivos que a trouxeram foi sua admissão, entre outros prêmios, à Ordem do Cruzeiro do Sul, concedida pelo Governo brasileiro principalmente por reconhecimento ao projeto da

---

<sup>24</sup> Obras Sociais: Movimento dos Focolares. Disponível em <<http://www.focolare.org/br/>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

Economia de Comunhão. Na ocasião de entrega, o embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Francisco Thompson Flores referiu-se ao projeto como:

Uma forma inovadora e eficaz de luta contra a pobreza e a marginalização. As empresas, consideradas como comunidades de pessoas, são chamadas a passar da cultura do ter à cultura da partilha, da economia consumista à economia de comunhão. A estratégia dessas empresas tem uma clara função social, pois o seu objetivo está centralizado no homem e não unicamente nos critérios de lucro. (FLORES *apud* POMPERMAYER, 1998, p. 38).

Qualquer definição da EdC corre o risco de não ser suficiente, já que o projeto ainda é novo e está em pleno desenvolvimento de suas bases teóricas. Porém, pode-se dizer que se busca em primeiro lugar que o homem seja tratado levando em conta sua dignidade e sua totalidade, ou seja, não só as necessidades materiais, mas suas capacidades intelectuais, suas condições psicológicas, sociais, etc. Portanto, funcionários, clientes, fornecedores, concorrentes e até a administração pública e os impostos, são respeitados de forma ética.

Em 13 anos de existência, a Economia de Comunhão já percorreu o mundo, com a adesão e criação de empresas e a realização de estudos nas mais diversas graduações. Atraídos por esta novidade, muitos “curiosos” chegam a Mariápolis Ginetta e ao Pólo Spartaco, ansiosos por entenderem melhor este projeto e o funcionamento prático das empresas. Partem como protagonistas na divulgação do projeto. Javier Espinosa, espanhol, quando entrevistado, respondeu:

Me atraiu visitar a Mariápolis Ginetta, o fato de que foi ali que Chiara lançou a Economia de Comunhão e onde se desenvolveram uma série de empresas com este espírito. Depois de trinta anos de experiência profissional, sinto que Deus me pede, que os talentos que me deu, sejam colocados a serviço dos mais necessitados e a Economia de Comunhão é o meio através do qual melhor posso fazê-lo. No Brasil, quis conhecer as experiências que tinham se desenvolvido e aos homens que as tinham feito possível (JAVIER ESPINOSA. Entrevistado em 26/10/2004).

A EdC, assim como a Mariápolis Ginetta, na categoria de realizações concretas do Movimento dos Focolares, não são projetos isolados, mas fazem parte de um plano muito maior, que é o de transformar toda a sociedade em uma única “família”, sem desigualdades e sem conflitos. Henry Sobel, rabino da maior comunidade judaica de São Paulo, após sua visita a Mariápolis, no dia 25 de abril de 1996, confirmou este caráter familiar e agradecendo disse:

Aqui, hoje, eu encontrei uma família [...] coesa, unida e maravilhosa. Eu falo com sinceridade e humildade e digo-lhes que este é o caminho: respeitando as nossas diferenças, respeitando o espaço do outro e construindo juntos um mundo melhor. É possível, funciona! Diferenças, sim; divisões, não. Todos nós somos filhos de um único Deus. Uma paternidade divina, uma fraternidade humana: uma família humana. Que o dia de hoje seja o começo de muitos e muitos dias, para todos nós, juntos, em família. (Noticiário Mariápolis, 1996, p. 9).

### 3.6 SEUS VISITANTES

Como já mencionado, a Mariápolis Ginetta, com a Economia de Comunhão e todas as atividades que lá se desenvolvem durante o ano, chamam a atenção de muitas pessoas, que querem conhecer melhor o que há por trás de tudo, querem experimentar, ao menos por algum tempo, a vida de fraternidade que existe ali.

Maria do Carmo Rosito Gaspar, transferiu-se com os filhos para a Mariápolis em 1974 e juntos foram a primeira família que veio morar na cidadela. Ela descreve a impressão dos visitantes com os quais teve contato em todos esses anos:

Vinham sempre muitos visitantes. Além dos encontros, sempre vinham pessoas para visitar. Porque já se dizia desse pessoal que vivia dessa



forma. O pessoal da redondeza também começou a conhecer. (Qual era a impressão deles?) Sempre de muita admiração. Em geral as pessoas que chegam aqui, passam algumas horas, um dia, dois dias, depois vão embora dizendo: “mas vocês moram no Paraíso!”. Então a gente diz: “realmente é Paraíso”. Mas é um paraíso que a gente tem que construir hora por hora, dia por dia. Porque é um paraíso que só existe se nós estivermos no amor recíproco 24 horas por dia. [...] Cada um que vem pra cá, vem só por isso. Então a lei deste lugar aqui é este amor e só tem sentido a nossa vida aqui assim. Tanto que a gente veio porque gostávamos, queríamos vir ajudar a construir esta obra aqui, né. E realmente alguma coisa a gente fez materialmente, quem sabe ajudando a receber as pessoas. Com o tempo começaram a vir as pessoas do exterior. [...] Mas com o passar dos anos foi muito mais aquilo que a gente recebeu. Entende? A gente procura dar, porém é muito mais o que a gente recebe, de amor concreto de todos os que moram aqui e também de quem chega. Porque sabe, você recebe essa alegria, você enxerga a Mariápolis com os olhos de quem chega aqui. É muito legal. [...] Você valoriza certos aspectos que às vezes [...], por exemplo, as ruas limpas, os jardins bem cuidados, mas somos nós mesmos que cuidamos. Mas que causam admiração, porque é fruto desse amor [...]. (MARIA DO CARMO ROSITO GASPARG. Entrevistada em 23/10/2004).

Existem definições, dentro do linguajar turístico, que traduzem esta demanda de visitas. De acordo com Oliveira (2001, p. 37):

**Visitantes** são pessoas que visitam o país durante um período inferior a um ano em viagem de férias, para receber assistência médica, cumprir preceitos religiosos, por assuntos de família, para participar e competições esportivas, assistir a conferência e outras reuniões, realizar viagens de estudos ou outros programas estudantis; trabalhadores sazonais, pessoas que permanecem no país visitados com a finalidade expressa de desempenhar ocupações de caráter temporário; viagens de negócios; tripulação de navios estrangeiros; representantes diplomáticos ou de órgãos internacionais.

Podem ser classificados em Turistas ou Excursionistas de acordo com o Sistema de Contas Nacionais, Estudos de Métodos: uma publicação das Nações Unidas, *apud* Oliveira (2001, p. 38):

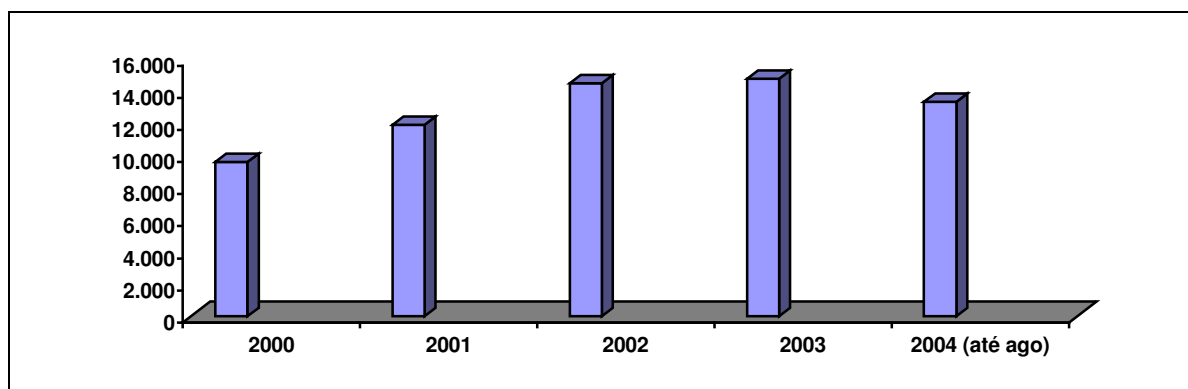
**Turistas:** “São visitantes temporários que permanecem pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer, negócios, família, missões e conferência”.

**Excursionistas:** “São visitantes temporários que permanecem menos de 24 horas no país visitado”.

Portanto, pode-se dizer que turistas e excursionistas freqüentam a Mariápolis Ginetta, numa proporção crescente, como mostram a tabela e a figura:

<b>Ano</b>	<b>Nº de Visitantes</b>	<b>Países de Origem</b>
2000	9.607	05
2001	11.934	18
2002	14.504	16
2003	14.805	17
2004 (até agosto)	13.375	22

Fonte: Mariápolis Ginetta, 2004.



Fonte: Mariápolis Ginetta, 2004.

Os países de origem dos visitantes, no período usado como referência (2000 a 2004), foram: Brasil (de todos os estados), República do Congo, República dos Camarões, Uganda, Itália, Holanda, Portugal, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Escócia, França, Suíça, República Eslovaca, Áustria, Irlanda, Rússia, República Checa, Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile, Guatemala, Venezuela, Peru, Colômbia, Bolívia, México, Austrália, Estados Unidos, Filipinas, Japão, Taiwan e Egito.

### 3.7 AS MOTIVAÇÕES

Retomando o objetivo principal deste estudo de caso, percebe-se que o foco está relacionado ao elemento motivador e determinante pelo qual os visitantes interessam-se pelo destino: Mariápolis Ginetta. Para uma melhor compreensão deste aspecto é importante definir o que é motivação e quais são as suas influências sobre as viagens.

A disposição e as intenções ou motivações dos viajantes talvez se constituam nos elementos mais importantes para a determinação não apenas da classificação tipológica, mas também da própria natureza e da própria existência dos fenômenos considerados essenciais para o turismo, que passa a existir, necessariamente, a partir da viagem ou do deslocamento e não a partir dos recursos dos meios de hospedagem e dos equipamentos de lazer e de entretenimento. (ANDRADE, 2002, P. 26).

As motivações dos deslocamentos são as mais diversas:

Algumas pessoas viajam apenas para fazer diversão, outras por questões culturais (visitar museus, locais históricos), outras por fatores religiosos, visitas a parentes, participar de eventos (congressos, feiras, exposições) ou por competição esportiva e até para tratamento de saúde. (OLIVEIRA, 2001, p. 42).

Swarbrooke e Horner (2002, p. 86) percebem que não existe uma maneira amplamente conhecida de “categorizar” os fatores motivacionais em turismo, entretanto Crompton *apud* Ross (2001, p. 34) listou nove hipóteses para explicar a motivação do turista. Destes nove, sete são classificados como motivos sócio-psicológicos ou impulsos subjetivos e dois são classificados como razões culturais ou de influências externas. São eles: “saída de um ambiente mundano conhecido, exploração e avaliação do eu, relaxamento, prestígio, regressão,

estreitamento das relações de parentesco, facilitação de interações sociais, novidade e educação”.

Os motivos, enfim, pelos quais as pessoas sentem o desejo de visitar determinado local são influenciados principalmente pela vida que levam, pelas transformações de comportamento de sua época e pelo contexto social em que estão inseridos. Desta forma, procurar-se-á a seguir, um aprofundamento sobre este aspecto, na tentativa de entender o que levaria pessoas, na sociedade atual, a buscarem locais espiritualizados ou simplesmente locais que transmitam valores diferentes daqueles que os circundam no dia-a-dia, como Mariápolis Ginetta propõe.

Vive-se hoje, em uma sociedade multifacetada nos relacionamentos, pois as pessoas participam de diferentes ambientes de convívio: trabalho, vizinhança, comércio, serviços e lazer. No pensamento de Adyr Balastrieri Rodrigues (2000, p. 113) desta maneira, as relações interpessoais se tornam cada vez mais superficiais, sem laços consistentes, sem “valores arraigados”. Surge, então, uma certa competitividade, conseqüência da busca constante pela eficiência dos tempos contemporâneos, que empobrecem os relacionamentos, desde a escola, até depois na vida profissional. A conseqüência destes acontecimentos é a tendência a “fuga”:

A civilização industrial e o ambiente tumultuado, barulhento e desumano das grandes cidades geram a possibilidade de um estado de opressão tal que obriga os indivíduos (ainda equilibrados) a procurarem lugares diferentes e tranquilos e a encontrarem-se com outras pessoas e outras culturas, a fim de conseguirem algum tipo de descompressão e fazerem uma reciclagem. [...] O fenômeno da evasão se manifesta pelo próprio fato de que as pessoas sentem necessidade de trocar de ambiente físico, de mudar de relações sociais, de ampliar ou diminuir o número de seus amigos. O rico e o pobre, o simples e o orgulhoso, todos necessitam mudar, alterar estados de espírito e estados de coisas em sua vida, que é dinâmica, é processo e não admite estática. [...] Não se pode pensar em vida sem a admissão de mudanças. [...] O homem carrega não apenas as conseqüências de seus problemas, mas também a responsabilidade de suas origens e causas, pois ele também é autor de todas e de cada uma das etapas dessa opressiva evolução. Ele mesmo permitiu que a tecnologia substituísse o natural pelo artificial, pelo litigioso, pelo competitivo, pelo falso e por vezes, pelo imoral, alterando todas as relações naturais positivas que

eram salvaguardadas da própria verdade. (SWARBROOKE; HORNER, 2002, p. 89, 91 e 92).

Verifica-se nas palavras de Krippendorf *apud* Trigo (1998, p. 25), uma forte crítica: “nos nossos dias, a necessidade de viajar é, sobretudo criada pela sociedade e marcada pelo cotidiano”. Segundo ele, as pessoas viajam para desligarem-se, por algum tempo, das suas obrigações de trabalho, de casa, porque já “não se sentem à vontade onde se encontram” e assim, ao retornarem, teriam suas forças renovadas para continuar sua rotina.

“O turismo é uma das atividades mais significativas para a fuga do tédio imposto pelo cotidiano banal. Busca-se, de alguma forma, o sentido da vida, momentos fortes de encontros ricos, de impressões vivas, que rompam com a trivialidade”, afirma Tuan *apud* Rodrigues (2002, p. 114).

O cotidiano pode ser muito bom e excepcionalmente proveitoso, mas também é cansativo e saturante, a ponto de levar indivíduos e grupos à procura dos mais diversos substitutivos – mesmo que temporários - de variáveis e de alternativas diversas, em busca de sua felicidade ou de alguma coisa que possa representá-la. (SWARBROOKE; HORNER, 2002, p. 87).

A era da informação e da velocidade “não tem conseguido tornar a humanidade mais feliz”, complementa Rodrigues (2002, p. 112 e 115). Ao contrário, sofre constantemente o peso do stress e da concorrência em diversos níveis e cria a necessidade de evasão citada anteriormente. Sobre este discurso, apóia-se o marketing do ecoturismo e/ou turismo rural, que têm crescido nos últimos tempos. Para o autor, as sociedades “ditas avançadas e altamente urbanizadas”, são

permeadas pelo “culto ao individualismo<sup>25</sup>”. Em contato com a natureza, buscam, pois, “o retorno à vida bucólica”, buscam “reencontrar valores eliminados da vida cotidiana pelo progresso”. A paisagem natural torna-se, então, substitutiva à busca de autenticidade não encontrada nos relacionamentos, à “necessidade de paz, tranqüilidade e repouso”, “tudo em nome da recuperação do equilíbrio pessoal. Não restam dúvidas de que os turistas comprem ilusões”.

E Rodrigues (2002, p. 118) continua: “essa proposta, muito bem veiculada pela mídia, tem poder de sedução e cria adeptos, ou seja, cria demanda e fluxos. [...] Nada disso, entretanto, devolve ao ser humano a paz e a tranqüilidade perdida, apesar da estressante busca”.

Mesmo parecendo uma tendência da modernidade, o individualismo é um comportamento que não ajuda o homem a ser feliz. Haulot (2002, p 120) assegura que “o tempo livre, o tempo liberado de toda sujeição é uma constante na busca da felicidade. Em todas as épocas o homem tem se esforçado sempre, na medida do possível, por desfazer-se do ‘dever’ para gozar melhor ‘o ser’”.

Outra interessante consideração de Haulot (2002, p 121) revela que o turismo, “fenômeno de evolução social, problema da sociedade em plena transformação”, já não pode conceber-se à medida – egoísta e limitada – do indivíduo. Surge na formação do homem, mas o “homem atual é homem de sociedade e não de solidão”.

Ainda com relação à busca da felicidade e o turismo, Rodrigues (2002, p. 118) afirma que:

---

<sup>25</sup> “Segundo esta mentalidade, o homem é um indivíduo isolado marcado por inúmeros interesses e impulsos imperiosos. [...] Tudo é válido desde que favoreça a auto-realização do indivíduo, sua

Sempre se desloca o eixo da felicidade para alguém ou para uma novidade, travestida de lazer ou turismo [...] está-se negando um problema inerente a cada ser. A viagem, portanto, deve ser realizada no interior do sujeito. Caso contrário, na retomada das atividades cotidianas, [...] a insatisfação, amainada (ou não) durante a viagem, reviverá e a realidade, permeada por todos os seus monstros, poderá ser cada vez mais insuportável.

Muller (2003, p. 65 e 66) faz uma análise relevante quando se refere aos valores da sociedade contemporânea, enfatizando sua característica hedonista, “que, no entanto, caminha lado a lado com um certo pessimismo em relação ao futuro”. Os valores listados por Muller são:

- Demandas materiais substanciais;
- Pouco desejo de fazer algo para merecê-las;
- Exigência de mais liberdade em todas as áreas da vida;
- Escapismo crescente;
- Crescente falta de vontade em aceitar ordens dos outros;
- Inibições menores;
- Individualização das massas.

Com relação a estas características, Mathias Horx *apud* Muller (2003, p. 66) detectou uma tendência que pode ser essencial para o turismo, chamada “individualismo brando”. Ele descreve as fases pelas quais a sociedade tem passado e prevê mudanças nos valores do seu tempo da seguinte forma:

- A fase do “milagre econômico”, com os valores de satisfação, dever, disciplina, família, lealdade e devoção, foi substituída pela
- “era do ego”, com valores de aventura, desempenho, desejo, “número 1” (egoísmo), Eros, materialismo e diversão, que é seguida pela
- fase de “individualismo brando”, com os valores de experiência, compromisso, calma, amizade, honestidade, espiritualidade e responsabilidade.

Muller (2003, p. 66) completa: “se basearmos nossa argumentação em Horx, pode-se dizer que toda vez que algo se torna comercializado, materializado, racionalizado e técnico, as pessoas, de forma crescente, desejam espiritualidade”.

Este é, sob o ponto de vista deste estudo de caso, um dos motivos pelo qual, as pessoas visitam as cidadelas do Movimento dos Focolares. A pesquisa pretende comprovar as mais variadas motivações: encontros de caráter religiosos ou não, visita a parentes ou amigos, visita às empresas de Economia de Comunhão, porém por trás de tudo, o maior atrativo é sempre o estilo de vida do local e a forma com que as pessoas relacionam-se, que parecem ir contra os padrões de comportamento atualmente praticados.

### 3.8 TURISMO RELIGIOSO

Da tipologia das motivações derivam os segmentos turísticos, os quais são exemplificados por: turismo de lazer, turismo de negócios, turismo de eventos, turismo de aventura, ecoturismo, turismo religioso, etc.

Por fugir do convencional, do conhecido, é difícil encaixar, dentro de alguma classificação existente, o fenômeno que ocorre na Mariápolis Ginetta. Não existe ainda, alguma definição que, em uma palavra, descreva o turismo de uma cidade construída para uma finalidade especial, que transmita espiritualidade e que ao mesmo tempo seja feita também para acolher aqueles que não buscam espiritualidade, mas respostas para problemas humanos, econômicos, sociais, e até políticos.

O tipo de turismo, entretanto, que mais se aproxima do estilo ali praticado é o turismo religioso. Embora ligado à idéia de peregrinação e romarias, é interessante conceituá-lo de uma forma abrangente:



Segundo a definição de Antonio Pereira Oliveira (2001, p. 81), o Turismo Religioso é “praticado por pessoas interessadas em visitar locais sagrados”. Pode-se citar Fátima em Portugal, Lourdes na França, Medjugorje na Iugoslávia, as cidades santas, como Jerusalém em Israel, Meca na Arábia Saudita e Aparecida do Norte no Brasil, como locais religiosos que recebem milhares de peregrinos durante todo o ano.

Uma outra definição:

O conjunto de atividades com a utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas a religiões, denomina-se turismo religioso. (ANDRADE, 2000, p. 77).

Durante a história, a religião sempre esteve presente, influenciando o comportamento dos povos. Para SWARBROOKE e HORNER (2002, p. 203) “o turismo religioso costuma incluir visitas a lugares de importância religiosa, como santuários, ou a comparecimento a eventos religiosos como festas em dias de santos”. É comum que historiadores refiram-se a turismo religioso, enfatizando as peregrinações, uma prática muito freqüente na Europa, durante a Idade Média, por parte dos cristãos. Porém, desde antes do surgimento do cristianismo já existiam as viagens religiosas e hoje talvez, a Meca islâmica, seja responsável pelo maior fluxo do mundo.

Os autores ainda informam que muitas construções, catedrais, eventos religiosos e até acomodações, especialmente na Europa, voltados para os praticantes de alguma fé, hoje são apreciados também por turistas comuns, de outros segmentos do setor turístico, como algo de diferente.

Andrade (2000, p. 78 e 79) reforça a importância da religião no turismo e no âmbito cultural:

Embora arraigada no mais íntimo do ser humano, a religião, considerada como fenômeno espiritual, tem profundas relações externas, que superam os cultos e os templos e extrapolam para outros campos, até mesmo para o campo do turismo, tendo em vista a ampliação das relações religiosas, através das viagens a outros locais. [...] Ressalvo o turismo de férias e o turismo de negócios, o tipo de turismo que mais cresce é o religioso, porque – além dos aspectos místicos e dogmáticos – as religiões assumem o papel de agentes culturais importantes, em todas as suas manifestações de proteção a valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de prevenção no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades.

Na visão de Swarbrooke e Horner (2002, p. 300 e 330), as crescentes pressões do dia-a-dia, e “a procura por novos valores espirituais parece terem estimulado a demanda por viagens a retiros religiosos”. Estes locais continuam a atrair tanto os fiéis, quanto visitantes não-crentes. Na maior parte deles, a vida é simples e os confortos são poucos. “O núcleo da experiência é freqüentemente pessoal, privado, e de contemplação. O ‘cliente’ não está pagando por serviços que recebe, mas pela paz e pelo espaço para pensar”. Ao que parece, a tendência é que a demanda por retiros religiosos continue a crescer e “que mais pessoas procurem usar suas férias para reduzir o estresse e/ ou obter iluminação espiritual como antídoto ao materialismo da vida moderna”.

#### 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

O estudo de caso é um formato que possibilita ao pesquisador a realização de uma análise mais profunda do fenômeno em questão, de maneira que permite o seu amplo e detalhado conhecimento. Por esta razão foi escolhido como meio para melhor explicar a problemática abordada.

Os métodos utilizados para a obtenção de informações, na busca de atingir os objetivos propostos foram:

- Pesquisa bibliográfica, com a revisão da literatura relacionada a turismo, hospitalidade e Mariápolis Ginetta.
- Pesquisa de campo, necessária à comprovação das informações e contributo importante para a obtenção de dados preciso, além de proporcionar uma visão muito mais verossímil da realidade estudada na teoria.

As duas técnicas usadas na pesquisa de campo foram:

- Aplicação de questionários
- Entrevistas abertas

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, o trabalho teve conotação qualitativa, por se tratar de um estudo de caráter descritivo e por procurar buscar o entendimento do fenômeno como um todo. Apesar de conter, no questionário, perguntas quantitativas, estas não serviam para determinar o perfil da demanda existente no local, já que esta tem natureza sazonal, ou seja, as visitas não ocorrem de forma uniforme o ano todo, mas variam de acordo com o período e com os eventos.

## 5 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Os instrumentos da pesquisa de campo e coleta de dados foram então questionários e entrevistas, usados para finalidades diferentes.

As entrevistas foram um dos instrumentos utilizados, dirigidas a moradores da comunidade e moradores da região, do município, que de alguma forma, poderiam contribuir com informações sobre a Mariápolis. Esta técnica é importante, pois, dentre todas, é a que apresenta maior flexibilidade, possibilitando assim que os entrevistados dessem suas opiniões, contassem fatos ou qualquer informação relacionada a Mariápolis Ginetta, relevante ao tema da pesquisa. Estas entrevistas “em profundidade” foram aproveitadas, parcialmente, na fundamentação teórica deste trabalho e podem ser lidas em sua totalidade no Anexo C.

Os questionários, por sua vez, foram guiados por um roteiro previamente estabelecido, que pode ser observado no Anexo A, do presente trabalho. Foi estruturado com perguntas fechadas e abertas para dar maior mobilidade nas respostas, com o intuito de obter a informação com maior grau de detalhe possível, sem, entretanto cansar o pesquisado. As quatro perguntas fechadas, embora restrinjam a liberdade das respostas, facilitaram a tabulação e possibilitaram uma avaliação mais objetiva de algumas das questões abordadas. As perguntas abertas permitiram ao informante responder livremente, usando linguagem própria e possibilitando investigações mais profundas. A coleta destes questionários foi feita através de entrevistas orais gravadas, seguindo o roteiro e na forma escrita, solicitada por e-mails.

A população pesquisada com os questionários foi dirigida aos visitantes somente. Poderia apresentar um número grande se fossem considerados todos os que passam pela Mariápolis Ginetta, desta maneira o universo da pesquisa priorizou pessoas que:

- Tivessem entre 17 e 80 anos;
- Visitaram a Mariápolis pela primeira vez;
- Fizeram esta primeira visita nos últimos cinco anos;
- Pertencem ou não ao Movimento dos Focolares.

Na seqüência, portanto, encontra-se a análise destes questionários aplicados aos visitantes.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Percebe-se pela leitura dos questionários (Anexo B), que a maioria dos entrevistados, são provenientes de países estrangeiros. Este fator impossibilita uma avaliação exata da procedência dos visitantes e por este motivo não foi colocado como forma de pergunta. Um dos objetivos específicos deste estudo de caso diz: “analisar a demanda do local com enfoque sobre suas motivações”. Entende-se, desta forma, que não é importante saber “quem” visita a Mariápolis, mas saber “o que” buscam e “porquê”. Sendo assim, a preferência por entrevistados estrangeiros nesta parte da pesquisa, serviu para dar um caráter global à pesquisa e para mostrar a abrangência das propostas da comunidade.

Todas as perguntas que se seguem não servem como base estatística pelo fato de o universo pesquisado ser muito pequeno, com apenas 11 entrevistados. Ajudam, porém, a comprovar a variedade cultural e de interesses sobre a Mariápolis.

No que diz respeito às idades dos entrevistados constatou-se a presença de pessoas de todas as faixas etárias, com predominância de jovens até 30 anos, destes, cinco eram homens e seis mulheres. Estas informações demonstram que a pesquisa está longe de determinar um perfil sociológico exato para a demanda existente, mas intenciona somente ter representatividade entre as faixas pesquisadas, de forma mais ou menos equivalente.

Com relação à escolaridade, todas as pessoas entrevistadas possuíam, no mínimo, o Ensino Médio. Cinco delas possuíam graduação superior ou cursavam e três delas eram pós-graduadas ou pós-graduandas. O interesse das

pessoas de maior escolaridade está relacionado também à Economia de Comunhão como fator atrativo e fonte de estudo, como demonstram algumas respostas da pergunta nº 05.

Dos entrevistados, dez declaram-se católicos, mesmo se não praticantes e um declarou-se ateu. Isto porque o Movimento dos Focolares nasceu dentro da Igreja Católica, apesar de ter um caráter ecumênico e interessar a pessoas de diferentes crenças.

Quando se perguntou sobre as motivações da visita a Maríapolis, isto é, o que atraiu o entrevistado, os principais motivos mencionados foram: “formação”, “estudo – Economia de Comunhão”, “Pólo Spartaco”, “congresso”, visita a parentes, “o tipo de vivência diferente”, “viver o Evangelho” e “harmonia”. Percebe-se nas respostas o desejo de experimentar uma realidade diferente e aprofundar o conhecimento sobre o Movimento dos Focolares, que muitos já tinham. É interessante destacar também que o fator religioso, na qualidade de atrativo, não foi citado explicitamente, distanciando, pois, o tipo de turismo ali praticado, do Turismo Religioso. A tipologia turística aceita hoje demonstra-se, na realidade, restrita e insuficiente para denominar todas as práticas existentes.

A pergunta seguinte referia-se aos fatores marcantes da visita na opinião do entrevistado, “o quê” os havia impressionado durante sua estada. As respostas revelaram um encontro com valores positivos humanos como união, “amor”, “entusiasmo”, “alegria”, “solidariedade”, “cuidado com cada coisa – harmonia” e ainda: renascimento de sentimentos adormecidos, aprendizado trazido pela convivência com a diversidade de culturas, “experiência profunda humana e

espiritual”. Também neste item foi citada a Economia de Comunhão e o Pólo Empresarial Spartaco.

A maioria das pessoas declarou desenvolver atividades laborais, mesmo que esporadicamente. Tanto estes trabalhadores, como os estudantes, demonstraram que a experiência de visitar a Maríapolis trouxe benefícios importantes para sua vida, não somente durante aquele período, mas os ajudaria no retorno, com suas tarefas cotidianas profissionais. Fizeram propósitos de: “ter maior empenho e honestidade”, trabalhar pela EdC, melhorar a qualidade dos próprios relacionamentos, “amar os colegas” para lidar com os problemas no trabalho, “tratar bem os pacientes”, “fazer as coisas por Deus”. A convivência na Maríapolis, segundo eles, torna-os conscientes da sua prática profissional; faz com que, até quem não acredite em Deus, sintam-se amado da mesma forma, pois compartilham valores universais; dá “força nova” e os ajuda a encontrar “equilíbrio” para sua vida.

E quando questionados sobre a vontade de retornar, responderam, em maioria, que sim, já que se sentiram muito bem acolhidos, fizeram muitas amizades e pela possibilidade de aprofundar o aprendizado adquirido. Uma resposta interessante foi de Pacience, da República dos Camarões, que elogia a criatividade dos brasileiros em se adaptar à difícil situação de país sub-desenvolvido, e que isso serve de exemplo para ela e para o povo africano. O fato de a maioria ter respondido que pretende retornar, demonstra que estes se identificaram com a proposta do local, no sentido de que responde aos seus anseios e questionamentos, através da interação social, da busca de espiritualidade e da própria identidade.



## 7. CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho correspondeu ao esperado, pois atingiu o fim principal a que se propôs: aquele de entender qual é a atratividade da comunidade Mariápolis Ginetta.

Pode-se constatar, a partir das experiências relatadas, um grande respeito pelo local, pela forma como foi criado e desenvolvido, à custa de muito sacrifício. Constatou-se também que as experiências vividas na Mariápolis Ginetta são únicas, pois todos os que por ali passam, não saem indiferentes, sempre levam consigo algo de positivo. Segundo os visitantes, o que mais os impressiona são: a acolhida dos habitantes e seus “sorrisos”, o “amor ao próximo” vivido, a amizade, o respeito entre as pessoas, a harmonia da cidadela e a presença de valores evangélicos marcantes.

A organização local é uma novidade de modelo econômico, pois tudo provém da comunhão de bens e isso também causa admiração e adesão de muitas pessoas, como demonstrou a pesquisa.

Verificou-se, inclusive, ser um local de pesquisa, pois é como um laboratório social, em que se desenvolvem projetos diferentes de renovação da sociedade, que respondam aos questionamentos e às problemáticas contemporâneas, assim como a Economia de Comunhão.

Espera-se com este trabalho, ter dado uma contribuição aos estudos das ciências da hospitalidade, com uma abordagem diferente sobre o turismo,

voltado para a valorização do ser humano e para um projeto maior de sociedade, que objetiva a construção de um mundo mais unido.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. A visita do rabino Sobel. **Mariápolis**: noticiário interno do Movimento dos Focolares. Vargem Grande Paulista, nº 6, p. 9, jun. 1996.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2000.

ARAÚJO, Vânia de Carvalho. **Vargem Grande Paulista**: das marcas do passado às conquistas do presente. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1999.

ARAÚJO, Vera. Consumismo e liberdade. **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, nº 8, p. 3, ago. 1997.

BAPTISTA, Isabel. Lugares da hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (org.). **Turismo e espaço**: Rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

Centro Mariápolis Ginetta. Disponível em:  
<<http://www.cmginetta.org.br/entrada.htm>>. Acesso em: 11 out. 2004.

CETRON, Marvin. O mundo de hoje e de amanhã: uma visão global. In: LOCKWOOD, A; MEDLIK, S. (orgs.). **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Barueri: Manole, 2003.

CROMPTON'S New Media. **Crompton's New Century encyclopedia and reference collention 2**. Crompton's Learning Company, 1995. CDROM

DAL BELLO, Mario. Uma cidade não basta. **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, nº 4, p. 16 – 17, abr. 1995.

DONEGANA, Costanzo. Crise da civilização. **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, nº 7, p. 28, jul. 1996.

EVANGELHO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.593.

FERRUCI, Alberto. Considerações sobre a Economia de Comunhão. In: QUARTANA, Pino, et al. **Economia de Comunhão**: proposta e reflexões para uma cultura da partilha, a “cultura do dar”. São Paulo: Cidade Nova, 1992.

GRINOVER, Lucio. Hospitalidade: um tema a ser reestudado e pesquisado. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade**: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002.

HAULOT, Arthur. **Turismo social**. 2.ed. México: Trillas, 2002.

ITALIA. **Opera di Maria**: statuti generali. Roma: Città Nuova, 1999, p. 26.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer das viagens. São Paulo: Aleph, 2001.

LAZER. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.825.

LEITE, Tarcizo. Onde tudo começou. **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, nº 8, p. 24, ago. 1998.

LINS, Euclides; POMPERMAYER, Fernanda. **Ginetta Cagliari**. São Paulo: EGB, 2001.

Loppiano. Disponível em: <<http://www.loppiano.it/eletto.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2004.

LUBICH, Chiara. Um novo estilo de vida cristã. In: VANDELEENE, Michel. **Ideal e luz**: pensamento, espiritualidade mundo unido. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003, p. 51 e 52.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MCINTOSH, Robert; GUPTA, Shashikant. **Turismo**: planeación, administración y perspectivas. México: Noriega, 1990.

MOTTA, João Manoel. Economia de Comunhão abrindo caminhos. **Cidade Nova**. Vargem Grande Paulista, nº 5, p. 17, mai. 2001.

Movimento dos Focolares. Disponível em <<http://www.focolare.org/br/>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

Movimento dos Focolares. Disponível em: <<http://www.focolare.org/br/sif/2004/pt20041029a.html>>. Acesso em: 09 nov. 2004.

MULLER, Hansruedi. Turismo e hospitalidade no século XXI. In: LOCKWOOD, A.; MEDLIK, S. (org.). **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Barueri: Manole, 2003.

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: Planejamento e Organização. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

POMPERMAYER, Fernanda. **O Brasil recebe Chiara Lubich**. São Paulo: Movimento dos Focolares, 1998.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Lugar, não-lugar e realidade virtual no turismo globalizado. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo rural e desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio; FROEHLICH, J. M.; RIEDL, M. (orgs.). **Turismo eco-rural**: Interfaces entre o ecoturismo o turismo rural. In: Campinas: Papirus, 2000.

ROSS, Glenn F. **Psicologia do turismo**. São Paulo: Contexto, 2001.

SWARBROOKE, John; HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

UTILITARISMO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p.1434.

ZAMAGNI, Stefano, Per un consumo e um turismo autenticamente umani. In: BRUNI, Luigini; PELLIGRA, Vittorio (orgs.). **Economia come impegno civile**. Roma: Città Nuova, 2002, p. 191-203.

# **ANEXOS**

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO (MODELO)**

Nome:

Origem:

Data da entrevista:

Documento da entrevista:

1. Quantos anos tem?
  - Entre 10 e 20 anos
  - Entre 21 e 30 anos
  - Entre 31 e 50 anos
  - Entre 51 e 65 anos
  - Mais de 65 anos
  
2. Sexo:
  - Masculino
  - Feminino
  
3. Até que nível estudou?
  - 1º Grau
  - Ensino Médio
  - Graduação Universitária
  - Pós graduação
  - Outros
  
4. Segue alguma religião? Qual?
  - Católica
  - Evangélica
  - Outra Igreja
  - Outra religião Não Cristã
  - Não possui uma fé religiosa
  
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?
  
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?
  
7. Qual a sua profissão?
  
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?
  
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

**ANEXO B – QUESTIONÁRIOS DA PESQUISA DE CAMPO**  
**(DESTINADOS AOS VISITANTES)**

**Nome:** *Bruno Fronza*

**Origem:** *Itália*

**Data da entrevista:** 29/10/2004

**Documento da entrevista:** e-mail

1. Quantos anos tem?  
X Mais de 65 anos
  
2. Sexo:  
X Masculino
  
3. Até que nível estudou?  
X Pós graduação (*Em Economia e Comércio*)
  
4. Segue alguma religião? Qual?  
X Católica
  
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*Formação e realizações.*
  
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Ordem, impenho, solidariedade e colaboração com as pessoas.*
  
7. Qual a sua profissão?  
*Profissional liberal, comerciante.*
  
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Maior impenho e honestidade profissional.*
  
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Sim, porque fiz muitas amizades e aprendo muito.*

**Nome:** *Irene Brundia*

**Origem:** *Itália*

**Data da entrevista:** 28/10/2004

**Documento da entrevista:** e-mail



1. Quantos anos tem?  
X Entre 21 e 30 anos
2. Sexo:  
X Feminino
3. Até que nível estudou?  
X Graduação Universitária (*Ciências da Educação*)
4. Segue alguma religião? Qual?  
X Católica (*não praticante*)
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*Motivos de estudo, isto é, para estudar o projeto da Economia de Comunhão.*
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Me impressionou o CUIDADO, a atenção a cada coisa, em cada casa e em geral a harmonia que se criava naquele ambiente. E depois, me impressionou uma pessoa em particular, Márcia Baraúna, que esteve sempre próxima a mim e me ajudou a encontrar um sentido para aquilo que eu estava fazendo.*
7. Qual a sua profissão?  
*Sou estudante em período integral, esta foi a minha escolha de alguns anos atrás. Entretanto, de vez enquanto ensino em escolas de ensino fundamental.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Na prática me serviu porque assim fiz o estágio obrigatório para a minha faculdade. E depois me serviu muito para entender a Economia de Comunhão nos aspectos mais profundos e autênticos.*
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Sinceramente tenho o desejo de conhecer outros lugares. Mas tenho o desejo de rever algumas pessoas da Mariápolis, isto sim. A minha permanência na Mariápolis foi muito difícil, acredito, pelo fato de que eu não conhecia o movimento e portanto era pra mim toda uma novidade.*

**Nome: Andréa Penazzi**

**Origem: Itália**

**Data da entrevista: 03/11/2004**

**Documento da entrevista: e-mail**

1. Quantos anos tem?  
X Entre 31 e 50 anos
2. Sexo:  
X Masculino
3. Até que nível estudou?  
X Pós graduação
4. Segue alguma religião? Qual?  
X Católica
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*O desejo de conhecer a realidade da qual, em 1991 começou a EdC, através das pessoas, das realidades vivas e não somente a documentação, os escritos. Bem em 2001, há dez anos do lançamento do projeto e enquanto na Itália nascia o Pólo Lionello, sentia a importância de ir em profundidade no conhecimento da Economia de Comunhão, que seguia, há anos na minha região (Milão).*
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Todos e tudo quero mencionar. Foi uma experiência fortíssima de acolhida. Uma experiência fortíssima de “encontro”. Em particular – além dos habitantes da cidadela – sublinharia os empreendedores da EdC: mulheres e homens que vivem na plenitude a sua vocação de empreendedores e empreendedoras, de um lado, e pessoas que seguem com radicalidade o Ideal da Espiritualidade de Comunhão, do outro. E ainda me impressionou o cuidado para documentar a vida da EdC: um dom precioso para todos aqueles que vieram e que virão.*
7. Qual a sua profissão?  
*Redator. Coordeno a atividade de redação de uma editora, especializada em publicações jurídico-econômicas.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Foi uma experiência, sobretudo pessoal e pelo empenho a favor da EdC aqui na minha região.*
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Sim, por muitos motivos. Diria, sobretudo, para reencontrar as pessoas conhecidas e que estão no meu coração. Digamos para retornar a “casa”.*

**Nome: Javier Espinosa**  
**Origem: Espanha**  
**Data da entrevista: 26/10/2004**  
**Documento da entrevista: e-mail**

1. Quantos anos tem?  
 Entre 51 e 65 anos
2. Sexo:  
 Masculino
3. Até que nível estudou?  
 Graduação Universitária (*Engenharia Aeronáutica*)
4. Segue alguma religião? Qual?  
 Católica
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*Me atraiu visitar a Mariópolis Ginetta, o fato de que foi ali que Chiara lançou a Economia de Comunhão e onde se desenvolveram uma série de empresas com este espírito. Depois de trinta anos de experiência profissional, sinto que Deus me pede, que os talentos que me deu, sejam colocados a serviço dos mais necessitados e a Economia de Comunhão é o meio através do qual melhor posso fazê-lo. No Brasil, quis conhecer as experiências que tinham se desenvolvido e aos homens que as tinham feito possível.*
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Viver em Ginetta (Mariópolis Ginetta) dez dias, foram para mim todo um presente e um privilégio; pude conhecer de perto o Movimento dos Focolares e experimentar o ideal da unidade, que de uma maneira particular me fez conhecê-lo Filippo Casale. Na minha estada tive momentos muito particulares: um a “coligação” com Chiara, que pude viver em direta e que percebi essa dimensão tão enorme do Movimento. Outro foi assistir a um Curso de Economia de Comunhão para empresários. Tinham de todos os tipos, inclusive alguns que se declaram ateus; do que mais se falou foi de amor e todos ficamos impactados pelas experiências que contaram.*
7. Qual a sua profissão?  
*Trabalho, fazem trinta anos, na indústria automobilística. Desenvolvi um trabalho técnico e agora me ocupo da área de compras.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*A visita à Mariópolis significou muito para mim, que desde então, com um grupo de companheiros, estamos trabalhando na Espanha para impulsionar a*

*Economia de Comunhão, e colocamos em andamento uma empresa que se dedica à área de serviços à família.*

9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Sim.*

**Nome: Josep Maria Amorós**

**Origem: Espanha**

**Data da entrevista: 26/10/2004**

**Documento da entrevista: e-mail**

1. Quantos anos tem?  
 Entre 21 e 30 anos
2. Sexo:  
 Masculino
3. Até que nível estudou?  
 Pós graduação
4. Segue alguma religião? Qual?  
 Católica
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*A experiência da Economia de Comunhão: o Pólo Spartaco, o Centro de estudos da EdC, o congresso anual dos empreendedores da EdC do Brasil e conhecer a escola gen (a casa dos jovens que passam um período de formação na Mariápolis).*
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Me impressionou o Pólo Spartaco, porque dá uma grande visibilidade ao projeto da EdC, me impressionou a experiência profunda humana e espiritual que se faz no cotidiano das escolas de formação dos jovens e também o modo ser aberto e alegre dos brasileiros.*
7. Qual a sua profissão?  
*Consultor informático na área de logística e vendas.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Me fez mais consciente que na minha prática profissional o “como” se fazem as coisas e penso que a experiência na Mariápolis me ajudou a ser mais atento à qualidade nos relacionamentos que construo com os outros, tentando me colocar no seu lugar e procurando mais busca diária.*

9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

*Sim! Quero retornar à Mariápolis para encontrar algumas das pessoas queridas que conheci, e para aprofundar e talvez contribuir para o desenvolvimento da experiência da EdC.*

**Nome: *Valentina Vasseti***

**Origem: *Itália***

**Data da entrevista: 23/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

1. Quantos anos tem?

Entre 10 e 20 anos

1. Sexo:

Feminino

2. Até que nível estudou?

Ensino Médio

3. Segue alguma religião? Qual?

Não possui uma fé religiosa

4. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?

*Primeiro porque tinha a minha tia (é moradora). Fazia três anos deveria vir aqui, mas dizia sempre que viria no Natal, porém com a escola eram duas semanas de férias, era muito rápido para estar no Brasil e depois voltar logo. Depois eu sempre ouvia falar do Brasil, havia lido um pouco, olhado algumas fotos. E assim me atraía, me fascinava este lugar. E então disse, porque não ir, visto que não tinha encontrado trabalho ainda e para a universidade não sabia ainda o que fazer. [...] Então pensei: vamos ver como é a vida lá, porque não sabia bem o que estava indo encontrar, porque não sabia como seria organizado o meu tempo, quem teria aqui para me acolher.*

5. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?

*(Encontrei) uma acolhida muito boa, com os braços abertos, porque são muito bons, e se vê que te dão mesmo muita solidariedade, amor, também nas coisas. Surpreendeu-me, digamos, um pedaço de cada uma delas, porque são todas diferentes entre elas e todas têm uma história particular e não tem somente uma que me tocou, mas um pouco de todos eles, me deram alguma coisa, me transmitiram alguma coisa, que me tocou, que me fez sorrir, que me fez pensar e refletir sobre certas coisas.*

6. Qual a sua profissão?

*Estudante. Terminei de estudar, fiz o colegial e fiz um curso técnico de gráfica publicitária [...].*

7. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?

*Digamos que estou no começo, quero viver primeiro todos os meus meses aqui. Porque agora digo: se tivesse que ir embora agora, levo uma boa bagagem da Mariópolis Ginetta, [...] mesmo se é totalmente diferente da vida italiana, porém me transmitiu muito amor. Mesmo se é muito, digamos, católica, e eu não acredito em nenhum deus, nenhum ideal, entretanto creio no amor que eles podem dar. Isso eu respeito, mas não compartilho, mas compartilho tantas outras coisas que são também boas.*

8. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

*Sim, agora estou aqui, mas quem sabe nos próximos anos, porque depois se inicia a universidade, o trabalho e não sei quando encontrarei ainda dois meses e meio livres. Mas retornarei com certeza porque me acolheram bem de verdade.*

**Nome: Luís Marcelo Lopes**

**Origem: Ponta Grossa - Paraná**

**Data da entrevista: 24/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

1. Quantos anos tem?

Entre 31 e 50 anos

2. Sexo:

Masculino

3. Até que nível estudou?

Graduação Universitária

4. Segue alguma religião? Qual?

Católica

5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?

*Eu conheço o movimento faz algum tempo, ouvi falar daqui e tive curiosidade de conhecer, ver como é que é. Porque é o tipo de vivência diferente. Lá fora assim no mundo é tudo daquele jeito assim. Parece que não se respeitam as pessoas, mais egoísmo. Eu ouvi falar que aqui se vive muito mais o evangelho, muito mais cristão, eu queria conhecer, porque me falaram que eles vivem o evangelho. Eu achei interessante.*

6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?

*O que eu achei interessante hoje, nas nossas reuniões: o pessoal do Rio de Janeiro. Tinha uma mulher lá, ela falou que no Rio de Janeiro, o marido dela é diácono permanente, e que eles não estavam aceitando o padre, estava tudo desestruturado. Ela não pode explicar tudo porque o tempo era muito curto, mas o que ela falou, que foi aplicar (a espiritualidade) do Movimento dos Focolares e conseguiu unir a Paróquia de novo lá. Tava tudo abandonado [...] e eles perseveraram e conseguiram unir tudo.*

7. Qual a sua profissão?

*Eu sou programador de computador, trabalho na prefeitura de Ponta Grossa.*

8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?

*Uma coisa que eu fiquei pensando é que no trabalho, tem um ambiente um pouco pesado. Tem uns problemas que tem sido difíceis de se lidar. Eu já sei faz tempo, que tem que procurar se amar e o pessoal é católico e tudo lá, mas é difícil a convivência. Mas eu procuro amar [...] ou ao menos suportar. Eu senti que tenho que tentar levar isso para a minha casa, pro trabalho mais isso talvez. E não tanto tentar forçar [...].*

9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

*Quero voltar outras vezes.*

**Nome: Gisele Teixeira Milan**

**Origem: Ponta Grossa - Paraná**

**Data da entrevista: 24/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

1. Quantos anos tem?

Entre 21 e 30 anos

2. Sexo:

Feminino

3. Até que nível estudou?

Graduação Universitária

4. Segue alguma religião? Qual?

Católica

5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?

*Eu já conheço o modo de vida das pessoas desse Movimento e da Mariápolis. Como eu nunca tinha conhecido (a Mariápolis Ginetta), na verdade foi de última hora, vim no lugar da minha mãe, que ela não pode vir e eu topei vir, lógico, né.*

6. Durante o tempo que estive lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Assim, todas as experiências que a gente ouve sempre te marcam, né, sempre traz alguma coisa nova, às vezes até faz renascer alguma coisa que você tinha esquecido, né. Às vezes você até está deixando algum fundamento, que você deixa de lado, porque deixou de participar. [...] Às vezes uma frase que alguma pessoa te diz, te faz lembrar daquilo que você está vivendo agora...*
7. Qual a sua profissão?  
*Estudante. 5º ano de odontologia.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Eu levo com certeza, isso dá mais força pra gente sempre tratar bem os pacientes, independente, por mais pobres que eles forem, mais eles precisam da tua atenção, do teu jeitinho, do teu carinho, que eles são muito pobres, carentes. Geralmente quando te param no corredor, você não dá atenção para eles, porque está atrasada para aula e tanta coisa, mas você sempre procura dar uma informação, da melhor maneira possível. Às vezes a pessoa, quando ela vem e fala com você, ela quer contar a vida inteira e você atrasada para aula, mas você fala com jeitinho, nunca com rispidez. E também no ambiente ali, com os colegas, ser muito firme com o que você pensa [...].*
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Sim, claro, todas as vezes que eu puder.*

**Nome: Teresa Glaab**

**Origem: Alemanha**

**Data da entrevista: 21/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

1. Quantos anos tem?  
 Entre 10 e 20 anos
2. Sexo:  
 Feminino
3. Até que nível estudou?  
 Ensino Médio
4. Segue alguma religião? Qual?



## X Católica

5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?  
*Eu conheço o Movimento há muito tempo, porque minha mãe participa. Eu sempre quis fazer uma Escola de Formação, mas para mim era importante que fosse em outro país, fora da Europa, para ter um outro ponto de vista que não o europeu.*
6. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?  
*Para mim foi difícil no começo, porque eu não entendia a língua e não podia participar dos grupos. Mas eu aprendi aqui que não é importante a situação ao seu redor, mas que o que importa é só amar e você pode amar sempre, não só quando as coisas vão bem, quando tudo é alegria.*
7. Qual a sua profissão?  
*Eu terminei meus estudos na Alemanha e quando retornar começo a universidade, mas ainda não sei o que estudar.*
8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?  
*Eu quero tornar meus relacionamentos mais profundos e quero aprender esta vida, este idioma, quero fazer uma “escola de vida”.*
9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?  
*Até agora não! O mundo tem muitos lugares para ir ainda.*

**Nome: Lourdes Beatriz Réyes Salazar**

**Origem: Guatemala**

**Data da entrevista: 21/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

1. Quantos anos tem?  
 Entre 10 e 20 anos
2. Sexo:  
 Feminino
3. Até que nível estudou?  
 Ensino Médio
4. Segue alguma religião? Qual?  
 Católica
5. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?

*Primeiro eu fui convidada para a Escola Nacional (um encontro anual das jovens do Movimento) e eu via que as meninas moravam aqui e eu sempre gostei do Movimento. Era uma experiência nova de realmente experimentar, em cada momento, em cada segundo o “amar o irmão”, viver o evangelho. Eu queria também fazer esta experiência, porque eu achava muito bonito: assim como elas, amar em cada momento do dia.*

6. Durante o tempo que estive lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?

*Aqui temos que estar atentos a cada coisa que se fala, que se faz, porque somos de diferentes culturas [...], fazer mesmo por amor, porque se não se faz assim, pode-se compreender errado. Na verdade estou aqui desde anteontem. Aqui todas as pessoas são diferentes, cada um tem uma coisa especial, todas marcam a vida, cada uma ensina fazer uma coisa diferente, sempre amando.*

7. Qual a sua profissão?

*Eu estudo, falta um ano para entrar na faculdade, ainda não sei o que irei fazer.*

8. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?

*Tenho a certeza de que qualquer coisa que eu escolher, farei de acordo com a vontade de Deus. Aquilo que eu estudo, vou estudar por Ele (Deus), com amor e também dar (que possa servir) às outras pessoas.*

9. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

*Nos meus planos não está, mas se eu tiver a oportunidade, eu gostaria muito.*

**Nome: *Pacience***

**Origem: *República dos Camarões - África***

**Data da entrevista: 22/10/2004**

**Documento da entrevista: gravação em K7**

10. Quantos anos tem?

Entre 31 e 50 anos

11. Sexo:

Feminino

12. Até que nível estudou?

Graduação Universitária (*Engenharia Civil*)

13. Segue alguma religião? Qual?

Católica

14. O que o atraiu a vir para Mariapolis Ginetta?

*Eu visitei também outras mariápolis no mundo, porque sou camaronesa e lá também tem uma Mariápolis com aqui, se chama Fontem, e depois também na Itália eu visitei. E para mim é sempre atraiu a harmonia que se encontra nas Mariápolis. Pessoas de diversas raças, pessoas de diversos países, que vivem essa harmonia. Isso é uma coisa muito particular, porque no mundo hoje, já no mesmo país se guerreia. E encontrar um pequeno pedaço de mundo onde vive quase todo mundo, mas em harmonia, para mim é uma coisa extraordinária. E alguém poderia dizer: “mas poderia ter ficado nos Camarões”, por ter a mesma coisa; mas tem a particularidade de cada país. Porque não é que as pessoas de cada país levam o seu jeito de fazer, mas a coisa particular é que todos aqueles que vêm de outros países procuram entrar na mentalidade, na cultura do país. E por isso a curiosidade de vir ao Brasil [...], porque é um mundo desconhecido. Então disse: “também ali eu vou para sentir a mesma harmonia, a mesma família, humanitária [...]”. E estou muito contente, porque desde que cheguei, me parece diferente, não me parece que me encontro a não sei quantos quilômetros da república dos Camarões, porque encontrei a mesma harmonia [...], me sinto em casa. Então, para mim [...] me atraiu, pois encontrei a mesma realidade que “toquei” na África, na Europa...*

15. Durante o tempo que esteve lá, alguma pessoa, ou algum fato o impressionou de modo particular? Poderia narrar?

*Como pessoas, particularmente. Talvez as pessoas saibam que eu estou abrindo esta empresa de Economia de Comunhão. Então, por isso vim. Porque foi aqui que a pessoas (referindo-se a Chiara Lubich) teve o espírito, o carisma e o pronunciou. Sinto que tem uma graça particular da Economia de Comunhão e isso me atraiu também. E eu posso dizer que me impressionou como esses empreendedores têm o mesmo entusiasmo do início, porque na prática não é fácil, são muitíssimos problemas [...], mas vi neles a mesma alegria de quando começaram. Isso me dá coragem de ir em frente.*

16. Qual a sua profissão?

*Sou engenheira civil. Trabalho para o estado. Mas ao mesmo tempo estou começando esta empresa (uma granja, que já conta com 7.000 frangos) para viver pelos pobres e começamos também um Centro Social para adolescentes, para dar um pouco de educação ética.*

17. Sua visita à Mariapolis trouxe algum benefício para sua atividade profissional? Qual?

*Para mim sim. Aqui, por exemplo, [...] têm essas empresas, mas para mim é ter sempre este equilíbrio na vida. Poder viver de tudo, trabalhar, mas também a oração a Deus é um ponto importante. Saber que a vida com os outros, ter tempo para aqueles que vivem com você, em casa. É importante, porque a certo momento, me sentia um pouco perdida, porque estava tão ocupada com trabalho e sentia uma falta já, também da força física, mas também dentro de mim, começava a sentir como um pouco “árido” e agora,*

*vindo aqui, sinto uma nova força para ir em frente, porque permaneço aqui, trabalho. Mas a vida com os outros, rezar juntos, fazer as coisas juntos, me dá força. Eu penso que essa é a força da Mariápolis.*

18. Pretende retornar à Mariapolis Ginetta? Porquê?

*Porque não?! [...] Eu falo agora como africana. Para nós é muito importante observar o Brasil, porque aqui é sim considerado um país sub-desenvolvido. Mas o povo brasileiro teve uma tal criatividade que eu estou impressionada. Então para nós, olhar para o seu (referindo-se ao Pólo Empresarial Spartaco) já sofisticado. Acho que para fazer qualquer coisa, precisamos olhar para as pessoas que puderam adaptar o que se faz [...] em outro lugar, porque têm também a mão-de-obra [...]. Eles colocam junto as máquinas e a mão-de-obra, para não deixar as pessoas sem trabalho. Isso eu acho importante, porque nós, africanos, talvez não tivemos tanta criatividade, talvez porque temos tantos recursos, terra fértil, petróleo, etc. Nós não tivemos essa criatividade que o povo brasileiro tem. Então, para mim, voltar não é um sonho, deve se tornar uma realidade.*

## ANEXO C – ENTREVISTAS ABERTAS DA PESQUISA DE CAMPO

(“EM PROFUNDIDADE”)

**Nome: Francisco de Sales Oliveira (80 anos, funcionário mais antigo da Mariápolis, morador da cidade Vargem Grande Paulista)**

**Data da Entrevista: 21/10/2004**

*Ajudei a fazer a fazer a primeira casa, depois formamos uma parreira de uva [...], plantei muitas coisas [...].*

*Gosto de trabalhar lá, viu? Porque lá a turma me quer muito bem, é um lugar de muito respeito. A gente conversa, conta história, mas sempre dentro do limite, né. Porque eu gosto de respeitar os outros, porque respeitando os outros, os outros também respeitam a gente. E assim trabalhei ali bastante tempo.*

*[...] Porque ali começou do nada. De primeiro era pobre e devagarzinho, devagarzinho, Dona Ginetta lutando, lutando, toda vida, toda vida até que chegou [...] e hoje você vê é uma cidade, né. [...] Para quem viu o começo ali, não dizia que ia ficar do jeito que ficou.*

*[...] Tem fim de semana ali, que nossa Mãe do Céu! Naquela vez que veio a Chiara [...] ficou assim, que não cabia um mosquito mais, de tanta gente. [...] Não sei que tem ali não, mas sei que é um lugar de respeito [...] as pessoas vêm passar uns dias ali, para distrair [...].*

*[...] Mas eu gosto dali, gosto mesmo [...].*

**Nome: Neide Cândido Braz da Silva (habitante de Vargem Grande Paulista, ex-secretária da Educação do município).**

**Data da entrevista: 21/10/2004**

*Falando de mim, especificamente, eu morava em São Paulo e tinha uma chácara aqui e durante uns 10 anos [...] vindo só nos finais de semana [...]. Eu passava pelo Km 47 e pela Mariápolis Araceli e sempre achei que fosse um condomínio. Nunca me surgiu na idéia que tivesse algo mais.*

*Fui conhecer Mariápolis através da Revista Cidade Nova. Porque no meu trabalho (eu trabalhava na Secretaria de Educação do Estado) eu quebrei o braço e no momento da fisioterapia eu encontrei a revista na sala de espera. Comecei a ler, depois fui chamada, fiz os exercícios. Pois, em vez de ir embora, voltei para ler a revista, pois fiquei encantada, com algo muito espiritual que saia daqueles textos todos, mesmo que eles fossem de uma realidade política, social, econômica [...], mas existia um algo mais que me atraiu totalmente. Eu li de capa a capa. Depois fui ver como hábito de educadora e quem tem o hábito de leitura, onde a revista era editada e vi que era no Km 47 e eu moro no 48. Então eu falei: “Nossa, mas essa editora é minha vizinha”. Aquilo ficou batendo na minha cabeça, mas mesmo assim eu não fui procurar. Foi uma diretora de escola, lá do bairro do Carmo [...], porque as da minha caseira tinham faltado e ela veio saber porque elas tinham*

faltado. E ela me falou que ia ter uma Mariápolis de três dias [...] e eu pensei assim: “mas três dias, dentro da minha vida não cabem”. Então eu falei que ia pensar, mas não vim [...]. Eu falei naquele momento sobre a revista com ela. [...] Aí ela me mandou um recadinho que era para eu me tornar assinante da revista. Aí eu fiz isso. Depois ela mandou mais um recadinho dizendo que tinha missa aqui, se eu queria vir.

Mas eu vim pela primeira vez na missa da Inauguração da Igreja em 98 e vim convidada como Secretária de educação do Município, uma convidada oficial. Por isso que eu vim [...], como se fosse um evento de inauguração. E aí que eu fiquei completamente encantada com o tipo de Igreja, o tipo de missa, as pessoas, a recepção, aquele ar de felicidade que todos tinham naquele momento, porque Chiara estava inaugurando, estava presente. Foi uma missa belíssima [...].

Depois disso teve a entrega do mais alto grau de honraria da USP a Chiara e eu também fui convidada e fui. Daí para frente tudo o que tinha na Mariápolis que eu soubesse, eu vinha. Fiquei realmente encantada

Agora esses eventos, a cada dia [...], é como se toda a sua vida de repente você vê iluminada por algo novo, que deu significado à tudo que eu fazia antes. Então o fato de ser uma pessoa católica, o fato de ser uma professora, de formar pessoas para o bem, foi isso que eu sempre fazia, né. Mas eu fazia isso como profissão e como algo humano, com ética, justiça, bondade, solidariedade, enfim, os valores todos pela qual eu fui formada na família e na Igreja. Mas com o conhecimento do Movimento deu um salto de qualidade muito grande. Não era ser “bom”, ser “justo”, mas era ter isto como um caminho de santidade. Isso foi uma revelação assim extraordinária.

E a Mariápolis para mim, o Movimento dos Focolares é a luz, é o caminho, é onde eu me sinto feliz. Estar aqui é tudo que eu quero [...]. Eu tenho esse desejo de morar [...], mas talvez não fisicamente, mas é ser, é pertencer. Cada dia eu procuro mais me envolver e me tornar merecedora disso tudo que Chiara anuncia e ver o caminho da santidade no próximo.

E outra coisa que me conquistou: eu estava num momento que eu queria ler a Bíblia [...], procurando a Palavra e depois que eu conheci o Movimento dos focolares, eu vi que você tem que viver a Bíblia e não saber de cor. Viver a Palavra, no amor ao outro [...].

Eu, pelo menos, considero a cidadela, a Mariápolis inteira com Igreja. Tenho um respeito muito grande. Mesmo nesse momento de campanha (foi candidata à vereadora nas últimas eleições), eu não tive coragem de agir como se fosse uma rua comum, uma casa comum [...]. Eu tive um respeito tão grande, que enquanto não me foi dada a oportunidade [...], eu não fiz isso, porque era como se fosse mesmo uma igreja, que tem uma vida própria e você não pode dizer o que ou como deve ser, mas se submeter às regras da Igreja.

Em cada ponto aqui da cidade, da Mariápolis, eu me sinto muito bem. É uma atmosfera alegre, de pessoas que no primeiro contato você já sente como amiga, quase como da mesma família. Todos recebem muito bem, é sempre um cumprimento, um sorriso. Então isso você não encontra [...]. Vamos comparar a um condomínio (como eu pensava que fosse, antes) qualquer da cidade. O Aras Bela Vista, por exemplo: ruas lindas, flores bem tratadas, como aqui, casas bem cuidadas, só que você não encontra pessoas para começar. As pessoas são reclusas em suas próprias casas. Tem todo aquele sistema de segurança e tal. Se

*você encontra alguém, não cumprimenta, porque não conhece [...]. Precisa ter muita amizade para cumprimentar. É um conglomerado de casas, enquanto que aqui, tem um liame diferente entre as casas, que é justamente essa unidade, que a espiritualidade dá, né. É muito diferente! E você se sente acolhida aqui, enquanto que em qualquer outro condomínio não.*

*E agora a cidade em relação a Mariápolis. Eu vejo que a cidade desconhece, interpreta mal. Acha que é um grupo fechado [...]. Eu sinto que há uma distância entre Mariápolis e Vargem Grande Paulista, porque quem conhece se encanta. Agora como fazer essa aproximação? Eu tentei quando era secretária [...].*

*Quem conhece sabe que para nós é um orgulho ter a sede (do Movimento) aqui na nossa cidade, tão simples, tão pequena, é uma cidade muito pobre [...]. Tem migrantes de todos os estados que estão aqui. Fizemos um livro [...] sobre a história da cidade e a nossa intenção era dar identidade à cidade [...].*

**Nome: Dra. Maria Virgínia R. de Cellis (Diretora de Saúde da Prefeitura de Vargem Grande Paulista)**

**Data da entrevista: 22/10/2004**

*Eu ouvi [...] os comentários da população daqui, que vêm muito essa diferença dessa cidadela em relação ao município como um todo. Já ouvi questionamentos como: [...] Porque que daquele lado tudo é bonito e do outro lado tudo é feio? Porque essa diferença? Então isso demonstra que a população não sabe como é que funciona o grupo Mariápolis, mas é a pergunta que várias pessoas da população já fizeram. [...] A Mariápolis é vista dentro dessa cidade como uma elite [...] ela não é vista como uma coisa participante, completa. Eu não sei se esta visão é em todas as Mariápolis, mas isso é uma das coisas que eles demonstram. Porquê? Porque existe um padrão de vida muito melhor, isso é uma coisa notória. Dentro de todos os bairros de Vargem Grande Paulista é o bairro que tem melhor estrutura. Aqui você tem um grupo de pessoas com um nível de renda muito baixo. A escolaridade está muito baixa. Então pra eles isso é a diferença. [...] Assim como quem mora em condomínio fechado também é uma elite. Mais ou menos isso, eles têm essa visão.*

*O conhecimento do grupo em si, do que representa, poucas pessoas tem esse conhecimento. Do que ele significa, da proposta da Chiara Lubich. Muito poucas pessoas, eu mesma. Trabalho aqui há muitos anos, né. Aqui há 10 anos e em Cotia há mais de 20 anos. E eu tive a oportunidade de conhecer mariapolenses, residentes que vinham de outros estados e faziam residência médica lá (em Cotia), que eram focolarinos e eu mesma não sabia do que se tratava. Não conhecia esse movimento. Eu acredito que o Movimento dos Focolares ele não é bem divulgado e da forma certa, né?! Inclusive eu até já coloquei isso pra algumas pessoas que eu conheço. [...] Então eu acho que poderia haver uma maior divulgação da idéia, da filosofia, independente de ser ou ao ser da Igreja Católica. Aqui existe a Igreja Católica, como existem espíritas e crentes, como em todo lugar [...] Você percebe que quanto mais baixo o nível da pessoa, cultural, vão mais nessas igrejas de crentes, [...] eles vão aumentando. [...] Qualquer casinha eles vão lá e fazendo, né. Vão se juntando e rezando, enfim. Então essa é a opinião minha, não da população.*

*Então eu acho que o Movimento poderia ser muito mais divulgado com a população de nível menor. Inclusive até pra dar esperança de mudança, que as pessoas não têm: poucas estão imaginando que algum dia irão chegar lá. [...]*

*Eu acho um movimento muito lindo, eu gosto muito da Chiara Lubich. Apesar de eu não ser religiosa, não tenho nenhuma religião, eu vejo que tem a proposta de trabalhar não só com as palavras, mas com os atos, nos princípios, sendo parte do teu comportamento. Eu entendo muito bem essa filosofia. [...] Porque a Chiara não discrimina. Mas eu acho que tinha que ser mais bem divulgado. [...] Não só a coisa do carente, mas a gente tinha que começar a se nivelar, porque todos somos carentes, de alguma forma. [...] Fazer com que essa idéia do amor comece em todos os níveis sociais e penetre em todos. [...]*

*Então essa é minha opinião em relação a Mariápolis. [...] Quando eu vou lá, eu vejo a quantidade de gente que vem de tudo quanto é lugar. Mas se você for ver quem é de Vargem Grande, o povão que precisa não está lá. Então nós temos que democratizar isso mais. Talvez não sei se é esta a experiência de onde tem outra cidadela. [...] Então eu acho que ela tem que sair um pouquinho mais para comunidade.*

*Aí quanto a essa visão de prática de amor, na vida. “Deus é Amor”, não é isso que falam? Existe até uma igreja crente dizendo isso: Deus é amor. Deus é Amar, é concreto. Então colocar essa coisa e acho que isso falta. [...]*

*E eu gosto muito, eu vejo a proposta da Economia de Comunhão, que acho que é uma proposta muito positiva, porque de alguma forma ela tá resgatando uma visão mais humana, uma visão dessa prática mesmo, que não é fácil, dentro de uma empresa, né?! Então tem coisas positivas. As idéias são muitas boas, mas a prática deles está muito pequena, muito restringida, tem que se ampliar.*

**Nome: Adriana – Gerente da Panificadora e Confeitaria “Espiga Dourada”**

**Data da entrevista: 22/10/2004**

*Você vê agora a Espiga Dourada é uma empresa, uma estrutura. Mas ninguém sonhava, ninguém imaginava hoje que devia ter tudo isso. Logicamente atrás de tudo isso tem todo um caminho. E acho que tem um plano que já estava sendo visto por “Alguém” (Deus). Porque quando se começou na estrada, era uma atividade de jovem: precisava de dinheiro, precisava se sustentar [...]*

*O que procuram as pessoas de hoje? Procuram pessoas íntegras, com felicidade, procuram ver visivelmente um mundo diferente o que a mídia mostra, uma exigência forte de fraternidade, universalidade. Tudo isso, né?*

*Então ficamos seis anos vendendo na estrada. De repente não se podia nem continuar. Primeira coisa: era uma atividade, não digo clandestina, mas que você está sempre inseguro, fora o perigo de ficar na estrada, com essas jovens. Agora pensar de abrir um comércio, imagine. Nem passava pela cabeça. 1ª coisa: que esta era uma região estritamente residencial. De repente Chiara passa, gosta dessa atividade das GEN (assim são chamadas as jovens no Movimento), acho que dali nasceu que esta região podia ter algum comércio, [...] poderia se fazer um pedido para regularizar, e pensamos assim: quem sabe não se poderia fazer uma venda. E vai, faz todas aquelas pesquisas, contrata um pessoal especializado, como*



é que a gente forma? E nasceu como Associação de Obras Sociais e Educacionais Unidade, porque seria um ponto de formação também dos jovens. E precisava dar um nome. Foi Chiara mesmo que deu “Espiga Dourada” para lembrar o trigo, né. Dourado, porque quando bate o sol é uma luz. Ela dizia: “este trigo que dá luz para a humanidade”. Logicamente que se começou um pequeno atendimento, depois começou o fluxo aumentar. Mas o que sentia que na Espiga tinha alguma coisa que atraía, que era? As perguntas que os clientes chegavam aqui faziam, né? Falam assim: “Agora me desculpe, mas onde é que você faz um treinamento para atender bem assim, com aquele sorriso e tudo?” E a gente dizia: “Olha a gente procura fazer aos outros aquilo que você gostaria que fosse feito a ti. Eu gostaria de ser atendida bem? E porque não poderia fazer pra você, não me custa nada. Porque não posso dar aquele sorriso, é gratuito!” E também no produto. Ninguém me vê fazer o pão. Eu posso colocar todos os químicos que se vende por aí, ter um pão que dura um mês e tudo, mas pensar: “eu comeria aquele pão, que eu sei que faz mal para a saúde?” Então porque eu não poderia fazer isso para os outros? Então nessa procura as pessoas também sentiam uma confiança e uma atratividade. Tem pessoas que chegavam aqui e hoje ainda que diziam: “quando a gente chega aqui tem uma energia, uma energia tão diferente, tem um astral diferente”. Aí outros diziam assim: “A gente passa aquela semana que não agüenta em São Paulo, e só de pensar em parar na Espiga a gente já respira”. Outros chegam aqui e descarregam todos os problemas. Então tudo isso, a gente sentiu forte que na Mariápolis Ginetta, o Centro Mariápolis é um centro de Convenções, Congressos, que vão pessoas que já um pouquinho conhecem a comunidade, vão para crescer neste espírito. Quem pára na Espiga é um comércio, como todo mundo: vende pão, um capuccino, um sorvete. Então a pessoa é atraída pelos produtos. Pessoas de fora, pessoas do mundo, que tem chácara, vamos dizer a humanidade que tem sede de alguma coisa de diferente. E chegam aqui e fazem estas perguntas. Outro dia chegou outro aqui e falou assim: “Agora você me fala, o teu patrão, quanto te dá de comissão pra você me atender bem assim?” E a gente sempre explica a mesma coisa. Aí chega o outro e fala assim: “Bom, agora é bom sorrir de manhã, atender bem, porque a gente está meio à disposição. Eu cheguei ao meio-dia, o mesmo sorriso, agora estou aqui à noite, eu sei o quanto vocês trabalharam, agora me diga o que é que tem por trás”. Entendeu? Então é ali que a gente conta um pouquinho esta vida que é uma vida assim, que não teria nada de extraordinário, porque deveria ser o relacionamento que teria o ser humano com o ser humano: aquele respeito, aquele atendimento assim, não por interesse. A primeira coisa: você é meu próximo. Eu gostaria de ser atendido assim, porque não posso fazer por você? Então tudo isso, até comercialmente, se tem harmonia, se tem amor, o retorno é muito mais rápido.

Segunda feira nós estamos fechados, porque também temos direito de descansar um dia, né. Então as pessoas brigam com a gente. E falam assim: “mas tem outra Espiga – Espiga I e Espiga II – vocês deviam fazer assim na segunda, abrir uma e a outra deixar fechada” E a gente fala que para nós é importante. Um cliente falou assim: “Sabe o que, segunda-feira é um dia triste pra mim”. E a gente pensou: “Meu Deus, faleceu alguém”. E ele: “é um dia triste porque a Espiga Dourada está fechada”. Então essas coisas para nós são uma coisa assim que te diz de continuar este comércio, que seria uma “janela aberta sobre a

humanidade”, que tem uma sede enorme, enorme, enorme de verdadeiros relacionamentos.

Agora a Espiga está ampliada. Vamos dizer o número: nós temos uma passagem de 25 a 30 mil pessoas por mês, no mês, não é? Às vezes são os mesmos clientes, mas que passam. [...] Sempre tudo isso não passa na cabeça por um interesse comercial, mas sempre visando o ser humano, não é?! Como é que ele gostaria de ser amado?

Então a gente tenta ter, vamos dizer, um fichário dos clientes. A gente tem uma ficha onde eles colocam sugestões. Então tem as coisas mais lindas do mundo que eles colocam. E também as críticas, mas críticas construtivas, porque eles nos querem bem, né?! Então a gente também colocou na fichinha ali o dia do aniversário, não o ano, só o dia. [...] E quando é o dia a gente liga pra eles. Então eles ficam assim... e quando eles voltam aqui eles dizem: “olha vocês não imaginam, me ligou na hora certa, que eu estava com o astral lá embaixo. Quando ouvi a voz de vocês m lembrei daquele clima, daquele amor que a gente sente ali...”

Então por tudo isso, a gente sentiu que precisava que “explodisse” um pouco a Espiga. Não por um interesse de crescimento comercial. Mas para poder tem as portas abertas. Ginetta chamava a Espiga Dourada de “janelas abertas para a humanidade”. Então abrir um pouquinho essa janela, de forma que as pessoas pudessem entrar. Agora você pergunta: “mas como é que vocês construíram isso? Então a Espiga dá um lucro...” Lógico, dá lucro. Nós sabemos também que os motivos de trabalho aqui são as meninas que vêm para passar um período. Então são jovens que também vêm fazer essa experiência aqui. Então todo o lucro é em função da formação dos jovens e também de algumas obras sociais que a gente tem. E a gente guarda uma reservinha pra fazer manutenção. Uma reserva sim, mas o lucro todo colocado em comum. Então quando a gente pensou de ampliar a Espiga, cadê o dinheiro? Não tinha, né?! E Ginetta sempre dizia: “quando é que vocês vão ampliar esta Espiga?” Porquê? Ela via esta coisa: abrir mais o espaço para as pessoas que possam encontrar um diferencial, um comércio onde até as paredes possam falar, os próprios pães falem, além das próprias pessoas. Para ser coerente também no tratar os clientes, quando a gente vai fazer compra, em feira, numa firma que vou compra, de tratar (bem) também aquele que carrega o furgão, aquele com que você vai fazer um contrato de compra. E durante este contato, fui conhecendo uma firma que importava produto de sorvete (italiano). E comecei a comprar também ali, com aquele amor pra quem te carregou tudo. E dois deles. Da parte de doceria vieram fazer um pequeno curso um dia aqui. E quando voltaram contaram para o dono da empresa que encontraram um “clima... mas lá é diferente, as meninas são assim... Não sei , ao sei te explicar o que é. Então o dono, depois de dois anos e meio, que nunca soube quem era, quis a um certo ponto me conhecer. Quando ele soube que eu fazia parte de um movimento, ele se informou que movimento era. Ele se correspondeu na Itália com um irmão dele que é jesuíta. E acho que esse irmão é uma referencia espiritual muito forte pra ele. Respondeu que “ele estava contente que ele tinha conhecido o Movimento dos Focolares, que é um movimento muito unido à Igreja, que é um movimento muito belo e que ele gostaria que continuasse o contato. E se aproximava o natal e estava conhecendo um pouquinho a estrutura, o que era o trabalho destas jovens. contei um pouco de Ginetta. Ginetta não estava muito bem, naquele período não podia receber visita. E falando eu disse, mas porque você não vem trazer os funcionários

aqui para fazer uma confraternização lá, para conhecer a Espiga, conhecer nosso trabalho, ao invés de fazer churrasco. Ele disse: “eu nunca fiz nada para os meus empregados... mas se você convencer ele”. Mas o problema era convencer ele. E falando com aqueles dois que vieram aqui fazer o curso: “Ai, a gente gostaria de levar todos os outros para conhecer porque nós ficamos encantados”. “Então vamos fazer assim: eu falo com o dono da empresa, só que ele quer que vocês garantam que vocês vão”. Aí conseguimos, vieram aqui e ele ficou encantado. Disse: “Quanto que eu demorei para vir aqui”. Só que a Espiga ele encontrou um buraco, que era só aquela vendinha do outro lado. Da empresa ele nem viu nada, mas ele ficou tocado com esta realidade. Ginetta faleceu em março seguinte e eu avisei ele que tinha falecido esta Ginetta. Porque ele não conhecia ela, mas acho que ele estava assim sendo um pouco contagiado com esta vida. Ele veio no dia do enterro e começou a chorar na hora que Ginetta descia para o túmulo. A um certo ponto ele me disse: “Adriana, me diga o que eu posso fazer para você”. E como empresário a gente falou de economia de comunhão, depois de um mês marcamos um encontro. [...] falamos do Pólo. Ele é um grande empresário. Parecia que a gente falava para parede. Para ele não importava nada. A um certo ponto eu falei para ele: “[...] a gente tá tentando ampliar a Espiga, mas é muito difícil” “Mas o que é que te falta” – ele falou. “Logicamente falta o dinheiro. Nós temos só uma parte para o estoque”. “E você tem um projeto?” E a gente tinha. Fazia dois anos que estava pronto. “Quanto te falta?” Eu falei a cifra, que era bastante alta. “Então eu vou fazer a Espiga Dourada”. Então a gente sentiu mesmo aquilo que eu te disse: o relacionamento com as pessoas.

Hoje, na sociedade achada moderna a gente a acha que sempre tem que olhar o marketing, olhar o melhor para que teu cliente encontre uma coisa linda, porque se ele encontra ele te dá o lucro. Ou seja, valorizar o cliente pelo lucro que ele te dá de retorno. No fundo é um amor interessado. Se não tem um retorno, você já descarta este pedaço. Não esta gama de clientela já não serve, só esta daqui. Mas aqui pára o pobre, pára classe média, pára aquele que vem com carro importado, com bicicleta, com carroça, cavalo e burro e aquele que vem de helicóptero. Então para nós é a mesma coisa. O ser humano, Deus o criou do mesmo jeito, não é porque não tem... Então aquele que me compra R\$ 1,00 de pão é tão importante quanto aquele que me compra R\$ 200,00 de pão. E justamente [...] numa manhã uma menina veio para comprar R\$ 0,60 de pão amanhecido. O cliente do lado ficou assim... “Este pão amanhecido!” Perguntou: “mas porque esta menina está comprando pão amanhecido”. Como para dizer: “como é que vocês vendem pão amanhecido, né?! E nós contamos assim: que eles, que são uma família super pobre, de 7 irmãozinhos, com padastro e mãe. E a gente para não dar gratuito, porque quando você dá gratuito, mostra claramente que ele é pobre. A dignidade você acaba com ela. O fato que ele vem com R\$ 0,60 e a gente dá uma sacola de pão daquele último que sai (sai da venda) agora, que também a gente come. Só que eles compraram e eles voltam com aquela dignidade de comprar. E contamos para esse senhor. E ele disse assim: “Dá um pão de batata com catupiry e uma coca-cola para esta menina”. [...] Nós temos um relacionamento até de amigo com o cliente. Primeiro é um cliente, mas depois você cria um relacionamento de amigo, que entra um diálogo que eu diria assim, muito aberto. E ela (a atendente) disse assim: “Olha Sr. Jorge, posso te dar uma sugestão? Ao invés de dar um pão de batata com catupiry, no mesmo valor eu posso fatiar meio quilo de mortadela, porque assim ela leva mortadela. “Mas lógico, faz. Mas você me disse que ela tem 7 irmãozinhos.

*Então você separa 7 pão de batata com catupiry, 7 coca-cola e a mortadela.” [...] Uma semana depois este senhor veio e disse: “Vocês não imaginam a felicidade que foi a minha semana. A primeira vez na minha vida que eu senti uma alegria grande em fazer alguma coisa pelos outros. Eu posso ajudar esta família? Mas não eu, através de vocês. Eu trago aqui e vocês dão para ela.” [...] Isso aconteceu há dois anos atrás. Faz dois anos que entre o dia 27 e 28 de cada mês ele traz umas sacolas de supermercado com arroz, feijão, farinha, mandioca, café... Depois lembra das crianças, então ele coloca bolacha, às vezes ele coloca umas balas, porque ele disse: “Se eu fosse no supermercado e comprasse para minha família, para os meus filhos [...]” Depois ele ajudou os sobrinhos dele a se desapegarem de alguns brinquedos, trouxe os brinquedos e tudo.*

*Então você vê, voltando também nesta construção aqui, aconteceu a mesma coisa: providência total de Deus. Você não visando o interesse no cliente, você vai dividir a clientela. Então os pobres, não te dão um retorno, então ficam fora. Você trata de um jeito: “se vocês não têm, então não me interessa”. A classe média, ao invés que me dá, eu tenho que me dedicar a esta gama e aqui a classe alta é muito no fim de semana, porque têm chácaras para cá. Então se fosse viver só para o fim de semana [...]. Quando se tem relacionamentos verdadeiros, não precisa se preocupar com a parte material, da parte econômica. Lógico tem que se preocupar para administrar aquilo que você está fazendo, mas tem este “sócio invisível”, que Ele pensa, e vai te dar em “cêntuplo”. Eu fiz a minha conclusão desta grande providência que a gente recebe, né. A gente sente forte que para você construir hoje, você tem que pedir um empréstimo, a não ser que tenha herdado muito dinheiro. [...] Você tem o juro para pagar, que é muito alto, e às vezes você tem que trabalhar só para pagar o juro, [...] você vai ficar sempre com a dívida. [...] Então nós recebemos um empréstimo, um grandíssimo empréstimo e com isso não quer dizer que não temos que corresponder com um juro muito alto que é dar a vida para cada pessoa que vem aqui dentro. [...] Então se a gente faz isso, depois Deus se encarrega, manda os clientes. Tem aquela semana que chove e a gente pensa: “hoje não vai ser” e as contas para pagar estão aí, né. Quando você vai ver, termina a semana... Então [...] Deus se serve das coisas concretas, eu diria. A espiga o que é que é? Não fala nada de Deus, não está escrito fora: “pertence ao Movimento dos Focolares” ou “quem trabalha são focolarinas”. Não! Quem entra aqui só diz assim: “Nossa, mas que local lindo, na beira da estrada, mas vocês são simpáticas demais!” Um dia chegou um grupo de jovens, né, porque nós temos cliente de tudo: aqueles motoqueiros [...] que a primeira vez que pararam, nós tomamos um susto [...] só que a gente atendeu como todo mundo [...] Ele quando estava pagando disse: “Desculpe, viu, mas a gente queria agradecer vocês, porque é a primeira vez que a gente entra num local e a gente sente assim que somos tratados como clientes normais. A gente sente um clima de família. E nos outros lugares quando a gente entra, parece que todo mundo foge, pensa que somos ladrões”. “Não, até agora não vimos ladrões nem pessoas assim...” Lógico, na chegada fizeram um pouco de barulho... e os clientes lá fora olhando as motos, botando a criança em cima. Então eles se sentiram tão amados, que agora são clientes fixos. Tanto que começaram a dar providência. Um era diretor de marketing do Banco Itaú, não sei quantos computadores que nos deu. [...] Esse amor verdadeiro... é um modo, eu acho, de poder transmitir uma vida diferente sem falar de Deus, sem falar de nada, que seria*

o normal do ser humano. Hoje isso aqui é o anormal [...] Acho que por isso que chegou toda essa providência e também para que a “janela” ficasse mais aberta [...].

E depois a gente sente que aqui é uma região turística, porque tem empresa de Ibiúna, tem condomínios, tem Centro Espírita, o maior Templo Budista da América Latina, tem até baseball, treinamento do time brasileiro. Então é uma região do turismo. Pessoas que possam se sentir bem, não só a classe média [...], mas todos, do jovem até a pessoa de idade. Tem uma senhora de idade que fala para seus filhos: “Ai me leva lá naquele local lá que tem aquelas meninas simpáticas, eu gosto de ir lá”. Um dia chegou um jovem sabe assim, bem punk. E a um certo ponto um fala para o outro: “Eu não te falei, olha lá, elas estão sorrindo todas! E um deles foi lá: “Me diga, quem te faz fazer este sorriso? Porque vocês sorriem?”. E ela (a atendente) respondeu: “É tão belo sorrir e não me custa nada, porque não posso sorrir para você? Isso aqui é gratuito.”Aí ele voltou e falou: “Obrigada, viu. Hoje valeu o dia “.

E também a Espiga é um meio de trabalho que sustenta, logicamente, as jovens que vêm para cá, mas também entre nós tem aquela que vem do sul, do norte, aquela que fez faculdade, aquela que não fez. Hoje chegou a Luciana e disse: “Adriana, passei na OAB!” Que coisa, né?! Um passou na OAB e o outro, ao invés, terminou o colegial ou não saiu do colegial. Para amar o cliente, para dar o direito de atenção ao cliente, não precisa ser advogado, médico, preciso só ser uma pessoa que possa transmitir ao outro aquilo que eu gostaria que fosse feito a mim. É só pensar em você: “como é que eu gostaria de ser recebida? Como é que eu gostaria de comer um pãozinho que é gostoso? [...] Então é direito, é meu dever fazer isso para os outros”.

**Nome: Sr. Luiz Carlos Durães e Sra. Helda Lúcia Durães (clientes da “Espiga Dourada”).**

**Data da entrevista: 23/10/2004**

Luiz: Nós conhecemos a Espiga em 2001. A gente tem uma chácara aqui perto e todo fim de semana a gente passava pra cá e eu sempre parava numa padaria aqui perto, não na Espiga. A Espiga era pequenininha ainda, não tinha sido reformada, e eu sempre parava numa padaria aqui mais para frente. Aí um dia eu vim com minha filha. Eu já tava ensaiando de parar aqui; sempre alguma coisa me atraía para cá. Aí eu resolvi, já que eu tava com ela, vou dar uma paradinha ali, só para ver. Só tinha o balcãozinho ali, lá na frente. [...] E daí a primeira coisa que atraiu foi essa acolhida das meninas, que é totalmente diferente, principalmente para quem mora na cidade de São Paulo, que é muito fria. Aqui não, aqui é essa acolhida. Parei aqui com minha filha. Voltei para casa, comentei com a Helda que tinha conhecido uma padaria diferente e até comentei que precisava conhecer o dono, porque o pessoal era muito acolhedor, era impressionante. Aí de lá a gente veio junto, parou, foi parando e tô parando e tô parando até hoje. [...] O que sempre impressionou foi assim: primeiro o ambiente bonito, bem harmonioso, a atenção das meninas. Da segunda vez que eu parei elas já sabiam: “oi, Luiz, tudo bom”. Elas sabiam o nome. Aí depois de muito tempo a gente descobriu o segredo, que elas tinham um caderninho, onde anotavam: “família da parati vermelha: Luiz, Helda e a filha Patrícia”. [...] Então foi daí que a gente foi conhecendo isso aqui, foi sempre

chamando atenção. Daí a gente descobriu que as meninas eram do Movimento dos Focolares.

Helda: Antes de a gente descobrir aconteceu uma coisa muito interessante. A gente tava numa fase bastante difícil como família, como casal. A gente vinha de São Paulo aqui discutindo, discutindo. A gente parava aqui, tomava café, elas com aquele sorriso. Aí quando a gente saía daqui, a gente não estava mais brigando. Era uma coisa que a gente não explicava, porque, nossa, parava na padaria acabava o problema. E a gente vinha, depois eu comecei a vir também. Aí como que a gente descobriu o que tinha por trás... e ele comentava: “nossa, precisamos falar com o chefe dessas meninas. Ele deve ser maravilhoso”. Até o dia que a pessoa que atendia mais a gente, que era a Sheila. [...] A Patrícia adorava ela. [...] Aí chegou, a Sheila não tava: “cadê a Sheila?”. O pessoal: “Ah, espera um pouquinho que ela quer falar com você”. Me passaram um telefone sem fio. Eu falei: “nossa”. “Não é que ela vai pra Itália”. “Itália?”. Eu não estava entendendo mais nada, né. “O que ela vai fazer na Itália, né?!” “É que hoje é a despedida dela, ela quer convidar vocês para ir na casa dela, ali na Mariápolis”. “Mariápolis é um bairro?”. Aí elas explicavam, eu não estava entendendo nada. “Não, entra ali no portão”. “Será que é um condomínio fechado?”. Ia ser naquele dia a tarde e a gente tava passando de manhã. “Ah, nós vamos sim, três horas, sei lá”. Aí viemos, eu, ele e minha filha. Entramos sem entender nada. Que é isso? Aí chegamos, um monte de moças que iam para a Itália, né.

Luiz: Como se não bastasse uma tinha um monte. Eu não entendi nada. (É na Itália que as focolarinas concluem sua formação, até a consagração).

Helda: Aí começou aquela festa de despedida, canto. Aí veio a Norma, que era a responsável e começou a falar sobre o Movimento, só que a gente não entendeu muito. A gente começou a ver o que era, tal. Aí a gente fez alguns encontros, encontro de famílias. Aí a gente foi se aprofundando. Minha filha mora na Casetta (é assim chamada a casa de formação das adolescentes e das jovens) este ano. [...] Inclusive eu morava em São Paulo. Agora a gente mora na chácara, para ficar mais perto. Vamos todo dia para São Paulo. Eu vim só por causa da Patrícia, porque eu não queria nem que ela viesse para a Casetta, muito menos que ela viesse morar aqui. Eu não queria que ela viesse morar na Casetta, não por causa do Movimento, mas porque ela é minha filha única. E eu achei que eu não ia agüentar. Mas aí ela resolveu vir e eu resolvi vir morar na chácara para ficar mais perto. Só que olha que coisa. Eu não quero mais morar em São Paulo. Mesmo com a viagem todo dia, vale muito a pena. É muito mais tranquilo. [...] Então a gente pode dizer que a Espiga mudou a nossa vida.

Luiz: A parada de fim de semana que foi abrindo nossa mente pra gente ver que a vida era muito além do que a gente tinha em São Paulo. Não aqui, por incrível que pareça, a gente tava dentro de uma das maiores cidades do mundo e veio morar perto de uma das menores cidades do mundo, que é Vargem Grande.

Helda: Mas a vida mudou totalmente, para todos.

Luiz: [...] Eu nunca tinha pensado nisso, mas o aspecto turístico da Espiga. Dá até pra dizer que a Espiga é uma atração turística da cidade. [...] Porque todo mundo conhece. Quem passa nessa estrada, chama a atenção. Daí se surpreende com a qualidade, a acolhida, a hospitalidade, [...] informações”.

Tem gente que frequenta aqui como cliente e não vai além disso; têm outros que frequentam, como a gente e acaba conhecendo o movimento e se encantando,

*conhecendo mais além. [...] A pessoa é acolhida do jeito que ela é. Um ambiente saudável, um ar de mistério, que sempre que a gente conversa com as pessoas, as pessoas dizem: “mas que será, será que são freiras?”*

*Helda: [...] Então eu acho que dependendo da sensibilidade da pessoa, ela percebe que existe alguma coisa.*

*Luiz: E outra coisa muito interessante. Aqui é assim, por exemplo, às vezes vem uma pessoa de idade, às vezes vem criança, então elas saem de lá de trás do balcão e vêm acolher, e vão lá brincar com as crianças e ajudam as pessoas de idade. Quer dizer, é um modelinho, muito pequeno de como poderia ser o mundo, desde que cada um se preocupasse com o outro, ajudasse. Então eu acho que o trabalho que eles fazem aqui é um trabalho interessante, que seria assim um trabalho missionário silencioso. Eles não te abordam tentando te trazer para dentro, mas eles fazem isso de uma maneira tão tranqüila, que se a pessoa tiver precisando naquele momento, como foi o nosso caso, aí você encontra aqui um lugar que você fala: “puxa vida, olha aí, que lugar bonito, que lugar gostoso, que a gente se sente bem”. Aí dessa paradinha na Espiga evoluiu pra gente vir morar na chácara, evoluiu pra Patrícia ir para a Casetta e evoluiu pra gente estar instalando uma unidade de negócios, nós temos uma empresa de informática, e a gente tá instalando uma unidade de negócios aqui na Mariápolis, com o pessoal do movimento. E a proposta que eu falei pro pessoal que está com a gente é levar o espírito da Espiga Dourada dentro de uma empresa de informática. Essa acolhida toda, dentro de uma área de tecnologia. Então eu diria que vai adquirindo uma dimensão interessante.*

*Helda: Eu era uma pessoa que só ia a Shopping. Final de semana eu catava minha filha e só ia a Shopping e era urbana, totalmente urbana, ele me conheceu bem. Então para mim, imagine, morar na chácara. Então você veja que tudo foi mudado. E agora eu não posso nem me imaginar passeando no Shopping.*

*Luiz: E às vezes o pessoal fala: ‘mas não é longe de São Paulo?’ “Não”. De casa até o serviço nós estamos a 52 Km, leva uma hora. Antes eu estava a menos de 1. 15 minutos a pé.*

*Helda: Vale muito a pena.*

*Luiz: [...] O que acontece. Dentro dessa parada aqui na espiga, nós começamos a participar de encontros no Centro Mariápolis, aí depois começamos a participar das missas. Eu sempre falo que tenho uma experiência muito forte, porque eu fui líder estudantil de extrema esquerda, quase guerrilheiro. Padre e Igreja eram duas coisas que, dentro da nossa proposta, tinha que acabar, extinguir. Assim que a gente tomasse o poder, a gente acabava com todos. E de repente hoje eu to indo na missa e tudo isso dentro de uma coisa absolutamente normal de transição. Ou seja, eu não violei nenhum dos modelos que eu acreditava e defendia, porque dentro disso aqui eu encontrei, como eu disse, porque dentro do Movimento existem vários comunistas e ex-comunistas e daí eu descobri porquê. Porque existe uma identidade muito forte entre os princípios – quando eu falo do comunismo, eu falo do comunismo original [...] – partilhar, viver em comunidade, todo mundo tem o que precisa... Eu digo por aí, que se quando criaram o comunismo lá em 1917, na Rússia [...], se tivessem colocado Deus no comunismo, tinham criado o Movimento dos Focolares.*

*[...] Quer dizer, começou vendendo pão numa cestinha aí no acostamento e daí vai acontecendo assim numa dimensão que é a prova de que tem uma ação divina, superior. Podem chamar do nome que quiser: Alá, Buda, não interessa o quê, mas*

*tem uma ação aí forte e inclusive faz isso ser preservado da violência. Por um lugar desse, para o tempo de existência, ter tido três assaltos assim é bem pouco, porque é uma região muito carente, muita droga. Aí nessa estrada passa muito bandido.*

**Nome: Maria do Carmo Rosito Gaspar (Membro da primeira família que veio habitar na Mariápolis).**

**Data da entrevista: 23/10/2004**

*Moro na Mariápolis de fevereiro de 1974. Mas nós conhecíamos o movimento há mais tempo, desde 65, 66. Éramos de Araraquara, interior de São Paulo. Era casada, tinha cinco filhos. Depois meu marido morreu repentinamente num acidente em 73. Mas antes disso nós freqüentávamos juntos o movimento. Vínhamos sempre para São Paulo, para o Focolare. E me lembro muito bem naquela época, em 67 mais ou menos, Ginetta começou a procurar. Ela sentia a necessidade de ter esta casa de formação para a comunidade, que já tinha crescido muito. Então nós rezávamos, pedindo que a gente conseguisse ter esta casa. Chiara também queria. Eu me lembro que ela procurou em São Paulo e conseguiu alugada uma casa, que foi negada de última hora. [...] E dali, desta perda muito grande, surgiu a possibilidade desta terra aqui. Tinha inclusive outras possibilidades, de outros terrenos, em Minas, na região de Sorocaba. Mas através do Cardeal aqui de São Paulo, teve contato com esta imobiliária que tinha esta terra à venda. [...] Ela veio ver e achou que esta terra tinha a vocação, ela dizia. [...] Só sei que quando este negócio já estava mais ou menos encaminhado, para decidir, ele quis que a comunidade também visse. Então no outro encontro que nós viemos, no focolare, ela lotou um ônibus e nós viemos aqui para conhecer. Porque ela queria que a gente visse e juntas entendêssemos. E realmente, foi comprada esta terra e as comunidades todas também se uniram para ajudar pagar. [...] Era difícil, porque não é que ela tinha o dinheiro em mãos para comprar o terreno. E depois tínhamos que construir, porque aqui não tinha nada. Tinha uma casa de pau-a-pique, uma outra casinha que era uma casa de animais, muito precária. Não tinha nada no terreno. E nós vínhamos sempre para cá, sempre, porque era nosso lugar. Foi feita uma casa pequena, porque Ginetta veio morar nessa casa de pau-a-pique. Reformou um pouquinho, pintou, colocou piso e ficou morando ali, mais duas ou três focolarinas. [...] E a gente vinha fazer os encontros aí: na sala desse sobradinho, ou nessa casa de pau-a-pique, que tem uma sala boa também, ampla. E ajudávamos no terreno, a colher. Pó exemplo, elas plantavam verdura para poder vender e sobreviver, né. Nós ajudávamos colher, se vínhamos aqui, ajudávamos a fazer os saquinhos de erva doce. E depois foi sendo construído o primeiro centro mariápolis, aquele pequenino. A gente ajudava em muita coisa, até a transportar o tijolo. As coisas necessárias, quando estávamos no encontro, fazíamos aquilo. Ou então plantar os jardins. Aqui não tinham árvores, era um pasto, era um haras. Então a gente ia plantando as árvores. Foi então uma coisa muito conquistada por todos [...].*

*Quando foi inaugurado o primeiro Centro Mariápolis, se não me engano, foi em 70, 71, estávamos aqui [...]. Então nós tínhamos esse desejo de ter nosso cantinho aqui também, um terreno, uma casinha, que a gente não podia talvez morar, mas pra vir passar dias, ficar uma temporada e depois deixar pras*



focolarinas usarem. Porque sempre precisava de lugar para alojar as pessoas nos encontros. Ainda era muito precário tudo aqui, né. Mas não foi possível ter isso antes desse acidente que levou meu marido. Depois um ano que ele tinha falecido eu vim, nós participamos aqui de um encontro, e Ginetta me perguntou o que eu gostaria de fazer. E disse esse desejo que tínhamos no coração. Porque antes de o Rosário partir, nós participávamos de encontro de Famílias Novas (é assim chamada a seção das famílias do Movimento), vínhamos nos finais de semana, várias vezes com a família toda para os encontros. E disse pra ela que tinha esse desejo. Ela falou: “porque você não vem agora?” Antes era difícil, porque meu marido era contador, profissional liberal. Como ele viria para um lugar assim, onde não tinha possibilidade nenhuma de montar um escritório, né?! Eu falei: “realmente, agora nada me impede”. Aí eu fui, falei com as crianças. As crianças concordaram e em 3 meses nós preparamos tudo. [...] e Ginetta cedeu para nós aquela casinha, de pau-a-pique, que foi reformada, era uma casinha, até hoje. Porque não tinha casa na região, até que nós construímos a nossa. Então foi muito bom. Era uma comunidade pequena, máximo 30 pessoas naquela época e todos os finais de semana tinha esses grupos que vinham para os encontros. E a gente ajudava a receber, ajudava nos trabalhos do encontro e as crianças cresceram no meio disso. Vinham sempre muitos visitantes. Além dos encontros, sempre vinham pessoas para visitar. Porque já se dizia desse pessoal que vivia dessa forma. O pessoal da redondeza também começou a conhecer. (Qual era a impressão deles?) Sempre de muita admiração. Em geral as pessoas que chegam aqui, passam algumas horas, um dia, dois dias, depois vão embora dizendo: “mas vocês moram no Paraíso”. Então a gente diz: “realmente é Paraíso”. Mas é um paraíso que a gente tem que construir hora por hora, dia por dia. Porque é um paraíso que só existe se nós estivermos no amor recíproco 24 horas por dia. Prontos a dar a vida um pelo outro e sairmos disso um momentinho, já não é mais paraíso, pode se tornar uma prisão [...]. Então se você quer estar no paraíso, você tem que estar no amor. Cada um que vem pra cá, vem só por isso. Então a lei deste lugar aqui é este amor e só tem sentido a nossa vida aqui assim. Tanto que a gente veio porque gostávamos, queríamos vir ajudar a construir esta obra aqui, né. E realmente alguma coisa a gente fez materialmente, quem sabe ajudando a receber as pessoas. Com o tempo começaram a vir as pessoas do exterior. [...] Mas com o passar dos anos foi muito mais aquilo que a gente recebeu. Entende? A gente procura dar, porém é muito mais o que a gente recebe, de amor concreto de todos os que moram aqui e também de quem chega. Porque sabe, você recebe essa alegria, você enxerga a Mariápolis com os olhos de quem chega aqui. É muito legal. [...] Você valoriza certos aspectos que às vezes... por exemplo as ruas limpas, os jardins bem cuidados, mas somos nós mesmos que cuidamos. Mas que causam admiração, porque é fruto desse amor [...].

E estar com Ginetta aqui, foi assim uma coisa, realmente excepcional. Conviver com ela esses 30 anos quase foi muito... Sentia o amor concreto dela, sabe. Seguiu passo a passo a nossa vida, acompanhando as crianças, que se tornavam adolescentes, que se tornavam adultos. Sabe, os passos todos. [...] A firmeza que ela tinha. Para ela não tinha dificuldade, no sentido de empecilho. As dificuldades existiam sim, mas para serem superadas. Então ela sempre nos chamava a isso. Tanto na nossa vida de família, como depois em toda a vida da Mariápolis aqui. No aderir a Economia de Comunhão, sempre esta visão do futuro, acreditando na graça de Deus que não nos falta e que nos dá as condições

*de poder atuar aquilo que Ele pede. [...] Em trinta anos surgir uma Mariápolis desta daqui, do nada. Eu sou testemunha que não tinha nada.*

**Nome: Sandra Ferreira Ribeiro (Focolarina e habitante da Mariápolis. Realizou um estudo sobre a Mariápolis Ginetta e a figura de Ginetta).**

**Data da entrevista: 23/10/2004**

*Estou morando aqui na Mariápolis desde 91. Tenho uma formação bastante eclética, primeiro cursei a graduação de física, depois fiz teologia, com mestrado em humanismo e agora terminei o mestrado em Sociologia.*

*Então esse trabalho que eu fiz (dissertação) de mestrado, teve como título: “Carisma e Modernidade. Ginetta Cagliari, a ética da unidade e o espírito da Economia de comunhão”. O título tem clara referência a um trabalho do sociólogo famoso, Max Weber: “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, mesmo se o título é meramente ilustrativo, não é que eu fiz uma análise, ou uma comparação do Weber com alguma coisa do movimento, isso não. Mas me inspirou bastante o trabalho dele, como os valores que as pessoas assumem na própria vida, como isso daí vem a ter influência nas relações sociais e na transformação das relações humanas, transformação da sociedade em si. [...] Mas no meu caso, o que chamou a atenção foi como uma ética, que eu denominei, “ética da unidade”, como esse modo de se relacionar com as pessoas, que deriva da espiritualidade do Movimento dos Focolares [...] transforma o social. E eu peguei como foco da minha pesquisa, justamente a Mariápolis Ginetta, em todo seu significado, de “cidade-laboratório”, onde os 450 que somos aqui, que vivemos aqui, laboratório [...] de uma sociedade nova, onde a gente quer realmente fazer impregnar todos os nossos relacionamentos sociais, o nosso [...] estilo de vida, impregnar por este ideal da unidade, por esta espiritualidade de comunhão, que é toda extraída dos valores evangélicos, assim como Chiara e suas primeiras companheiras entenderam no início do Movimento dos Focolares. [...]*

*Foi a história de Ginetta (a dissertação), o seu protagonismo no nascimento da Mariápolis, que hoje leva o nome dela, e sobre a Mariápolis também na sua extensão, com o Pólo Empresarial Spartaco. Então qual foi o papel dela, como as coisas foram sendo conduzidas, [...] para ter o resultado que nós temos hoje [...].*

*Eu focalizei isso e cheguei a essa conclusão: que Ginetta era realmente uma figura carismática. Nós, no interior do movimento, a gente usa esta palavra com um determinado significado, que é um significado mais teológico [...]. Em Sociologia, em Ciências Sociais o próprio Max Weber, fala também de carisma, com outro significado. Não tem nada a ver com a Teologia. Inclusive é um significado que nós diríamos até pejorativo, quase, porque a Sociologia ela não faz julgamento de valores [...]. Então o Weber quando fala - ele tem muitos estudos - de carisma, ele estuda figura de líderes carismáticos que ao longo da história deram vida, ou melhor, eles possuíam certas qualidades que eram as pessoas a reconhecer. Este é o valor social do carisma. Não é o fulano que diz:” eu tenho essa qualidade”. Não. São os outros que reconhecem nele essa qualidade e portanto*

*seguem essa pessoa e daí instauram uma relação social entre o líder e a comunidade que o segue. Então ele estudou grandes fundadores de religiões como o Buda, Jesus, mas para ele, um líder carismático é um Hitler, por exemplo, é o Mussolini, quer dizer, ele não faz distinção, obviamente. O carisma é uma qualidade que uma pessoa possui, mas que é atribuída pelo grupo social que está ao seu redor. [...] Então eu via que, no Movimento, além do significado teológico que nós atribuímos, existia sim, também, uma certa tipologia de relações sociais, baseadas no carisma, também do ponto de vista sociológico. Porque, querendo ou não, damos valor àquilo que Chiara fala, acreditamos e por isso nós seguimos o que ela diz. E eu via que de certa forma isso acontecia também com Ginetta aqui no Brasil. Ginetta tinha um poder, uma capacidade de mobilizar o grupo a realizar certas coisas que você diria, em situações normais ninguém faria. Mas acreditava nela. Ela tinha esse poder de arrastar as pessoas. Então, isso é uma relação carismática, também do ponto de vista sociológico. Só que - e aí que está a novidade, que eu tentei provar na dissertação - que mesmo existindo essa relação de carisma, e, portanto de um grupo de pessoas que acreditam em um líder e o seguem, ao mesmo tempo essa relação não tira a autonomia dos sujeitos. As pessoas continuam sendo elas mesmas, livres de aderir ou não, pessoas pensantes, não pessoas assim “robosinhos” que vão atrás [...] Eram pessoas que a seguiam no que ela convidava a realizar porque acreditavam no carisma, que era o Ideal. Mas ao mesmo tempo eram pessoas que tomavam sobre si a responsabilidade de suas ações. Então eu quis mostrar aqui essa novidade. Uma coisa que na Sociologia normal o carisma tira a autonomia do sujeito, eu quis mostrar que dentro do movimento, mesmo existindo essa relação, de líder e de seguidores, permanece ainda esta autonomia, ou seja, que nós, damos igual importância seja do coletivo, mas também do individual. Cada um é responsável por si mesmo, é responsável pelas suas ações. [...] Então tentei demonstrar que no processo social de relações que deram vida à Mariápolis e depois completada com o Pólo Spartaco, nesse processo de relações sociais houve a influência de um tipo de relações carismáticas, mas salvando a autonomia das pessoas. Ou seja, Ginetta teve um grande papel, mas eu não posso dizer que foi Ginetta que construiu tudo. Ginetta foi essa pessoa à qual todos nós atribuíamos, um carisma, uma fé carismática, mas ao mesmo tempo, éramos nós, o coletivo que arregaçava as mangas, que tomava a iniciativa, que tomava a responsabilidade, que aconselhava ela também. Porque Ginetta, mesmo se ela tinha essa autoridade moral, ela nunca foi um tipo autoritário. Ela sempre chamava as pessoas para tirar dúvidas [...] Ela tinha aquela força de fazer as pessoas darem o passo, mas ao mesmo tempo era uma que queria ouvir o teu parecer [...].*

*Então ela teve um papel preponderante aqui na construção da Mariápolis, sobretudo no Pólo, no concretizar a EdC, porque se fosse pensar, Chiara deu a idéia, mas nem Chiara sabia como ia acontecer isso. Então foi bacana porque entrevistando muitas pessoas era uma constante essa definição: “Ginetta era uma líder, tinha uma fé carismática, era uma pessoa que acreditava no Ideal, que tinha uma grande unidade com Chiara e acreditava nessa unidade com ela. [...] Era uma pessoa radical, não era uma pessoa de “meias medidas”. Ela tinha um ideal e dava a vida por aquilo. E era uma pessoa assim, que parecia que ela não tinha tempo para ela, não tinha tempo a perder [...].*

*Era uma pessoa que tinha de olho o “que todos sejam um” (João 17, 21) e era ali que ela queria chegar. Tudo que tava do lado, ela não interessava. A*

*meta era aquela. Então todas as energias [...] que ela tinha era em vista de divulgar o Ideal, o Movimento, fazer com que outras pessoas fizessem a mesma experiência que ela fez: de conhecer esse grande Ideal, que soluciona todos os problemas, porque tem a chave de leitura para a realidade.*

*Teve um entrevistado que me falou assim: “às vezes – ele conviveu com Ginetta aqui na Mariápolis vários anos, é um dos dirigentes aqui na Mariápolis – quando Ginetta dava idéias, queria realizar alguma coisa e propunha para nós, nós dizíamos muitas vezes, mas isso aqui é impossível, mas para ela não existia essa palavra.” Se necessitava de dinheiro se pedia a providência, se arrumava e não foi nunca por causa de dinheiro que as coisas não aconteceram. Ela sempre tinha essa fé que se era uma obra de Deus e se isso que tinha que ser construído, que tinha que ser feito, era conforme o plano de Deus [...] então construir o Centro Mariápolis, construir uma sede para as jovens que vinham do Brasil inteiro para se formarem, ela não via nenhum obstáculo. E depois o dinheiro chegava [...]. Esse dirigente me falou na entrevista que eles diziam: “Mas Ginetta é impossível... e às vezes a gente achava que ela era muito ingênua em certas decisões. E a gente não queria aderir porque era contra qualquer lógica, mas, porém com o tempo eu fui entendendo que Ginetta era uma pessoa assim: ela tinha fé nesse “ut’omnes”, no “que todos sejam um” – ele dizia – era como se você estivesse viajando, no carro e de repente você entra numa região de muita neblina. Você não vê nada, mas você vai para frente porque você sabe que daqui a pouco a neblina vai passar e depois você vai continuar vendo”. Então ela sabia que mesmo sem entender as coisas, ela sabia que aquilo tinha um motivo, tinha uma meta e ela ia em frente. E ele ajudou muito as pessoas a acreditarem, a perseverarem. [...] Até com os empresários... “Mas abrir empresa quando todo mundo está fechando?”. “Mas vocês têm que se convencer que vocês são os pioneiros de uma grande obra de Deus, não podem se deixar abater pelo desânimo” [...] Isso dava força para eles e eles enfrentavam tudo. E depois Deus vinha ao encontro, né.*

*Então a gente sente que foi uma pessoa líder, nesse sentido. Que ela tinha mesmo uma visão das coisas, mas era uma visão sobrenatural, em base a essa fé que ela tinha, mas que ao mesmo tempo, fazia com que ela encontrasse todas as maneiras, e maneiras lógicas, porque não é que Ginetta era boba, ela sabia como fazer. Então não é que ela ficava de braços cruzados esperando que o dinheiro fosse cair do céu. Ela se mexia. Então lembrava do fulano tal, que ela conhecia, enfim esse fulano dava uma soma de dinheiro para a construção do Pólo. Quando foi na Igreja mesma coisa. Então ela não se dava paz e rezava [...] e pedia e as coisas chegavam e as coisas aconteciam. Mesmo essa comunhão de bens, porque tudo no movimento foi acontecendo não só porque chegava a providência de pessoas de fora, mas, sobretudo esse milagre de comunhão que todo mundo fez aqui no movimento. [...]*

*Uma coisa bonita em Ginetta era esse sentido da cidadania, esse sentido de que a Mariápolis tinha que ser uma cidade laboratório em todos os pontos de vista. Não só dos relacionamentos sociais, mas também, de uma convivência cidadina, harmônica. Limpeza das ruas, harmonia dos ambientes ou, por exemplo, responsabilidade social. Eu não estava aqui na época, mas nas entrevistas eles contam isso, que a um certo ponto, viu-se a necessidade de asfaltar a Mariápolis, porque chove muito nessa região, sobretudo em janeiro, quando é época dos congressos nacionais. Uma vez uma pessoa escorregou, caiu e quebrou o braço.*

*Então pronto, isso foi pra Ginetta: “precisamos asfaltar a Mariápolis, não podemos mais continuar assim, não podemos mais deixar que outras pessoas quebrem o braço. É um dever de caridade” – ela dizia [...].*

*Então ela era um tipo assim que mobilizava todo mundo ao amor. Fazia com que todo mundo acreditasse na possibilidade. Porque se é plano de Deus, todo milagre é possível.*

**Nome: Ivone Bortolatto (membro do Conselho administrativo da cidadela e uma de suas primeiras habitantes).**

**Data da entrevista: 24/10/2004**

*Sou de Ourinhos e cheguei aqui em 1971. Estava no último ano da faculdade. Eu fiz Letras e já havia feito contabilidade. [...] E os dois cursos foram muito úteis na minha vida profissional. [...] E vim pra cá ainda antes de completar os últimos exames. Cheguei aqui no dia 1º de dezembro, depois voltei para minha cidade para prestar alguns exames de algumas matérias e colar grau. Depois voltei definitivamente para cá. Naquela época eu havia passado num concurso do Banespa, justamente por causa do meu curso de Contabilidade e comecei a trabalhar em São Paulo. Diariamente nós íamos para São Paulo para trabalhar. Saímos às 5 da manhã, eu entrava às 7. Então foi uma experiência muito legal.*

*Agora olhando para trás, nós éramos cheias de entusiasmo, jovens. [...] Eu me lembro, que nós íamos com uma Kombi velha. Naquela época nós éramos 9 pessoas aqui, jovens, não existia nenhum rapaz, ninguém da parte masculina. Então nascendo a Mariápolis, nós tínhamos que desenvolver esta Mariápolis. E só um grupinho de jovens, como poderíamos fazer? A terra aqui era fértil, era tudo alagadiço. Então tivemos a idéia de arregaçar as mangas e começar a construir a Mariápolis com o nosso trabalho. Então fizemos uma horta. Todo dia voltando do serviço em São Paulo, ia trabalhar na horta. [...] E era uma experiência para mim muito interessante, porque é completamente diferente para mim trabalhar na matriz de um banco. Eu trabalhava no setor de câmbio, moeda estrangeira. O relacionamento era todo no exterior, com outros bancos, feito todo em inglês. [...] Nós íamos com uma Kombi carregada de verduras para entregar em um restaurante. [...] Depois saía correndo para bater o cartão às 7. Trabalhava das sete à uma. E eu voltava de ônibus. Chegava aqui às três da tarde. Almoçava e ia trabalhar na horta. À noite quando a Kombi voltava, elas traziam o pedido do dia seguinte. Porque naquela época não existia telefone, não tínhamos carros, tanta coisa que faltava aqui, não tinha água, nada. Aí nós preparávamos o pedido, completávamos o que faltava. Às vezes era dez da noite, nós pegávamos um lampião à gás e íamos num rancho, onde nós deixávamos as batatas colhidas. A gente chamava a casa da bruxa: era cheio de ratos lá. Classificávamos as batatas maiores para vender e as menores pra gente comer. Então preparava e no dia seguinte novamente para São Paulo e essa aventura por anos. Então a primeira fonte de recurso para construir a Mariápolis foi o nosso trabalho. Eu me lembro que naquele tempo, vinham os jovens lá de Ourinhos, das cidades, nos finais de semana e traziam barracas. E dentro das mochilas eles traziam enxadas e chegavam aqui*

iam até o bosque faziam um cabo pra enxada e trabalhavam para limpar terreno, pra limpar para a construção que ia começar. Foi a contribuição espontânea das pessoas do movimento.

Outras pessoas do movimento davam aquilo que podia dar. Todos tinham esse desejo de ajudar a construir essa casa para os membros do movimento que Chiara tinha expressado a Ginetta. [...] Que o movimento aqui no Brasil, aqui em São Paulo tinha crescido tanto, que precisaria de uma casa para acolher essas pessoas. Que aqui seria um centro Mariápolis. Outras pessoas davam ajuda financeira; outros como esses jovens davam o trabalho manual; outros davam seu conhecimento profissional [...] e assim por diante cada um colocava em comum aquilo que tinha. [...] Nós fizemos todo tipo de trabalho na Mariápolis, porque pra gente, todo “trabalho dignifica o homem”, não tem um trabalho mais importante do que o homem. Então nós trabalhamos como servente de pedreiro, porque quando chegava o tempo de chuva, a chuva atrapalhava a construção. Para nós era prejuízo, por que tínhamos que pagar os operários. Uma, a Adriana, aprendeu até a rejuntar azulejo [...]. Fizemos todo tipo de jardinagem Quando começaram os encontros, mesmo sem ter terminado o centro Mariápolis, as únicas duas casas que tinham aqui era a nossa e a da Dona Joanita. Então nós dávamos a nossa casa para as pessoas dormirem e dormíamos na sala da casa dela. Fazíamos os encontro na sala sem concluir ainda [...].

A outra forte de recursos foi a Comunhão de Bens, que é característica do Movimento desde o início. Que é colocar em comum aquilo que tem [...], o dinheiro, o trabalho, o tempo livre. E depois, muitas famílias, conhecendo o Movimento, conhecendo aquilo que vale, descobrindo essa nova vida evangélica, colocavam em comum, por exemplo, as jóias. Eu me lembro de uma família, que tinha muitas jóias que colocou tudo em comum [...]. Então essas jóias vendidas se transformavam em tijolos, em pedra, em areia, em ferro, para a construção. Em uma outra família, a esposa sentiu o desejo de também [...], só que o marido não concordou. O que aconteceu? A casa foi assaltada e os ladrões levaram todas as jóias embora. Aconteceu que coincidentemente, a casa da família que tinha dado as jóias também foi assaltada, a família era de São Paulo. E o ladrão não encontrou nada, porque eles tinham dado tudo. E a gente pode dizer hoje assim, né, olhando para trás, que realmente essa família viveu aquela frase do Evangelho em que Jesus diz: “Não acumuleis tesouros na terra, onde os ladrões roubam, mas acumuleis nos céus, onde a traça não rói, o ladrão não rouba, a ferrugem não corrói”. E hoje essas jóias se transformaram [...] num auditório que dá Deus a tantas pessoas. Tantas pessoas vêm aqui e encontram Deus. Então você pode ver que a Comunhão de Bens leva também as pessoas a encontrar Deus. [...] E realmente, se pedra falasse, tijolo falasse, as paredes contariam histórias. Então a segunda fonte de recursos para construir a Mariápolis foi a comunhão de bens, dos membros de todo o Brasil.

Depois, ainda uma terceira fonte de recursos para construir a Mariápolis foi a Providência de Deus. Essa nunca faltou, nunca faltou. [...] Nós estávamos construindo o refeitório e a um certo ponto o empreiteiro chegou e disse que nós estávamos atrasados com o pagamento e que não iam mais continuar, que iam par a construção. Aí Ginetta nos chamou e disse: “não pode parar a construção. Como é que nós vamos daqui para São Paulo e encontramos um terreno baldio, ao redor da estrada e no dia seguinte uma construção se levantando. Não é possível que as obras dos homens vão para frente e as obras dos homens parem. Não pode

parar”. Ela disse: “Olha, vamos pedir a providencia de Deus”. Precisava pagar trinta mil ou trinta milhões de cruzeiros, porque naquela época era cruzeiro. Ele deu o prazo pra gente pagar até na hora do almoço do dia seguinte para não parar a obra. Então eu me lembro que nós ajoelhamos e como Jesus disse no Evangelho: “se dois de vós, se colocarem de acordo, aqui na terra e pedirem em meu nome, ao meu Pai que está nos céus, Ele vos dará”, né. Então vamos pedir: “Eterno pai, em nome de Jesus, nós te pedimos, trinta milhões de cruzeiros, até amanhã na hora do almoço, porque nós precisamos”. Você imagine a nossa ousadia. Pedir e ainda impor condições. Como eu lhe disse, nós não tínhamos carro, não tínhamos telefone. Porque quando precisávamos ir telefonar para alguém, precisávamos ir até Cotia, no telefone público, ficar na fila esperando a telefonista completar a ligação [...]. Então no dia seguinte, às onze da manhã, chega de São Paulo uma focolarina com um telegrama, que vinha do Rio Grande do Sul e que uma família colocava a disposição da Mariápolis trinta milhões de cruzeiros. A mesma quantia que tínhamos pedido. E assim, a nossa construção nunca parou. Sempre foi para frente e hoje estamos aí. Antes era aquele grupinho pequenininho e hoje estamos aí, são 450 pessoas que moram na Mariápolis.

[...] Quando a Mariápolis já estava um pouco mais desenvolvida, com as construções, um empresário deu o asfalto interno, dentro do terreno do centro mariápolis. A um certo ponto Ginetta – Ginetta tinha uma fé que transportava montanhas, mas uma fé que realmente obtém tudo [...] – nos chamou e disse: “não adianta asfaltar só as ruas internas, nós temos que asfaltar as ruas externas também, porque nós tínhamos outros terrenos aqui, que eram os dormitórios [...] que adianta asfaltar as ruas internas e as ruas externas ficam sem asfalto. O barro está lá, vem aqui dentro”. [...] Aqui tinha só um pocinho pequeno, então todo final de semana (porque tinham os encontros) acabava a água. Enquanto as pessoas estavam na sala, nós íamos a casa da dona Joanita, que era um quarteirão para cima, mas naquela época era só sinal de rua, não existia rua [...] acabavam os encontros no domingo e tínhamos que limpar. Às vezes ficávamos até as duas da manhã, porque no outro dia tínhamos que ir pra São Paulo. [...] E foi interessante, quando recebemos este asfalto de presente, Ginetta disse que não poderíamos deixar as máquinas irem embora, porque nós nunca mais conseguiríamos fazer este asfalto [...], porque só transporte das máquinas seria custoso. Então nós colocamos todas as dificuldades. Nós não tínhamos um centavo. Nosso salário, nós colocávamos tudo em comum, ia tudo. [...] “Mas Ginetta, como é que a gente faz?” Não tínhamos dinheiro para pagar as prestações, custa caro, a gente foi ver o preço [...] Ela disse: “mas vocês ao como umas montanhas diante de mim. Eu tenho que transportar essas montanhas diante de mim para levar a obra de Deus para frente”. Aí a gente teve que fazer uma grande conversão dentro e acreditar na providência. Que se era uma obra de Deus, Deus não deixaria faltar. Naquela época Vargem Grande era um bairro de Cotia, mas um bairro isolado, há 15 quilômetros do centro da cidade, então não é que tinha grande interesse de desenvolver esse lado em Cotia. Mas em todo caso eu fui, fazer toda minha parte, falar com o prefeito. Consegui falar com o prefeito, expliquei toda nossa situação. Aí ele disse: “olha, não está no plano da prefeitura, o asfalto desse bairro, dessa região, - imagine aqui ficava ainda mais longe do centro do bairro. Era fora, era no meio do mato aqui – mas se vocês contatarem os moradores, os outros proprietários, se eles tiverem de acordo e eles pagarem o asfalto, aí nós podemos fazer algo por vocês”. Aí me

*encaminhou para o departamento de Obras. Aí eu fui, conversei muitas vezes com o engenheiro [...] Fizemos o orçamento do asfalto. Era um absurdo. Realmente nós não teríamos esse dinheiro. Mas em todo caso, fomos pra frente com o projeto. Aí a prefeitura se prontificou em fazer a medição das ruas. [...] E um focolarino, da região de São Paulo, viu que Ginetta estava sozinha com essa dificuldade. Ele vendeu um terreno e mandou o dinheiro para Ginetta começar o asfalto. E depois quando ele recebia as prestações dele e mandava todo mês pra Ginetta. Eu sei que nós fizemos o contrato, acreditando que Deus nos mandaria o dinheiro. [...] E começamos esse asfalto. Aí começam as chuvas, mas era barro que não acabava mais. Aí nós fomos ajudar asfaltar. Então os caminhões soltavam toda aquela massa, aquele betume nas nós atrás com aquela pá espalhando [...] e todas nós, as meninas. Eu mesma ajudei muito [...]. Sabe que nunca nós atrasamos uma prestação. Todos os meses, quando chegava o dia de pagar a duplicata, o dinheiro estava ali. [...] E se fosse contar todas as experiências, a Mariápolis toda foi assim.*

*Aí você vê: as três fontes de recursos foram: o nosso trabalho, a comunhão de bens e a Providência que nunca faltou, nunca faltou. Agora a gente vê a Mariápolis toda bonita, toda harmoniosa. [...] Para que a Mariápolis pudesse espelhar aquela realidade que Chiara nos disse: que Deus não é somente amor, Deus é beleza. Então através da beleza das nossas casas, pudesse espelhar, mostrar ao mundo a harmonia, a beleza que é Deus. [...] Depois você sabe que a lei da Mariápolis é a lei do amor recíproco, né. Então como todas as cidades tem suas leis, a lei orgânica do município, que regulamenta a vida do cidadão, também a nossa Mariápolis tem uma lei, que é: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei”. E Chiara diz que nem uma criança pode morar aqui nem uma hora se não estiver dentro dessa lei [...].*

*Então chegou a um certo tempo atrás, eu estava com um grupo de Campinas. Porque tanta gente vem visitar a Mariápolis [...]. E no final do dia, eu perguntei se alguém queria dizer alguma coisa. E um senhor disse: “olha eu sou médico, de Campinas, e quando cheguei aqui, vi tudo muito limpo, tudo bonito, harmonioso, e eu disse: isso aqui deve ser muito rico. De onde será que vem o dinheiro, quem financia, de onde vêm as verbas e comecei a fazer um questionamento dentro a respeito de tudo. Mas não disse nada a ninguém. A medida que foi passando o tempo, vocês forma me mostrando a Mariápolis, contando a história eu fui vivendo com vocês esse dia. Agora antes de sair eu não posso ir embora sem falar isso para vocês. Eu cheguei a conclusão de que tudo é bonito, tudo é harmonioso, mas porquê? Porque é uma obra de Deus, porque Deus não faz coisa mal feita. Só pode ser Deus que fez tudo isso [...].*

*Você sabe que uma característica do Movimento é a comunhão de bens, então tudo é colocado em comum. Nós por exemplo, que estamos nos focolares nós deixamos tudo e damos tudo, nós colocamos em comum nosso salário. Dentro do nosso movimento tem esse princípio, nós vivemos do nosso trabalho. Ninguém vive às custas dos outros, mas cada um é chamado a contribuir com seu próprio trabalho. É lógico que quem está desempregado, não é que vai morrer de fome, porque existe o amor ao irmão [...]. Mas mesmo desempregado ele pode trabalhar de outra forma, aqui dentro [...] como nós somos leigos, aqui na Mariápolis existe todo tipo de profissão, então cada um exerce sua profissão. E depois os jovens que vêm aqui também trabalham, prestam serviços aqui dentro. Nós temos vários ateliês de trabalho, nós temos marcenaria, serralheria, a*



*panificadora Espiga Dourada, malharia de modas, trabalho de reciclagem de papel, centro artístico, artesanato. Tudo isso são fontes de recursos para os jovens que trabalham, produzem e depois com a venda se consegue viver. Mas o dinheiro é colocado todo em comum. Cada casa coloca seu dinheiro em comum. Então nós fazemos um orçamento no início do mês. Quanto nós vamos precisar para aquele mês. Nós temos uma cota para alimentação, em cada casa, de acordo com o número de pessoas. Então o que acontece. Se tem uma sobra, essa sobra nós colocamos em comum. Projetamos antecipadamente: nós vamos precisar de tanto. [...] Então isso nos impede de comprarmos coisas supérflua, porque o que sobra para mim é o que falta para o outro. [...] Se tem outra casa, onde o que receberam não alcançou aquela cota, então o que sobrou daqui vai para lá. Então todos ficam com uma cota para viver. E se fazendo geral ainda sobrou vai para outra região que precisa, se em todo o Brasil sobrou, vai para outro país. Tem África, tem Ásia, têm tantos países pobres onde existe o movimento. É uma comunhão de bens organizada. Então que ninguém tem demais, mas todos têm de tudo, tudo é de todos. Como nos primeiros tempos do Cristianismo, que conta nos Atos dos Apóstolos, que “não existia indigentes entre eles” [...] Então essa vida que nós queremos viver. Mas lógico que queremos sempre melhorar, pois somos imperfeitos, mas estamos sempre tentando. [...] Isso entre as casa da Mariápolis, mas depois entre as famílias. [...] Elas também fazem um orçamento e são livres de colocar o que elas acham. Nós que deixamos tudo, que fizemos uma escolha radical (os focolarinos) de viver pela Igreja, de construir o Reino de Deus, nós deixamos tudo, deixamos família. Nós damos tudo, até o último centavo e pegamos a cota. Mas mesmo chegando a cota, em casa, na nossa comunidade, fica junto, não quer dizer que chegando na casa, fica comigo aquele dinheiro, fica na casa. Aí nós somos livres [...] de administrar aquele dinheiro, de comer isso ou comer. A gente administra como a gente quer aquela cota, juntas! Fazemos tudo junto, nada sozinho. [...] Juntas decidimos o que vamos comprar. [...] E nas famílias, eles fazem esse orçamento, mas as famílias são livres, porque nós não podemos interferir na vida da família. A família é uma organização sagrada, instituída por Deus [...] Então eles colocam em comum o supérfluo, segundo a consciência deles, assim como as pessoas que não se consagraram a Deus, que vivem a nossa espiritualidade. Nada forçado, tudo na liberdade, porque aquilo que tira a liberdade já não é mais cristianismo. Porque se você vê no comunismo, porque não funcionou? Porque tirou a liberdade do homem. Tinha um princípio muito bonito, que era fazer a comunhão de bens. Mas quando se tira a liberdade do homem, se tira o dom mais precioso que ele tem. Então quando você dá livremente, segundo a sua consciência, coloca em comum, então gera a vida dos primeiros cristãos, gera essa vida evangélica, que é aquela que reina aqui na Mariápolis. Por isso que não acaba, se alastra sempre mais e as pessoas vêm aqui pra ver como é que funciona. Como é que nós nunca recebemos verba do governo nenhum e chegamos a este ponto. [...] O evangelho é a solução. Se não se realizam as palavras de Jesus é porque nós não fazemos a nossa parte. [...] E a Mariápolis é essa prova concreta que o Evangelho é verdadeiro. Depois tem outra, a Mariápolis é aberta a todos. Nasceu no seio da Igreja católica. Mas nós somos filhos de um único pai, todos irmãos. Então o nosso ideal, aqui da Mariápolis, é construir a fraternidade universal. [...] Então nós recebemos pessoas que não são católicas, que não são cristãs, que não têm uma fé em um Deus, ou que simplesmente não têm um referencial religioso e todos se*

*sentem à vontade, se sentem bem aqui dentro. Você na Mariápolis não vê nenhuma estátua de Nossa Senhora, de santo. Nós temos a nossa devoção em Maria, mas por respeito a todos, para que todos se sintam em casa, para juntos construirmos essa realidade, que é a fraternidade universal, somos abertos a todos. Todos se sentem em casa. E se eles estão dispostos a construir, nós estamos prontos a fazer ações, a trabalhar juntos, de “mãos dadas” para construir um Mundo Unido.*

*Uma coisa importante na Mariápolis é que nada é feito individualmente. [...] Nem no nosso estatuto está previsto um presidente que tem poder. Mas existe presidente e co-presidente. A nossa administração é feita sempre, com no mínimo duas pessoas. Nós temos um conselho administrativo: que é o presidente e o co-presidente. Nós não temos o vice-presidente, nós temos o co-presidente, com poderes iguais que decidem juntos tudo. Mas ao redor desse presidente e co-presidentes existem os conselheiros, [...] que se reúne para decidir as coisas da Mariápolis. Aí tem o conselheiro do aspecto da economia e do trabalho; depois dos aspectos dos relacionamentos; da parte espiritual, da parte mais íntima que é a união com Deus; a saúde física e espiritual, o esporte [...]; a habitação, a parte externa, a harmonia; depois a sabedoria, o estudo e depois os meios de comunicação, a unidade.. Então na reunião, esse conselho [...] existe sempre de dois conselheiros de cada aspecto da nossa vida. Então é sempre um masculino e um feminino. Então a presidente, tanto mundial, como regional, será sempre uma mulher, segundo o estatuto. Uma leiga, nunca um padre, um religioso. E o co-presidente será sempre um homem, leigo também. [...] Porque é uma obra leiga. Então no nosso conselho, são sete aspectos. [...] Então são sete conselheiros da parte masculina e sete da parte feminina. Então são catorze, mais o presidente e o co-presidente, são 16 pessoas. Então esse conselho se reúne e traz os problemas referentes ao seu aspecto. Já visto junto. Esses conselheiros, um homem e uma mulher, daquele aspecto já conversaram antes. E juntos decidimos que atitude tomar, como resolver, o que fazer, como aplicar a comunhão de bens. Aquela família está passando dificuldade [...], como nós podemos ajudar? Ou então como levar pra frente esse plano, aquele outro [...] Então isso nos garante que não tem a idéia de um que comanda e os outros obedecem. Porque o princípio do nosso movimento é aquela frase de Mateus 18, 20: “Onde dois ou mais estiverem reunidos entre nós, eu estou no meio deles”, porque nós queremos que seja Jesus entre nós que governe. E como eu disse no início, só se nos amarmos é que podemos dar a possibilidade d’Ele fazer isso. [...] Esse é o segredo da Mariápolis.*